



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO COMUNICAÇÃO E ARTES**

**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DE MESTRADO/PPGE**

AREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, ESTADO E EDUCAÇÃO

**MONTEIRO LOBATO: CONSTRUÇÃO OU DENÚNCIA DO PENSAMENTO
RACISTA?**

ANA PAULA DE SOUZA FORMIGHIERI

CASCADEL – PR

2017



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO COMUNICAÇÃO E ARTES**

**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DE MESTRADO/PPGE**

AREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, ESTADO E EDUCAÇÃO

**MONTEIRO LOBATO: CONSTRUÇÃO OU DENÚNCIA DO PENSAMENTO
RACISTA?**

ANA PAULA DE SOUZA FORMIGHIERI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, área de concentração Sociedade, Estado e Educação, linha de pesquisa: História da Educação, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE – Campus de Cascavel, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre(a) em Educação.

Orientador(a): Profa. Dra. Aparecida Favoreto.

CASCADEL – PR

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

F822m

Formighieri, Ana Paula de Souza
Monteiro Lobato: construção ou denúncia do pensamento racista?. / Ana Paula de Souza Formighieri.— Cascavel, 2017.
140 f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Aparecida Favoreto

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná,
Campus de Cascavel, 2017.
Programa de Pós-Graduação em Educação

1. História da Educação. I. Favoreto, Aparecida. II. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. III. Título.

CDD 20.ed. 370.9
CIP – NBR 12899

Ficha catalográfica elaborada por Helena Soterio Bejio – CRB 9^a/965



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Cascavel CNPJ 78680337/0002-65
 Rua Universitária, 2069 - Jardim Universitário - Cx. P. 000711 - CEP 85819-110
 Fone:(45) 3220-3000 - Fax:(45) 3324-4566 - Cascavel - Paraná



PARANÁ

GOVERNO DO ESTADO

ANA PAULA DE SOUZA FORMIGHIERI

Monteiro Lobato: construção ou denúncia do pensamento racista?

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestra em Educação, área de concentração Sociedade, Estado e Educação, linha de pesquisa História da Educação, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:

Orientador(a) - Aparecida Favoreto

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Maria Cristina Gomes Machado

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Maria Inálva Galter

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

José Carlos dos Santos

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Cascavel, 15 de maio de 2017

Àqueles que trazem luz, amor e leveza a minha vida:

Marco Antônio, meu pai, meu porto seguro.

Maria Salete, minha mãe, meu exemplo.

Mayra Santos, minha companheira, meu ar.

AGRADECIMENTOS

A trajetória para a construção do conhecimento é uma estrada tortuosa, cheia de desafios que em muitos momentos nos fazem querer desistir. Mas há aqueles que nos acompanham neste caminho, mostrando as direções, oferecendo abraços carinhosos ou apenas deixando este caminhar mais leve e divertido. A vocês, todo o meu carinho, meu respeito e minha eterna gratidão.

À professora Dra. Aparecida Favoreto, que esteve ao meu lado em todos os momentos, humildemente compartilhando o imenso conhecimento que possui, me orientando e me estimulando ir sempre além;

Aos professores Dra. Maria Cristina Gomes Machado, Dra. Maria Inalva Galter e Dr. José Carlos dos Santos, por aceitarem compor a banca examinadora e por suas contribuições essenciais para o desenvolvimento desta dissertação;

À professora Dra. Edaguimar Ortizes, que gentilmente compôs a banca examinadora da qualificação desta dissertação, contribuindo imensamente para as reflexões presentes neste trabalho;

Aos professores e funcionários que compõem o colegiado do Mestrado em Educação da Unioeste, que sempre exerceram suas funções de forma respeitosa, contribuindo não apenas para a formação acadêmica, mas essencialmente para a formação humana dos discentes;

Aos colegas de turma, em especial aos da linha de pesquisa em História da Educação, pelos momentos de estudos, de conversas e de desespero que passamos juntos;

À Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED), que, respeitando a lei que garante ao servidor público o afastamento do trabalho para estudo e formação continuada, me possibilitou afastamento de 20 horas semanais, para frequentar as aulas do programa e produzir esta pesquisa;

A todos os colegas professores e agentes I e II das escolas em que atuo, CEEBJA Wilson Antônio Neduziak e Colégio Estadual São Cristóvão, que sempre me incentivam a seguir na vida acadêmica. Em especial aos amigos e diretores Celso (CEEBJA) e Sebastião (São Cristóvão), que sempre ajudaram a organizar meus horários de trabalho de uma forma que eu pudesse me dedicar ao programa de mestrado.

À minha amiga Fernanda Pedrita Vicente, que me ajudou na elaboração e na correção do projeto de pesquisa, sem o qual eu não teria conquistado uma vaga neste programa;

À minha amiga Dhandara Capitani, por aceitar fazer a correção deste trabalho em tempo recorde e a tradução do *abstract* de um dia pro outro;

À Turma da Maisena, meus eternos amigos, Doni, Eder, Fran, Deia, Denise, Ariel, Darlan e Dani, sempre dispostos a fazer uma noite de sábado, que seria cheia de leituras e estudos, virar um grande churrasco.

À turma do fundão do curso de Pedagogia, meus queridos amigos Henrique, Fran, Adri Amarante, Adri Samuelson, Jaque e Jéssica, por me acompanharem nestes dois anos que resolvi fazer o curso de graduação junto com o mestrado. Foi difícil, mas eu consegui – e a ajuda de vocês foi essencial!

A todos os familiares, que, mesmo distantemente, sempre me enviam energias positivas;

Aos meus irmãos, Marco, Marcelo e Fabio, que de uma forma ou de outra sempre me estimulam a ir além e a me dedicar cada vez mais aos estudos, seja pelo apoio ou pelo desafio;

À minha avó Aracy, uma grande incentivadora.

Aos meus pais, Marco e Salete, tudo o que sou devo a vocês. Amor incondicional. Porto no qual sempre vou procurar abrigo, seja para encontrar apoio ou apenas para conversar sobre luta, futebol e tomar uma saborosa xícara de café;

À Mayra, minha companheira, amiga, exemplo de superação com quem tenho orgulho de compartilhar sonhos, amor e toda uma vida;

Por fim, agradeço a todos e todas que se dedicam a contribuir para a construção de uma sociedade na qual as diferenças físicas, de orientação sexual, de credo religioso ou qualquer outra característica que possa ser motivo de segregação sejam vistas como meros detalhes na vidas das pessoas, pois o respeito, a fraternidade e a justiça social estarão acima destas diferenças.

E quem garante que a história
É carroça abandonada
Numa beirada de estrada
Ou numa estação inglória

A história é um carro alegre
Cheio de um povo contente
Que atropela indiferente
Todo aquele que a negue

É um trem riscando trilhos
Abrindo novos espaços
Acenando muitos braços
Balançando nossos filhos

Cancion por la unidad latino americano
(1978) Pablo Milanes e Chico Buarque de
Holanda.

FORMIGHIERI, Ana Paula de Souza. **Monteiro Lobato: Construção ou Denúncia do Pensamento Racista?**. 2017. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de concentração: Sociedade, Estado e Educação, Linha de Pesquisa: História da Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2017.

RESUMO

Nos últimos anos muitos questionamentos surgiram em relação ao suposto racismo expresso em cartas e na literatura de Monteiro Lobato. Neste embate, diversos segmentos se posicionam de formas diferenciadas, no que se refere à definição e à forma sobre como usar as obras de Lobato na educação escolar. Sem desconsiderar o debate, sentimos a necessidade de desenvolver uma pesquisa com a intenção de analisar Monteiro Lobato e sua produção literária em relação ao contexto histórico-social do autor. Buscamos compreender suas obras e seu pensamento na perspectiva do contexto histórico, contemplando os limites teóricos, científicos, culturais e legislativos de sua época. Da mesma forma, objetivamos verificar como Lobato dá voz a suas personagens no interior das obras: *Negrinha* e *O Presidente Negro*. Nesta questão, mais do que observar as palavras e/ou comportamentos individuais das personagens, buscamos averiguar em quais personagens ele situa o uso dos adjetivos pejorativos, quais são os seus comportamentos no conjunto da trama e quais mensagens são expressas sobre a questão racial. A metodologia de pesquisa utilizada foi a de revisão bibliográfica e pesquisa qualitativa, tendo em vista que, por se tratar de um trabalho voltado para a compreensão de Lobato no seu processo histórico, fez-se necessário efetivar leituras de teóricos, legislações e documentos que nos possibilitam compreender o momento que construiu o escritor enquanto sujeito histórico. Estabelecendo relações entre as afirmações dos personagens e o desenvolvimento da trama e entre a produção lobatiana e o seu contexto histórico, cuidamos para não cobrar do autor a consciência, a linguagem e a forma de abordagem que são próprias do século XXI, o que nos indica caminhos sobre a utilização e contribuições das obras Lobatianas no processo educativo. Desta forma, concluímos que Lobato foi um interlocutor dos diversos pensamentos expressados na primeira metade do século XX e, portanto, não podemos caracterizá-lo como racista ou promotor de segregação racial, baseando-se apenas em recortes de sua produção. Sua história de vida e suas obras são importantes fontes históricas, que possibilitam indicar pistas sobre a complexidade social e racial em que foi constituída a história brasileira, complexidade esta que impera até os dias atuais.

Palavras chave: Monteiro Lobato; Análise Histórica; Racismo; Educação.

ABSTRACT

In the last few years, questions have emerged related to the supposed racism expressed in letters and in the literary work by Monteiro Lobato. In this context, different groups take diverse stands on the matters of how to define and how to use Lobato's work in the classroom. Without disregarding the debate, there is the need to carry out the present research, with the intention of analysing Monteiro Lobato and his literary work within his social and historical context. His work and his way of thinking were studied in the perspective of his historical context, considering the theoretical, scientific, cultural, and legislative limitations of his time. In the same perspective, it was attempted to verify the way Lobato gives voice to his characters in his fictional works: *Negrinha* and *O Presidente Negro*. In this case, more than noting the words and individual behavior of the characters, it is also observed in which characters the demeaning adjectives are used, what their behavior is throughout the plot and what messages are expressed about the racial issue. This study starts from the assumption that analyzing terms individually does not expose the author's racism, making it necessary to understand his work within the set of social elements of his time. The research methodology used was literature review and qualitative research, considering that, as it is aimed to comprehend Lobato's work as a historical process, it becomes fundamental to carry out theoretical and legislative documents that might enlighten the context that constituted the author as a historical character. Monteiro Lobato is considered an important author to understand and reflect upon Brazilian memory, especially when it comes to culture and its influence in education. It is important to highlight that the present context demands severe opposition against racism, lest reproducing historical prejudice against the Negro. Establishing connections between the characters' declarations and the plot's development, as well as between Lobato's production and his historical context it was assured not to require from the past the same kinds of consciousness, language, and approach that are from the 21st century. Thus, it is concluded that Lobato was an interlocutor of the different lines of thought expressed in the beginning of the 20th century; therefore, he cannot be considered racist or a spokesperson for racial segregation through only excerpts from his literary work, since his life and his work are important historical sources that enlighten the social and racial complexity that constitutes the Brazilian society to this day.

Key word: Monteiro Lobato; Historical Analysis; Racism; Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. RACISMO E MONTEIRO LOBATO: DEBATES E TRANSFIGURAÇÕES	20
2.1 Freyre: Democracia Racial no Brasil	20
2.2 A origem do conceito raça e do preconceito racial: teóricos internacionais e brasileiros	22
2.3 Lobato no banco dos réus	37
2.4 Em defesa de Lobato	51
3. “PRETERITOSCÓPIO”: UMA VIAGEM NO TEMPO EM BUSCA DE MONTEIRO LOBATO	61
3.1 Biografias e Memórias: Comentários acerca de Monteiro Lobato	62
3.2 Narrativas em Fragmentos: Lobato por ele mesmo	68
3.3 Ninguém se constrói sozinho: influências na formação de Monteiro Lobato	78
4. DA SENZALA A PRESIDÊNCIA: A REPRESENTAÇÃO DAS QUESTÕES RACIAIS NA PRODUÇÃO LOBATIANA	89
4.1 Negrinha: denuncia ou reforço do racismo em Lobato?	90
4.2 O Choque das Raças ou o Presidente Negro: o futuro chegou, mas a questão da raça não cessou	97
4.2.1 “Porviroscópio” (2228): A história do choque	107
4.3 Interlocuções entre Negrinha e o Presidente	114
5. CONCLUSÃO	11
6	
6. REFERÊNCIAS	120
7. APÊNDICE	126

MONTEIRO LOBATO: CONSTRUÇÃO OU DENÚNCIA DO PENSAMENTO RACISTA?

1 INTRODUÇÃO

Muitos dos aficionados pela leitura na atualidade, cresceram e desenvolveram o gosto pela literatura por meio das fantásticas histórias criadas por Monteiro Lobato, autor que possui o poder de encantar, amedrontar, entristecer e divertir por meio de seus textos, que transitam entre uma literatura suave, crítica e por vezes ríspida.

Com pai e mãe zelosos, que buscavam assegurar a sua filha o acesso ao conhecimento e estimular o prazer pela leitura, sempre me presenteavam com os livros, assim me tornei leitora, por meio do Sítio do Pica Pau Amarelo, das aventuras vividas nas Caçadas de Pedrinho e com diversos outros clássicos da literatura infantil. Quando me tornei professora de Arte, passei a utilizar o conto Negrinha como instrumento para trabalhar teatro, realizando leituras dramáticas e a contextualização histórica do texto, buscando atender a demanda da Lei 10.639/03, que visa promover uma educação antirracista, mas minha intenção sempre foi orientar meus alunos para a formação de um pensamento que valorize a igualdade e o respeito. Portanto, este meu contato pretérito com a produção lobatiana e a minha experiência como docente me estimularam a produzir esta pesquisa, pois ao ver tantas críticas e acusações a pessoa e as obras de Lobato, percebi que elas não faziam jus às lembranças carinhosas que mantenho por Pedrinho, Narizinho, Dona Benta e Tia Nástacia, nem coadunam com a forma que encontrei para utilizar seus textos em aula.

Mas entre o reconhecimento inquestionável da qualidade artística deste autor e ideias que pululam seus textos, algumas questões devem ser analisadas com atenção para que possamos compreender seus pensamentos, sobretudo, no que se refere ao racismo, tema que se encontra em evidência, sobre o qual se apresentam análises diferenciadas.

Para refletir sobre a questão, recuperamos alguns argumentos atuais que tratam sobre a problemática, buscando capturar quais são os principais elementos destacados nas críticas e defesas ao autor. Porém, nosso principal objetivo é refletir historicamente sobre a questão racial em Monteiro Lobato. Neste mesmo segmento,

pretendemos verificar como Monteiro Lobato dá voz às figuras dramáticas no interior das suas obras, verificando em quais personagens ele situa a origem dos adjetivos e comportamentos em relação à questão racial.

Delimitamos o recorte temporal entre o nascimento (1882) e a morte (1948) de Monteiro Lobato, haja vista a necessidade de perceber o processo histórico no qual o autor se desenvolveu bem como os fatos históricos significativos do período.

Neste sentido, entre os objetivos, pontua-se o interesse em realizar uma análise de suas obras e de seu pensamento em relação ao contexto histórico da sua época, atentando-se para os limites teóricos, culturais e legislativos do período. Igualmente, busca-se compreender o debate sobre o racismo no Brasil e, para isto, utiliza-se das obras de Lobato como um registro do pensamento circulante em um momento no qual as relações sociais entre negros e brancos ainda não se camuflavam em torno de leis que pairam sobre comportamentos aceitáveis. Desta forma, apresenta-se o debate em torno do racismo presente ou não na obra e no pensamento de Lobato. Também, procura analisar o que é racismo e como ele é compreendido e utilizado nos diferentes momentos históricos. Para refletir sobre a questão racial na obra de Lobato, vamos além de alguns trechos isolados, selecionados de suas correspondências e obras diversas, busca-se fazer uma análise das obras *Negrinha* e *O Presidente Negro* (*O Choque das Raças*).

Para conseguirmos analisar os objetivos supracitados, perguntamo-nos: quem de fato foi Lobato? Como se deu sua construção histórica? Se a vida imita a arte ou a arte imita a vida, quanto de Lobato realmente existe em suas obras, ou será que suas obras apenas registram o pensamento predominante na época? Como é a relação do autor com grandes teóricos de sua época? Quem ele admirava e criticava e quanto destas posições ele levou para suas atividades literárias? De forma geral, por intermédio de algumas obras escritas por Monteiro Lobato em relação ao contexto histórico da época, busca-se compreender um fragmento do debate em torno do racismo no Brasil.

Neste aspecto é necessário considerar que, ao realizarmos um painel da legislação brasileira sobre a questão racial na primeira metade do século XX, identificamos a criação do Código Penal em 1940, faz referência apenas ao crime de injúria, que abarca diversos aspectos como etnia, religião, cor ou origem, não tratando especificamente sobre racismo. Em 1989 a Lei nº 7.716 tipificou os Crimes Resultantes de Preconceito de Raça e de Cor, caracterizando desta forma a criação

do crime de racismo. Percebemos então que, mesmo a questão racial sendo parte de diversos debates, no Brasil e no mundo, o racismo tomou caráter de crime somente 41 anos após a Morte de Monteiro Lobato, o que justifica a necessidade de conceder o olhar histórico a produção lobatiana que propomos com esta dissertação.

Considerando os aspectos legais supracitados, reforça-se a necessidade desta pesquisa, em razão de que nos últimos anos, muitos questionamentos surgiram em relação ao suposto racismo nas obras de Lobato. Diversos segmentos que lutam pela efetivação de direitos e de políticas públicas afirmativas para negros apresentam as obras de Monteiro Lobato como promotoras de racismo, sendo ele identificado como um algoz deste povo marcado pela escravidão no passado. Desta forma, muitos declaram que sua produção literária anuncia o racismo presente em seus princípios ideológicos.

Entre as acusações de serem as obras de Monteiro Lobato divulgadoras de racismo contra os negros, merece destaque o Mandado de Segurança, (MS 30952)¹ efetivado em 2011, a pedido do Instituto de Advocacia Racial (IARA)² e por Antônio Gomes da Costa Neto³. Neste mandado, seus autores se posicionam contra o parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) que liberou o uso da obra “As caçadas de Pedrinho”, que foram adquiridas em 2009 pelo Programa Nacional da Biblioteca (PNBE) e distribuída para escolas públicas de todo país. Citando passagens da obra, os autores buscam demonstrar que o uso das obras no Ensino Fundamental descumpra os preceitos legais para uma Política Pública para a Educação Étnico-Racial no país.

Impulsionado ou não pela polêmica gerada a partir do Mandado de Segurança supracitado, um movimento de denúncias surgiu apontando que Monteiro Lobato e suas obras demonstram um posicionamento racista contra os negros. No caso, é

¹ Mandado de Segurança disponível em: <<http://stat.correioweb.com.br/arquivos/educacao/arquivos/0004PeticaoInicial-PeticaoInicial18820110.pdf>>

² Os advogados do IARA entram com mandado de segurança MS. 30952, no qual afirmam que a obra “As caçadas de Pedrinho” apresentam forte elementos racistas e contra as obras, argumentam que o negro não pode ser visto como um eterno escravizado. O Referido mandado de segurança foi julgado inviável pelo ministro Luiz Fux. Maiores informações sobre este caso pode ser encontrada no site do Superior Tribunal Federal:

<<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=282504>>

³ Técnico em Gestão Educacional da Secretaria de Educação do Distrito Federal, Perito Judicial em Educação e Relações Étnicas – Raciais, Mestre em Educação (UNB 2010); Cf. lattes: <http://buscav.cnpq.br/buscav/#!/espelho?nro_id_cnpq_cp_s=4154607294858508>

importante citar a publicação da edição 165 de maio de 2011, da Revista Bravo⁴, na qual o jornalista André Nigri publica um artigo denunciando Monteiro Lobato como racista. Neste sentido, apresenta trechos de cartas trocadas entre Monteiro Lobato, Renato Kehl (1889–1974) e Arthur Neiva (1880-1943)⁵ que mostram uma forma supostamente pejorativa de Lobato se referir aos negros, além de fazer menção, num tom nada crítico, à organização racista norte americana *Ku Klux Klan*. De fato, tais denúncias, fomentaram um grande debate sobre ser ou não o escritor racista e se suas obras são divulgadoras de racismo, denúncias estas que resultaram na publicação de diversos outros artigos em revistas, jornais e comunicados em redes sociais.

Em movimento antagônico ao citado anteriormente, há aqueles que defendam a leitura das obras de Lobato e preferam não impor a ele a pecha de racista. Neste aspecto, citam sua valorosa produção artística e literária e consideram que ele fez importantes contribuições para o desenvolvimento da literatura brasileira, em especial a infantil. Nesta perspectiva citamos Pedro Bandeira⁶, que em entrevista à Revista Escola⁷, afirma que os livros como *Reinações de Narzinho*, *Caçadas de Pedrinho* e *A chave do tamanho* deveriam ser lidas pelas crianças nas escolas.

Sobre as obras direcionadas ao público infantil, de forma geral, é possível afirmar que Lobato tem um papel importante na história brasileira. Lobato trouxe visibilidade ao mundo pueril, inserindo as crianças no cenário literário nacional. Produziu uma literatura atraente para este público, que muitas vezes encontra-se em processo de alfabetização e letramento, inspirando-as compreender os símbolos da escrita para poder enveredar pelo mundo mágico do sítio ou da vasta produção infantil do escritor brasileiro. Por intermédio das aventuras vividas pelos personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo, muitas crianças da atualidade entram no mundo da imaginação

⁴ Trata-se de uma revista de tiragem mensal da Editora Abril, que iniciou suas atividades em 1997 e encerrou em 2013. Tinha o intuito de fazer críticas e trazer informações sobre a produção artística e cultural nacional e internacional.

⁵ Sobre Renato Kehl e Arthur Neiva, é importante mencionar que Aluizio Alves Filho (2016) os apresenta como defensores da eugenia. Sobre isto, veja: <<http://www.revistapassagens.uff.br/index.php/Passagens/article/view/92/98>>

⁶ Escritor brasileiro da literatura infanto-juvenil, criador de obras como: *O Fantástico Mistério de Feiurinha* e *A Marca de uma lágrima*.

⁷ O vídeo da entrevista no qual o autor Pedro Bandeira conta sua relação com as obras de Monteiro Lobato e defende seu uso nas escolas, pode ser visualizado no link a seguir: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/video-pedro-bandeira-defende-leitura-monteiro-lobato-escola-623316.shtml>>.

criado por Lobato e neste ingresso, vivem as alegrias, os temores e as aventuras das personagens, além de conhecer parte do folclore brasileiro.

Monteiro Lobato não só escreveu para o público infantil, também escreveu para o público adulto, publicando artigos sobre temas como artes, política, questões sociais e literaturas. Neste rol de publicações, ele produziu obras como: *Velha Praga* (1914)⁸, *Negrinha* (1920), *Presidente Negro* ou *O Choque das Raças* (1926) entre outros títulos.

Essas três produções, de imediato, nos chamam atenção pela forma que o Lobato trata dos problemas sociais e culturais. Em especial, os dois últimos romances nos chocam pelos adjetivos empregados e a forma que ele descreve o tratamento truculento direcionado aos negros, nos provocando sensações ambíguas em relação às suas obras. Neste aspecto, nosso interesse recai na análise dos últimos dois romances citados. Entretanto, isto não implica que outras obras não sejam estudadas e citadas no decorrer do trabalho.

No que se refere à análise do autor Monteiro Lobato e de sua vasta produção literária, é importante grifarmos que, em que pese a forma como ele se refere aos personagens negros, não partimos do princípio que tal forma, por si, evidencia que o autor é racista. Neste aspecto, defendemos que tal afirmativa só é possível ser feita mediante uma pesquisa que vá além dos termos, do autor e de suas obras.

É necessário compreender o autor no conjunto de elementos sociais de sua época, ou seja, é necessário caminhar pelos trilhos da história. Sobre esta questão, apoiando-nos em Marx (1998), é possível afirmar que o sujeito é um ser biológico e social, portanto somos todos participantes, construtores e construídos por um processo histórico e cultural. No caso, grifa-se que o ser humano é um ser cultural e, assim, para refletir sobre o autor e suas obras, se faz necessário pensá-lo em relação ao contexto histórico-social.

Nesta perspectiva, talvez Lobato não deva ser culpabilizado como um criminoso, mas, diante da problemática racial ainda presente no Brasil, também não devemos eximi-lo de sua responsabilidade no que tange as complexas relações raciais existente entre negros e brancos em suas obras.

⁸No conto *Velha Praga*, Lobato apresenta sérias críticas a forma como o sertanejo tratava a terra e se portava diante do sistema produtivo. Nesta obra, ele qualifica o homem do campo como “caboclo”, atribuindo-lhe o nome de Jeca Tatu.

Desta forma, este trabalho “[...] não se trata de elaborar uma análise da história tribunal, aparentemente preocupada em recuperar a história dos vencidos” (BRANDÃO, 2006, p.116), mas de verificar o contexto sócio-histórico brasileiro das primeiras décadas do século XX e verificar o que possa ter influenciado Lobato a escrever de tal forma sobre as relações raciais, essencialmente sobre a relação entre brancos e negros. Trata-se de captar no interior das obras de Monteiro Lobato as razões dele por optar em utilizar palavras tão degradantes na voz de alguns de seus personagens ao se referirem aos personagens negros.

Assim, pontua-se que, para fazer tal discussão, se faz necessário considerar o contexto da época, ação essa, na qual encontramos dificuldades, pois por nos encontrarmos já em momento posterior à primeira década do século XXI, temos a consciência de que passamos por transformações sociais, culturais e legislativas que nos diferenciam da época de Monteiro Lobato. É preciso considerar que muitas das críticas atuais direcionadas a Lobato correspondem a compreensão do que configura como racismo no contexto contemporâneo, apreensão esta que acreditamos ter aspectos diferentes do que se entendia sobre racismo na época em que o escritor produzia seus textos.

Porém, tal pesquisa nos envolve em uma difícil problemática, pois, de um lado, existe um conjunto elementos que pontuam a necessidade de romper com o pensamento escravocrata do passado que subordina o negro a um lugar de coadjuvante no processo histórico do país. Por outro lado, Monteiro Lobato é uma referência na literatura brasileira, principalmente infantil, o qual traz importantes registros da cultura brasileira, o que implica na necessidade de ser lido. Assim, concordamos com Silva (2014, p. 65), quando afirma que: “Num meio cultural agitado ora pelas discussões de inferioridade racial do mestiço, ora pela pintura ufanista do caboclo, é compreensível que a personagem lobatiana causasse tanta celeuma”.

De modo geral, Lobato é um autor importante para conhecer e refletir sobre a história, principalmente, no que se refere à cultura brasileira e seus reflexos sobre a educação. Sendo assim, as obras de Lobato são importantes fontes históricas, as quais podem indicar pistas sobre a complexidade social e racial em que foi constituída a história brasileira.

Sabemos que a relação racial no Brasil nunca se efetivou de uma forma harmônica e tranquila, bem como sabemos que a abolição da escravatura, sancionada em 13 de maio de 1888, não reduziu a problemática da relação entre brancos e negros

e nem eliminou definitivamente a cultura escravocrata. Porém, estas questões são complexas, cheias de subterfúgios que exigem cuidado para não acusar ninguém indevidamente, como também, deve-se cuidar para não isentar ninguém de sua responsabilidade com o social e respeito humano.

A atualidade exige uma oposição firme ao racismo, sem a qual, corre-se o risco de continuar a reproduzir o ranço histórico em relação ao negro. Porém, ao nos referirmos aos autores do passado, outros cuidados são necessários. No caso, é recomendável não cobrar do passado a consciência, a linguagem e a forma de abordagem que são próprias da atualidade. Neste aspecto, precisamos estar atentos para não desviar da questão central da pesquisa e nos deixar levar por questões pessoais e/ou limitadas ao aparente.

Nosso olhar para as relações sócio-raciais nas obras de Lobato, em razão das considerações supracitadas, se dará pela utilização da metodologia de pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica, evidentemente, lida e refletida de acordo com o nosso referencial teórico. Para isto, nos baseamos em teóricos que pesquisaram sobre o pensamento e os acontecimentos do período, buscando construir uma teia histórica que nos possibilite encontrar respostas sobre como se deu o processo de construção das obras do autor.

É importante ressaltar que neste trabalho, a escrita será apresentada na primeira pessoa do plural, pois muitas são as contribuições consideradas na elaboração do estudo e, como afirma Favoreto (2008),

Alguns professores da graduação, mestrado e doutorado, alunos, colegas de trabalho, escolas visitadas e textos lidos, nos ensinaram, trouxeram novos desafios, quebraram verdades e semearam outras esperanças. O que nos obriga escrever a pesquisa na primeira pessoa do plural – nós. Isto também indica que as reflexões aqui apresentadas, foram construídas no decorrer de relações acadêmicas, profissionais e pessoais, de modo que estão sujeitas a novas reformulações (FAVORETO, 2008 p.20).

A organização desta dissertação se dará em cinco seções que serão organizadas de acordo com a sistematização do assunto que possibilite maior apropriação e entendimento do leitor sobre o tema.

A primeira seção trata-se da Introdução. Na segunda seção desenvolveremos considerações sobre o que é racismo, o seu conceito na atualidade e no início do

século XX e teceremos considerações sobre autores que refletem sobre Lobato em diferentes perspectivas seja, acusando-o ou defendendo-o.

Na terceira seção, faremos uma apresentação de Monteiro Lobato, evidenciando seu alinhamento teórico, produções artísticas e literárias, trabalhos desenvolvidos fora do espaço literário e outros aspectos poucos explorados nas publicações existentes sobre Lobato. Construiremos então uma relação entre o autor e o momento histórico do Brasil, entre sua vida e morte, atendo-nos aos aspectos, políticos, teóricos, econômicos, sócio-racial, cultural, legislativo e educacional.

Na quarta seção, faremos uma apresentação das obras escolhidas para análise neste estudo, *Negrinha* e *O Presidente Negro* e consideraremos as falas dos personagens lobatianas em relação ao negro nestas obras, buscando refletir sobre o racismo e onde ele se encontra. Nesta seção, a questão central é verificar se o racismo está no tratamento pejorativo, o qual se considerarmos nossa compreensão contemporânea, muitas vezes é utilizado por Lobato, ou está na estrutura social e todo seu contexto, sendo então sua obra uma denúncia ao tratamento e/ou valor social dispensado ao negro no Brasil.

Como conclusão das reflexões aqui reunidas, na quinta seção apresentam-se algumas considerações sobre ser ou não Monteiro Lobato em defensor do pensamento racista. Neste aspecto, temos interesse em construir subsídios teóricos para nos posicionar perante o debate historiográfico atual e, no mesmo sentido, traçar considerações sobre a atual e necessária luta contra o racismo. Neste último aspecto, nossa intencionalidade é ir além da aparência ou das fraseologias⁹ e atingir os fundamentos do mesmo.

⁹ O termo fraseologias foi utilizado por Marx e Engels (1998, p. 09), em *A Ideologia Alemã*, no sentido de apontar a fragilidade da crítica promovida pelos jovens hegelianos à moral egoísta predominante na época. Para os co-autores, os jovens hegelianos propunham mudar o mundo, mudando apenas consciência. Assim, apenas usavam fraseologias para se opor a outras fraseologias e “não lutam de maneira alguma contra o mundo” que mantinha o egoísmo.

2 RACISMO E MONTEIRO LOBATO: DEBATES E TRANSFIGURAÇÕES

- A História é o mais belo romance anedótico desde que aprendeu a escrever. Mas que tem com o passado a história? Toma dele fatos, personagens e os vai estilizando ao sabor da imaginação artística dos historiadores. Só isso.
- E os documentos de época? – insisti.
- Estilização parcial feita pelos interessados, apenas. Do presente, meu caro, e do passado só podemos ter vagas sensações. (LOBATO, 2009, p. 59).

Nesta seção, apresentaremos considerações sobre o conceito racismo. Neste sentido, serão apresentadas reflexões sobre a questão racial, buscando destacar alguns supostos fundamentos do racismo na sociedade, dando especial atenção para se compreender o tratamento dessa questão no processo histórico brasileiro. Para isto, é verificado como a questão racial é tratada no decorrer do desenvolvimento histórico e nas legislações brasileiras, verificando como a questão aparecia no contexto político e legislativo da época de Lobato. Nas subseções constarão considerações sobre teóricos que vislumbram Lobato como um racista e outros que acreditam não ser possível fazer tal afirmação, promovendo um debate entre as duas partes. Acreditamos que desta forma o leitor possa obter por meio da leitura deste trabalho considerações para a formulação de seu próprio posicionamento acerca do tema.

2.1 Freyre: Democracia Racial no Brasil

No Brasil, é comum encontramos pessoas que negam a existência do racismo ou quando concordam que ele possa existir, afirmam que é ameno e não gera grandes problemas sociais. No processo histórico brasileiro, por muitas vezes encontramos pessoas afirmando que aqui existe uma democracia racial¹⁰. Neste sentido, partem da premissa de que, no Brasil, a discriminação racial não se efetiva de forma significativa entre seus compatriotas, em razão de existir harmonia entre as diversas raças que formam esse país e no qual há uma mistura significativa entre elas.

Porém, destacamos que a tese de democracia racial é muito complexa e carrega em si contradições. De um lado, pode ser real, visto que no Brasil deparamos

¹⁰ Teóricos que defendem o conceito de democracia racial ou o relacionam com uma política antirracista; conferir Donald Pierson (1900-1955) e Alberto Guerreiro Ramos (1915-1983).

constantemente com o fenômeno da mistura das raças. Por outro lado, este pode ser apenas um discurso que serve para camuflar as diversas situações de racismo que presenciamos ao longo da história no Brasil e nem sempre são formalmente denunciadas. Assim, parte das misturas das raças existentes no país, nem sempre ocorreu de forma consensual, sendo fruto do processo da recolonização européia no Brasil e fruto do estupro de mulheres negras e indígenas. Sobre isto, Zamora (2007, p. 312) destaca que “[n]o Brasil, chamou-se romanticamente de ‘miscigenação’ e de ‘mestiçagem’ ao processo de ‘embranquecimento’ promovido através do estupro sistemático de mulheres e meninas índias, negras e mestiças”.

Segundo Souza (2000), parte desta suposta harmonia racial pode ser creditada ao sociólogo Gilberto Freyre, que em sua obra *Casa-Grande e Senzala*, escrita em 1933, expressou o princípio desta democracia racial. Conforme o autor:

Gilberto teria construído a contrapartida teórica de uma noção rósea e humanitária do passado escravista brasileiro, abrindo a possibilidade de constituição de uma ideologia social apenas aparentemente inclusiva e extremamente eficiente (SOUZA, 2000, s/p).

Podemos perceber esses apontamentos de Souza, no texto do próprio Freyre:

Vencedores no sentido militar e técnico sobre as populações indígenas; dominadores absolutos dos negros importados da África para o duro trabalho da bagaceira, os europeus e seus descendentes tiveram entretanto de transigir com índios e africanos quanto as relações genéticas e sociais. A escassez de mulheres brancas criou zonas de confraternização entre vencedores e vencidos, entre senhores e escravos. Sem deixar de ser relações – as dos brancos com as mulheres de cor – de ‘superiores’ com ‘inferiores’ e, no maior número de casos, de senhores desabusados e sádicos com escravas passivas, adoçaram-se, entretanto, com a necessidade experimentada por muitos colonos de constituírem família dentro dessas circunstâncias e sobre essas bases. A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que de outro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala. O que a monocultura latifundiária e escravocrata realizou no sentido de aristocratização, extremando a sociedade brasileira em senhores e escravos, com uma rala e insignificante lambujem de gente livre e sanduichada entre os extremos antagônicos, foi em grande parte contrariada pelos efeitos sociais da miscigenação. A índia e a negra-mina a princípio, depois a mulata, a cabrocha, a quadrarona, a oitavona, tornando-se caseiras, concubinas e a esposas legítimas dos senhores brancos, agiram poderosamente no sentido de democratização social no Brasil. (FREYRE, 2006, p.33. Grifos nossos).

Neste trecho Freyre nos apresenta uma aparente relação harmônica entre as três raças que compõem o Brasil: o índio, o negro e o europeu. Pela miscigenação, faz alusão a uma inclusão.

Percebemos, então, uma inclusão que não inclui. Visto que o próprio autor menciona que a miscigenação em larga escala praticada no Brasil, deve-se à escassez de mulheres brancas. Ou seja, pela afirmação de Freyre, é possível perceber que na formalidade social, a mulher branca tinha preferência. Sobre a questão, é necessário destacarmos que, na cultura da época, a mulher respeitada perante as instituições legais era a esposa e seus filhos legítimos, enquanto que, a concubina e os filhos bastardos, geralmente, não eram aceitos pela sociedade e ocupavam uma posição inferior na ordem social.

Na atualidade, apesar de observarmos significativas mudanças, sobretudo no que se refere, às leis que partem da premissa dos direitos iguais. A questão da democracia racial exige reflexões para além do fenômeno das misturas raciais. Este fenômeno, descrito por Gilberto Freyre (2006), que é repetido por outros pesquisadores fundamentados em seus estudos, precisa ser amplamente analisado e debatido. É necessário ir além da descrição da diversidade racial e/ou das características físicas e biológicas de cada um. É preciso observar, que embora haja uma mistura biológica das raças, durante o século XX, a ocupação das posições mais elevadas na ordem econômica e política da sociedade brasileira, esteve reservada a uma elite, predominantemente branca¹¹.

No caso, precisamos olhar para o processo, buscando no campo teórico, tópicos que alimentam o fenômeno racismo. Portanto, na subseção a seguir buscamos entender de onde vem o racismo, o que significa o termo e como se dá o conflito entre as diferentes raças até culminar no processo de superioridade e inferioridade de uma raça em relação à outra.

2.2 A origem do conceito raça e do preconceito racial: teóricos internacionais e brasileiros

Ao falarmos sobre racismo na contemporaneidade, não podemos desconsiderar o processo histórico pelo qual este e outros termos que cunham esta

¹¹ Aqui marca-se o século XX, porque no século XIX predominou a escravidão, e a história do século XXI está no início.

discussão, passaram até chegarmos a compreensão que temos no presente momento. Wedderburn (2007, p. 10) afirma que “[...] o surgimento do racismo era considerado fruto do conceito de raça, termo que, etimologicamente, vem do italiano *razza*, que por sua vez, tem origem no latim *ratio*”, mas apenas designar a origem do termo, não dá conta da complexidade do problema.

De acordo com Bobbio, Matteuci e Pasquino (2009), racismo é uma questão que se mescla às questões de ordem política, pois envolvem sentimentos, os quais interferem no comportamento das pessoas em relação às outras:

[...] a referência do comportamento do indivíduo a raça a que pertence e, principalmente, o uso político de alguns resultados aparentemente científicos, para levar a crença da superioridade de uma raça sobre as demais. Este uso visa justificar a perseguição contra as raças que se consideram inferiores [...] Pode-se dizer que o racismo é um fenômeno, tão antigo quanto apolítica, na medida em que, em nome da identidade étnica, é capaz de fortalecer o grupo social contra um inimigo verdadeiro ou suposto. (BOBBIO; MATTEUCI; PASQUINO, 2009, p. 1059).

Na obra *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*, Outhwaire e Bottomore (1996), sem negar a questão sentimental, abordam outras questões, referentes a um conjunto de práticas que impõe uma política discriminatória. Sobre isto, afirmam que:

Qualquer conjunto de crenças que classifique a humanidade em coletividades distintas, definidas em funções de atributos naturais e/ou culturais, e que organize esses atributos em uma hierarquia de superioridade e inferioridade, pode ser descrita como racista. Sob condições sociais e políticas que lhes sejam favoráveis, essas crenças, são associadas a conjuntos de práticas e instituições discriminatórias que favorecem determinada coletividade em detrimento de outra, de acordo com suposta diferença e superioridade. (OUTHWAIRE; BOTTOMORE, 1996, p.643)

Nestas perspectivas, percebemos que o racismo se faz sob determinadas condições sociais e política, as quais favorecem um olhar discriminatório de um grupo sobre outros grupos. Tal olhar, geralmente é carregado de sentimentos de inferioridade e/ou superioridade racial. Por vezes, este olhar apresenta a ideia de que o grupo diferente é um inimigo, o qual deve ser combatido e exterminado. Neste sentido, acredita-se que sua existência pode ameaçar de alguma forma o grupo social que o racista/preconceituoso considera pertencer. Em algumas situações, decisões

individuais e/ou coletivas são tomadas, revestidas sobre o véu da legalidade, porém, impõem barreiras e distinções entre as relações de raças.

Entretanto, existem formas de racismo não especificadas diretamente, mas se fazem permeadas por questões simbólicas. Assim, pode ocorrer que as divisões prévias dos espaços geográficos e políticos não sejam especificadas de acordo com as raças. Mas, isto não exclui que as relações pessoais e a divisão dos espaços sejam permeadas por valores sociais, interferindo na forma como a pessoa se dirige a outra e impõe limite a sua liberdade de ir e vir.

Quando os sentimentos de inferioridade e/ou os de superioridade são interpostos nas relações pessoais, eles implicam em limites e/ou barreiras subjetivas que contribuem para opressão de um grupo sobre o outro. Neste mesmo aspecto, mesmo não dividindo o espaço político e geográfico pertencente a cada raça, existem aqueles que acreditam que a simples presença da outra raça no mesmo local que reside, trabalha e/ou frequenta, pode denegrir a sua imagem e/ou existência. Neste aspecto, mesmo não havendo uma divisão explícita e/ou violência física, muitas vezes, o compartilhamento social e político entre as raças é inibido. Desta forma, barreiras subjetivas são impostas, contribuindo para a manipulação das aspirações sociais, as quais tendem a assegurar o “ajustamento” social e as esperanças circunscritas no limite de cada grupo.

Sendo assim, mesmo não tendo como propósito discutir, neste espaço, as intencionalidades políticas que sustentam o racismo, é necessário destacar que no campo ideológico, explicações sociais são traçadas, ao passo que buscam explicar as razões das diferenças biológicas entre as pessoas, procuram conjuntamente explicitar as razões da hierarquia social.

Ao olharmos para a um passado mais longínquo no processo histórico mundial, dirigindo-nos para Antiguidade, percebemos que pensamentos segregatórios por raça, não são, exclusivo do Brasil e nem da Idade Moderna.

Aristóteles, diante do contexto de sua época, encontra justificativa para a escravidão.

Pois aquele ser que, graças à sua inteligência, tem a capacidade de prever é, por natureza, um chefe (*árchon*) e um senhor (*despózon*), ao passo que o ser que é capaz de executar as ordens do outro por meio de seu corpo, é um subordinado e um escravo por natureza; daí vem que o escravo e o senhor têm o mesmo interesse. A distinção entre a mulher e o escravo foi, portanto, imposta pela natureza, pois esta não

procede jamais à maneira mesquinha dos cuteleiros de Delfos mas faz cada objeto para um único uso; e, de fato, cada instrumento só pode cumprir perfeitamente suas funções se servir não para muitos usos mas para um só. Entre os bárbaros, contudo, a mulher e o escravo confundem-se na mesma classe; a razão disso é que não há entre eles quem seja capaz, por natureza, de comandar, e sua associação é a de um escravo com uma escrava. Daí a fala dos poetas: “O Heleno tem o direito de comandar o Bárbaro”, como se, por natureza, o bárbaro e o escravo fossem a mesma coisa. (ARISTÓTELES, 1252b, s/p).

Sobre esta questão, Bobbio, Matteuci e Pasquino (2009), fundamentados das palavras de Aristóteles, complementam que este, situado em seu tempo, preocupado em organizar a *polis*, afirmava que alguns homens naturalmente estão destinados a ser livres e comandar e outros, enquanto que outros, privados da alma racional, estão condicionados a serem comandados, entre os quais encontram-se os escravos (BOBBIO; MATTEUCI; PASQUINO, 2009, p. 1059)¹².

Aristóteles, para além de justificar porque alguns deveriam se dedicar ao trabalho pesado, enquanto outros pudessem se dedicar a assuntos e debates da política, no limite de sua época, naturaliza a escravidão. Portanto, é certo que as teorias expressam uma tomada de posição perante a sociedade, as quais podem ser influenciadas pelo limite das perspectivas sociais e soluções possíveis de uma época. Porém, quando são repetidas constantemente, podem trazer a intencionalidade em legitimar uma ordem social em detrimento de outras possibilidades.

Neste aspecto, destacamos que, apesar do declínio das sociedades aristocratas, as quais se prendiam na questão da linhagem para explicar sua posição social e privilégios, lamentavelmente, durante todo o século XX e na atualidade, a prerrogativa da herança genética continua a influenciar e propagar preconceitos humanos.

No que se refere ao campo biológico, no início do século XX, vários estudos, pretensamente científicos, foram publicados, com o intuito de explicar as diferenças entre as raças humanas. Traçando comparações entre as características biológicas, formas físicas, cor da pele e a forma de organização social dos povos, teóricos buscaram explicar quais são as raças superiores e mais desenvolvidas. Neste sentido,

¹² Aristóteles faz tal apontamento considerando os bárbaros que formavam a grande massa de escravos na Grécia. BOBBIO, MATTEUCI, PASQUINO (2009).

foram pontuadas as características de uma “raça pura”, suas heranças e qual é o perigo de se misturar a genética humana.

Nesses aspectos, teorias “científicas” foram formuladas buscando explicar o que é a “pureza” das raças humanas, o seu significado perante a perpetuação da espécie, o que contribuiu para impor certo temor quanto aos cruzamentos entre raças humanas e a valorização da “raça pura”. Foram anunciadas as características das raças mais elevadas, compreendendo ser estas herdeiras dos povos mais “evoluídos”.

Em 1853, o Conde de Gobineau escreveu a obra *Essai sur l'inégalité des races humaines* (Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas), na qual apresenta a miscigenação como um problema. Para ele, a mistura entre as raças gerava conflitos entre povos, decadência dos princípios morais e decadência estética nos atributos físicos. Em suas análises, mais biológicas do que históricas, Gobineau apresentou o conceito de “raça ariana”, supondo que as pessoas brancas, mais especificamente os povos germânicos e nórdicos, seriam superiores aos negros, amarelos, indígenas e semitas. Para Gobineau, esta suposta superioridade devia-se ao fato que os arianos permaneciam a raça pura, herdeira direta da espécie humana desenvolvida. Ou seja, aquela raça que mais desfrutava de certo senso de utilidade, de liberdade e do uso das leis racionais.

A analogia entre a raça branca e a aristocracia era imediata, afinal, sua superioridade étnica refletia-se em sua posição privilegiada na estrutura social. Brancos e amarelos compartilhavam certo senso de utilidade, mas os primeiros conferiam-lhe maior abrangência: seu instinto de ordem temperava seu gosto pronunciado pela liberdade. Daí advinha sua hostilidade em relação à organização formalista. Dado que os brancos são os únicos capazes de domar a lei de repulsão que interdita os cruzamentos, sobrepondo-lhe uma lei de atração que os impele ao contato com o diferente, foram exatamente seus pendores civilizatórios que os conduziram à quase extinção: seria em vão que se procuraria um legítimo representante da raça branca entre as atuais aglomerações mestiças (GOBINEAU 1983:281 apud GAHYVA, 2011. p.512.)¹³.

¹³ Helga da Cunha Gahyva, "A epopéia da decadência": um estudo sobre o *Essai sur l'inégalité des races humaines* (1853-1855), de Arthur de Gobineau. In: *Mana* vol.17 no.3 Rio de Janeiro Dec. 2011: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132011000300001&script=sci_arttext>

O Conde Gobineau, como diplomata da França, se mudou para o Brasil em 1869 e, verificando um grande percentual de miscigenação, ele expressou certo estranhamento e repulsa¹⁴.

Gobineau não foi o único a discutir sobre a hereditariedade da raça humana e idealizar uma “pureza da raça”. No mesmo sentido, encontra-se o cientista francês Francis Galton¹⁵, o qual fundou o conceito de Eugenia.

Em relação a Eugenia, Outhwaire e Bottomore (1996, p. 289) comentam que esta ciência “[...] busca melhorar a herança genética da raça humana, essa expressão refere-se também a um movimento social que busca popularizar os princípios e práticas dessa ciência”.

Galton¹⁶, semelhante ao método empírico usado pelo Conde Gobineau, direcionou seu olhar para as diferenças humanas a partir de uma perspectiva biológica, considerando que por meio de uma seleção artificial (feita por médicos e cientistas), seria possível fazer um melhoramento da espécie e, neste sentido, recomenda que fossem evitados os cruzamentos indesejáveis.

A partir desse momento, eugenia passou a indicar as pretensões galtonianas de desenvolver uma ciência genuína sobre a hereditariedade humana que pudesse, através de instrumentação matemática e biológica, identificar os melhores membros – como se fazia com cavalos, porcos, cães ou qualquer animal –, portadores das melhores características, e estimular a sua reprodução, bem como encontrar os que representavam características degenerativas e, da mesma forma, evitar que se reproduzissem (DEL CONT, 2008, p. 202).

Segundo Outhwaire e Bottomore (1996), a Eugenia foi uma ciência que, até os anos 1930, desfrutou de certo prestígio nos círculos liberais, pois, nela eram depositadas as esperanças de melhorar a raça humana. Conforme narra os autores:

Antes de sua apropriação pelos nazistas, nos anos 30, a ideia de eugenia desfrutou de amplo apoio, em círculos tanto liberais, quanto conservadores, em muitos países. Isso refletia uma complexa mistura de influências e preocupações. Em parte, era reflexo do crescimento

¹⁴ Para conhecer mais sobre a teoria de Conde Gobineau e sua passagem pelo Brasil, sugiro a leitura do artigo “O Conde Gobineau e o Horror a Ambivalência”, escrito por Ricardo Alexandre Santos de Sousa (2006). Disponível em:

<http://www.rj.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=303>

¹⁵ Francis Galton (1822 – 1910) era primo de Charles Darwin e inspirado nos estudos do primo, buscou aplicar a teoria da seleção natural ao ser humano, cunhando o termo Eugenia, que quer dizer “bem nascido”.

¹⁶ Para ter acesso a vasta produção de Francis Galton, cf: <<http://www.galton.org/>>

do pensamento racionalista e do interesse cada vez maior pelo planejamento social. Refletia também a consciência de que certas formas de incapacidade social tinham base hereditária. E, finalmente era um reflexo da influência das teorias raciais. (OUTHWAIRE; BOTTOMORE, 1996, p.289).

Ou seja, acreditava-se que os problemas sociais tinham suas explicações baseadas na hereditariedade de seu povo, sendo assim, era necessário melhorar a genética do povo para melhorar a sociedade. Baseados neste princípio, a miscigenação era desmotivada, pois se acreditava que a mistura poderia afetar aquilo que cada raça trazia como seu valor e tendência natural. Com a mistura, os valores natos seriam dissolvidos, podendo florescer a degeneração física e moral. Mas este pensamento, além de camuflar as estruturas que sustentam a tensão da sociedade moderna, visto que coloca a questão racial como justificativa das diferenças, por outro, gera conflitos sociais entre os grupos.

[...] a ideia de que o racismo deriva de determinados conflitos e tensões sociais que geram a necessidade de 'bodes expiatórios'. As frustrações sociais levam à agressões generalizadas, a qual não pode ser dirigida contra as fontes de frustração porque estas são poderosas demais ou não são claramente identificáveis. A agressão é então dirigida contra grupos minoritários vulneráveis, acusados de responsáveis por males econômicos e sociais. (OUTHWAIRE; BOTTOMORE, 1996, p.644).

Mas estas teorias, não eram predominantes, nem consenso entre os teóricos.

Thomas Mann(1875-1955)¹⁷, ganhador do Nobel de Literatura em 1929, adotara uma posição diversa às tendências então dominantes na Alemanha de seu tempo. Em 31 de dezembro de 1943, profere um discurso para a população Alemã transmitido via rádio pela BBC.

Na cabeça dos nazistas, a ideia de um 'povo de senhores' levou à perda de qualquer resto de dignidade e atenção aos direitos humanos, de qualquer consciência de responsabilidade e de toda sensibilidade sã em relação àquilo que o mundo pode admitir ou não. Tornou-se apenas a justificativa para o roubo e o assassinato, para o saque, a opressão, a castração e a violação dos outros povos [...]. (MANN, 2009, p.161).

¹⁷ Cf. Herzbrum (1997). Thomas Mann: um escritor contra o nazismo. Disponível no link: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31731997000100005&lng=en&nrm=iso>

Outro Nobel de Literatura, autor conhecido de Lobato, pois aparece em cartas ao seu amigo Godofredo Rangel, Anatole France (1844-1924) definiu que considerava raça em sua obra *Sur la Pierre Blanche* (1905):

Il est aussi difficile de distinguer dans un peuple les races qui le composent que de suivre au cours d'un fleuve les rivivières qui s'y sont jetées. Et qu'est-ce qu'une race? Y a-t-il vraiment des races humaines? Je vois qu'il y a des hommes blancs, des hommes rouges, et des hommes noirs. Mas ce ne sont pas là des races, ce sont des variétés d'une même race, d'une même espèce, qui forment entre eles des unions fécondes et se mêlent san cesse. (FRANCE, 1905, p. 24 e 25)¹⁸.

No Brasil, Alguns intelectuais seguiram os preceitos Galtonianos, buscando justificar cientificamente a superioridade de uma determinada raça. Entre esses intelectuais podemos citar Nina Rodrigues (1862/1906), Silvio Romero (1851/1914) e Oliveira Vianna (1883/1951), os quais, segundo Silva (2014, p.64), comungaram da ideia que “[...] o país estaria condenado ao fracasso pela inaptidão racial de sua população, mestiça em sua grande maioria”. Neste sentido Santos (2014), informa que este pensamento darwinista, que está diretamente ligado aos princípios galtonianos, fez parte de todo o processo histórico nacional.

A história natural brasileira, em muito influi os rumos dos trabalhos historiográficos, médicos e sociológicos. Algumas matrizes de pensamentos influenciadas pelos trabalhos de Charles Darwin permanecem como verdadeira herança de teorias contemporâneas”. (SANTOS, 2014, p. 38).

Fundamentado em estudos médicos, biológicos e sociológicos, esta tese racial, no fervor da proclamação e declínio da Primeira República brasileira, resulta em análises diversas sobre as características da população brasileira. No fervor das discussões sobre os rumos da sociedade brasileira, enquanto se pedia maior intervenção do Estado no sistema de produção, nas políticas internacionais e na ampliação de escolas, havia teóricos que justificavam as mazelas brasileiras pela herança biológica do seu povo, acrescida ao problema do clima temperado.

¹⁸ Na maioria das vezes é tão difícil distinguir num povo as raças que o compõem como seguir no curso de um rio os riachos que se jogaram nele. E o que é uma raça? Há realmente raças humanas? Vejo que há homens brancos, homens vermelhos e homens negros. Mas não se trata de raças, senão variedades de uma mesma raça, de uma mesma espécie, que formam entre eles uniões fecundas e se misturam constantemente. (FRANCE, 1905, p. 24 e 25).

Diante do pressuposto de que o Brasil vivia um “problema racial” e no desejo de elevar o país a uma nação mais produtiva e rica economicamente, em diversas ocasiões, políticos e intelectuais, indicaram medidas intervencionistas para “melhorar” a raça brasileira.

Entre as diversas teses traçadas, destaca-se Renato Khel promotor dos princípios eugênicos no Brasil, acreditava que o branqueamento da população seria a melhor opção para o desaparecimento dos considerados inferiores.

Neste aspecto, Khel (1935, p. 242) referindo-se à tendência de desaparecimento dos mestiços, destaca:

Se no Brasil pelo caldeamento de sangues resultarmos mestiços acima referido, e estes, com o continuar do mesmo tendem, progressivamente, desaparecer, é porque a raça branca sendo superior prevalece sobre a inferior. Não discutamos se o ponto de vista dessa superioridade é simplesmente social, segundo a opinião de Alberto Torres, ou étnica. Comprovado esta que os mesmos são inferiores, representando produtos quase híbridos, faltando-lhes apenas a infecundidade, para receberem essa designação integral. O mestiço representa o produto da fusão de duas energias hereditárias diversas, quase antagônicas, fusão entre cromossomos quase irreconciliáveis, e que só a benevolência da natureza permitiu se associarem. (KHEL, 1935, p.242)

Khel (1935, p. 241) afirma que “[a] nacionalidade embranquecerá à custa de muito sabão de coco ariano”, sendo, para ele, a única opção para a restauração do povo brasileiro, o cruzamento orientado.

Em posicionamento semelhante ao de Khel, João Baptista de Lacerda (1846-1912), médico e diretor do Museu Nacional Rio de Janeiro, ao participar, em 1911 em Paris, do Primeiro Congresso Universal das Raças, afirma que a mestiçagem é positiva tendo em vista que, quando o mestiço se relaciona com o branco, há a predominância de característica do branco. Logo, portanto com a permanência desta prática logo haveria um embranquecimento da população brasileira.

Essa tendência inata do mestiço, privando-o de qualidades próprias de uma raça fixamente constituída, tem um valor considerável nas transformações que sofrem, durante o curso dos anos, as populações misturadas, nas quais os cruzamentos não obedecem a regras sociais precisas; nas quais os mestiços têm toda a liberdade de se unir aos brancos, criando produtos que se aproximam cada vez mais do branco

que do negro. E é essa, precisamente, a condição atual das populações mistas do Brasil. (LACERDA, 1911, s/p)¹⁹.

Lacerda reitera que no Brasil não há preconceitos raciais como visto em outros países, e reforça que o relacionamento entre brancos e mestiços recupera o valor moral dos brancos e, quase por completo, restaura as características físicas.

Os preconceitos de raça e de cor, que nunca foram muito enraizados no Brasil, como sempre vimos entre as populações da América do Norte, perderam ainda mais força desde a Proclamação da República. A porta aberta por esse regime a todas as aptidões deixará penetrar muitos mulatos de talento até as mais altas corporações políticas do país. No Congresso Nacional, nos tribunais, na Instrução Superior, na carreira diplomática, nos corpos administrativos mais elevados, os mulatos ocupam hoje uma situação proeminente. Eles são uma grande influência sobre o governo do país. As uniões matrimoniais entre os mestiços e os brancos não são mais repelidas, como já foram no passado, a partir do momento em que a posição elevada do mulato e suas qualidades morais provadas fazem esquecer o contraste evidente de suas qualidades físicas, e que sua origem negra se esvai pela aproximação das suas qualidades morais e intelectuais dos brancos. O próprio mulato esforça-se por meio dessas uniões em fazer voltar seus descendentes ao tipo puro do branco. Já se viu, depois de três gerações, os filhos de mestiços apresentarem todas as características físicas da raça branca, por mais que em alguns persistam ainda alguns traços da raça negra devido à influência do atavismo. (LACERDA, 1911, s/p).

Desta forma, Lacerda (1911) representa a perspectiva do mestiço para os gestores políticos brasileiros no Congresso Universal das Raças, haja vista que ele viaja representando o então Presidente da República, Marechal Hermes da Fonseca.

Outro teórico brasileiro expressivo no que tange aos estudos raciais é Oliveira Vianna (1933/1951). Renomado jurista, professor e sociólogo, teve contato com Lobato que o buscou para compreender e conhecer suas teses.

Vianna, nos apresenta considerações relevantes quanto ao debate de raça que se efetivava no Brasil do início do século XX, demonstrando um conflito existente entre aqueles que defendem as “teses igualitaristas”, ou seja, de que todas as raças são iguais, em confronto com as “teorias de superioridade” que são apresentada com exageros. Outro aspecto fortemente analisado por Viana (1959) é a “hibridação”. Neste sentido, ele considera os povos americanos como ideal para estudar a mistura

¹⁹ Cf. Lacerda (1911) Sobre os Mestiços do Brasil. Disponível no link: <https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/247540/mod_resource/content/1/Sobre%20os%20mesti%C3%A7os%20do%20Brasil.pdf>

das raças, bem como ideal para pesquisar os problemas étnicos que são originados pela hibridação.

O nosso problema étnico, começa por não concernir apenas raças europeias: no mundo americano outros elementos entraram como fatores de formação e elaboração de grupos humanos. No meio da confusão de tantos tipos trazidos pelas correntes emigratórias, saídas dos centros arianos, outros tipos inteiramente distintos pela cultura e pela morfologia, também aparecerem, também trouxeram a sua parcela para a formação das novas nacionalidades. É o negro com as suas várias modalidades de culturas e tipo. É o índio também com suas diferenciações de cultura e suas diversidades de tipos, distinguindo-se em grupos retardatários e em grupos de organização superior: desde os astecas e dos incas, senhores de uma alta civilização até ao tapuia neolítico, puro caçador nômade, ainda numa fase rudimentar de civilização.

Não é possível, pois sustentar nestes lado do Atlântico, onde as desigualdades étnicas se revestem de um relevo tão nítido, que os problemas de diferenciação de raça sejam problemas sem interesse. (VIANNA, 1959, p.14).

Vianna (1959) observou a sociedade brasileira e seus problemas vinculando-se as questões raciais que aqui fortemente se destacam. Neste aspecto, ao refletir sobre os problemas da sociedade brasileira, Vianna (1959) olha pelo viés da questão racial. Assim, ele atribuiu que os problemas relativos à desigualdade social estavam relacionados à origem racial do povo brasileiro. Desta forma, analisando as raças brasileiras por uma perspectiva de progressão cultural, afirma que aqui viviam no mesmo espaço grupos retardatários, de rudimentar civilização e grupos de organização superior e de alta civilização. Para ele, essa diversidade cultural, além de necessitar de um estudo mais apurado, implicava em prejuízos de ordem sociais já que os diversos “tipos de temperamento” e “tipos de inteligência” que compõe a relação entre tipo morfológico e tipo psicológico dos mestiços, podem constituir uma sociedade pouco eficiente ou moralmente descontrolada, pois, para Vianna, “o acaso não opera por atacado” (VIANNA, 1959, p. 38).

Alguns dos críticos de Lobato, entre os quais citamos Feres Jr; Nascimento e Eisenberg (2013), acreditavam que Lobato ao escrever, apresentava um determinismo social²⁰, o que é prejudicial à compreensão da condição do negro e do mestiço no Brasil.

²⁰ A noção de Determinismo “[...] é normalmente compreendida como a tese de que para tudo que acontece e existem condições tais que, uma vez dadas, nenhuma outra coisa poderia ter acontecido.

Segundo Skidmore (1976), figuras como Graça Aranha, o médico João Batista de Lacerda, e mesmo expoentes do Sanitarismo, como Belisário Pena, além do antropólogo Edgard Roquete Pinto, do escritor Manuel Bonfim e de Alberto Torres, já contestavam este suposto determinismo social. Personalidades estas com quem Lobato teve contato, conhecia e admirava suas publicações, o que nos leva a questionar se de fato Lobato apresentava tal determinismo social ou é apenas mal compreendido pelos leitores e críticos que não são capazes de retirar as lentes da atualidade para olhar para o passado e compreendê-lo de acordo com as condições existente naquele momento. Seria talvez Lobato um escritor irônico, mal compreendido?

Em contrapartida, no mesmo período de Lobato, encontramos teórico que vislumbram outros caminhos para que seja possível o desenvolvimento do Brasil e entre eles figura Anísio Teixeira, que apresenta a educação como uma solução para as mazelas nacionais.

Teixeira, explícito admirador dos moldes de desenvolvimento Norte Americano, acredita que a educação é a causa do progresso e o motivo pelo qual os Estados Unidos vinham se tornando uma potência mundial, uma nação rica e democrática.

É uma cultura, uma cultura material, intelectual, moral e artística, de que todos venham a participar, que se está elaborando nessa parte do planeta. Nenhuma face do problema está esquecida, parte alguma do desenvolvimento material de república ganhou tal hipertrofia que a leve a medrar à custa de sacrifícios de valores. Conscientemente, deliberadamente, é para o bem estar de todos os americanos, sem distinção, sem barreiras senão as impostas pela natureza, é por uma vida mais larga e mais ampla, que todas as forças dessa civilização estão lutando (TEIXEIRA, 1934, p.13).

Para Teixeira, o desenvolvimento dos Estados Unidos, se deu em razão da forma de ser do povo americano, que, em sua perspectiva, poderia ser atingido pelo Brasil caso construísse um sistema de ensino semelhante. Sobre isto, Favoreto e Galter (s/d, p.2) apresentam que Teixeira, juntamente com outros teóricos da época, almejavam elaborar, “[...] um amplo projeto de reforma educacional para o Brasil, em que o sistema de ensino dos Estados Unidos da América aparecia como ideal a ser atingido”.

Na influente formulação filosófica articulada por David Hume e J.S. Mill, isso aparece como teoria da regularidade determinista [...]” (OUTHWAITE, BOTTMORE, 1996, p. 203).

Ao observar os diferentes discursos, podemos tecer considerações sobre a relação entre preconceito e racismo. Lucubramos que preconceito é próprio do ser humano²¹, pois ele pode ou não ser verbalizado, trata-se de “[...] um julgamento prévio rígido e negativo, sobre um indivíduo ou grupo” (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996, p. 602). Independente de nossa vontade, conjecturamos sobre qualquer coisa que observamos, antes mesmo de ter informações sobre o objeto de nossa conjectura, podendo originar assim um pré-conceito ou um preconceito. O Preconceito encoraja atitudes racistas mas, o racismo é diferente, ele é uma forma de discriminar, segregar e excluir o outro que usado de forma estratégica e política para designar a função e a posição social de cada um na sociedade. Não afirmamos aqui, que o preconceito seja menos prejudicial do que o racismo, até mesmo porque os dois conceitos geralmente caminham juntos, mas os dois possuem diferença em sua etimologia e em sua construção social²².

O fato é que, em especial, na questão racial brasileira, esta diferença, justifica e reproduz o mito da supremacia da raça.

Este conceito, tal como tem sido popularmente usado em política, teve profundos efeitos na história mundial recente. Os nacionais socialistas na Alemanha acreditavam na existência de uma raça superior ariana, assim como na existência de raças inferiores. Também consideravam os judeus, uma raça e se empenharam na tentativa de exterminá-los. Na África do Sul, em tempos recentes, o domínio político dos brancos era justificado em termos de uma doutrina de superioridade racial deles sobre os negros. [...] A implicação do uso do termo ‘raça’ em todos esses casos é que as desigualdades efetivas existentes entre grupos são inevitáveis, porque são naturalmente dadas. Tais concepções, contudo, estão em conflito com o conhecimento científico. (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996, p. 637).

²¹ A partir das leituras de Vigotski (1996) que se fundamenta em Marx, consideramos que o homem é um ser que mentaliza sua ação antes de realizar, quando assim o faz, requer a utilização dos conhecimentos previamente adquiridos por intermédio de sua experiência e, conforme sua capacidade teórica e material, reproduz, critica e/ou muda a percepção do real.

²² Para Allport, o preconceito pode ser definido como uma atitude hostil contra um indivíduo, simplesmente porque ele pertence a um grupo desvalorizado socialmente (Allport, 1954). De acordo com esta definição, e pelo fato de existirem vários grupos socialmente desvalorizados, temos tantos tipos de preconceito quantas pertencas a grupos minoritários. [...] Allport (1954) define o preconceito étnico como uma antipatia baseada numa generalização falha e inflexível, que pode ser sentida ou expressa e que pode ser dirigida a um grupo como um todo ou a um indivíduo porque ele faz parte daquele grupo. O racismo, por sua vez, diferentemente do preconceito, é muito mais do que uma atitude. O racismo constitui-se num processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou toda uma categoria social que é definida como diferente com base em alguma marca física externa (real ou imaginada), a qual é re-significada em termos de uma marca cultural interna que define padrões de comportamento. Por exemplo, a cor da pele sendo negra (marca física externa) pode implicar na percepção do sujeito (indivíduo ou grupo) como preguiçoso, agressivo e alegre (marca cultural interna). (LIMA; VALA, 2004, p.402).

E com este pensamento reforça-se uma série de movimentos de segregação racial, como o Apartheid na África, o Nazismo na Alemanha, o Fascismo na Itália, a *Ku Klux Klan* nos Estados Unidos, a sociedade de castas na Índia e entre outros. Movimentos estes que, segundo suas especificidades, cada grupo se auto intitula superior ao outro, geralmente em razão do poder político e/ou econômico que exerce sobre o outro em situação mais vulnerável.

A Unesco em 1950²³ convocou diversos especialistas para uma reunião a fim de reformular todo o conhecimento científico produzido sobre raças e para indicar como este termo deveria ser usado. Nas suas análises, as comissões chegaram algumas conclusões, tais como: todos os seres humanos pertencem a mesma espécie *Homo Sapiens* que é constituído por certo número de populações, sendo elas divididas em três grupos principais, mongoloide (amarelos), negroides (negros) e caucasoide (brancos).

“A raça humana pode e tem sido diferentemente classificada em grupos por diferentes antropólogos, mas atualmente a maioria dos antropólogos concorda com a classificação da grande maioria da humanidade em três grandes grupos, sendo eles:

A divisão mongoloide

A divisão negroide

A divisão caucasoide

Os processos biológicos que os classificadores usam são dinâmicos, não estáticos. Estas divisões não são as mesmas do passado, e há razões para se acreditar que serão diferentes no futuro. Quaisquer classificações que o antropólogo faça do homem, ele nunca inclui características mentais como parte dessas classificações. Atualmente é amplamente reconhecido que testes de inteligência por si só não nos possibilitam diferenciar com segurança entre o que é capacidade inata e o que é resultado de influências ambientais, treinamento e instrução. Onde cabem serem feitas concessões quanto a diferenças em oportunidades do meio, os testes têm mostrado semelhanças essenciais entre características mentais em todos os grupos humanos. Em resumo, dados graus semelhantes de oportunidade cultural para alcançar suas potencialidades, o avanço médio dos membros de cada grupo étnico é basicamente o mesmo. As investigações científicas dos anos recentes apoiam completamente o ditado de Confúcio (551-478 A.C.): ‘A natureza dos homens é igual; são seus hábitos que os diferem’”.²⁴ (UNESCO, 1950, p.6 e 8).

²³ Cf. texto na íntegra: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001282/128291eo.pdf>

²⁴ Nossa tradução: Human races can be and have been differently classified by different anthropologist, but at the present time most anthropologist agree on classifying the greater part of present day mankind into three major divisions, as follows:

The Mongoloid Division

The Negroid Division

The Caucasoid Division

Nesta divisão, as comissões da Unesco se baseiam, especialmente, nas características e classificações físicas e fisiológicas, as diferenças culturais e sociais não são geneticamente determinadas e os diferentes grupos podem efetivar cruzamentos entre si, sem que haja prejuízos²⁵. Percebemos que o documento elaborado pela Unesco nos apresenta que os grupos raciais possuem as mesmas capacidades físicas de desenvolvimento, o que os diferenciará é a oportunidade de acesso aos bens culturais e materiais.

Quem definirá muito bem estes princípios será Ashley Montagu (1905/1999)²⁶, antropólogo inglês que desenvolveu estudos sobre raça a partir de uma perspectiva humanista e que foi membro participante da reunião promovida pela Unesco em 1950. Montagu (1972) se opõe a qualquer forma de distinção racial entre os seres humanos, afirma que:

Todos os seres humanos normais são capazes de aprender a participar de uma vida comum, de entender a natureza do serviço mútuo e da reciprocidade, e de respeitar obrigações e contratos sociais. As diferenças biológicas existentes entre membros de diferentes grupos étnicos não tem a menor relevância para os problemas da organização social e política, vida moral e comunicação entre os seres humanos (MONTAGU, 1972 apud OUTHWAIRE e BOTTOMORE, 1996, p.638).

Em 1978 é organizada a 20ª reunião, Conferência Geral das Organizações das Nações Unidas, que aprova a Declaração sobre a Raça e os Preconceitos Raciais²⁷,

The biological processes which the classifier has here embalmed, as it were, are dynamic, not static. These divisions were not the same in the past as they are at present, and there is every reason to believe that they will change in the future [...]

Whatever classifications the anthropologist makes of man, he never includes mental characteristics as part of those classifications. It is now generally recognized that intelligence tests do not in themselves enable us to differentiate safely between what is due to innate capacity and what is the result of environmental influences, training and education. Wherever it has been possible to make allowances for differences in environmental opportunities, the tests have shown essential similarity in mental characters among all human groups. In short, given similar degrees of a cultural opportunity to realize their potentialities, the average achievement of the members of each ethnic group is about the same. The scientific investigations of recent years fully support the dictum of Confucius (551-478 B.C.) "Men's natures are alike; it is their habits that carry them far apart."

²⁵ Para conhecer melhor as características da Declaração das Raças de 1950 da Unesco, procurar em Dicionário do Pensamento Social do século XX de William Outhwaire e Tom Bottomore de 1996, p. 637 e 638.

²⁶ Para conhecer melhor os trabalhos da autora acessar: <http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Ashley_Montagu>

²⁷ Cf. documento na íntegra. Acesse: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/comite-brasileiro-de-direitos-humanos-e-politica-externa/DecRacPrecRac.html>>

que leva a terra qualquer perspectiva teórica da manutenção de teorias que enalteçam a supremacia racial.

Considerando todos os aspectos supra citados sobre, raça, racismo e preconceito, apresentaremos a seguir a perspectiva, os argumentos utilizados por aqueles que consideram Monteiro Lobato um promotor de racismo em suas obras.

2.3 Lobato no banco dos réus

Nesta seção, apontaremos a visão de alguns autores sobre Lobato e suas obras. Neste aspecto, priorizamos as análises sobre a postura Lobato perante as questões raciais.

Acreditamos ser essencial a discussão desta sessão, haja vista que pesquisadores contemporâneos, acusam as obras lobatianas de serem fomentadoras de racismo, merecendo assim, uma atenção especial quando levadas ao público leitor. Como nos propomos a discutir uma análise histórico sobre o racismo em Monteiro Lobato, seríamos leviano com o caráter científico do estudo, caso não trouxéssemos tais considerações para a pesquisa.

Nos autores contemporâneos, a acusação de ser Lobato um fomentador de princípios racistas e segregatórios, geralmente se sustenta nos conteúdos das cartas trocadas com Godofredo Rangel (1884/1951), Renato Kehl (1889/1974) e Arthur Neiva (1880/1943). Sobre isto, cita-se um trecho da carta escrita por Lobato, dirigida ao amigo cientista, etnógrafo e político brasileiro Arthur Neiva, em 1928 na qual, o autor expressa uma pretensa admiração pela *Ku Klux Klan*.

País de mestiço, onde branco não tem força para organizar uma kux-Klan (sic), é país perdido para altos destinos [...] Um dia se fará justiça ao Ku-Klux-Klan; tivéssemos aí uma defesa desta ordem, que mantém o negro em seu lugar, e estaríamos hoje livres da peste da imprensa carioca – mulatinho fazendo jogo do galego, e sempre demolidor porque a mestiçagem do negro destrói a capacidade construtiva. (LOBATO apud NIGRI, 2011, s/p)²⁸.

²⁸ É importante ressaltar que esta carta não se encontra e não há menção sobre ela na obra “A Barca de Gleyre” de Monteiro Lobato (1957) que se destina a apresentar suas cartas trocadas com o seu amigo Godofredo Rangel. Nas pesquisas desenvolvidas para esta dissertação, não encontramos a fonte original desta carta e sempre que ela é citada os pesquisadores se referem a publicação realizada por André Nigri em Maio de 2011 na revista Bravo. Em razão da leitura do artigo “Homens modernos e um novo modelo para o Brasil: A correspondência entre Monteiro Lobato e Arthur Neiva (1918-42)” (IBÁÑEZ; RONCON; ALVES, 2012), acreditamos que esta carta possa fazer parte do acervo do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC – FGV), entretanto após extensa pesquisa no acervo *online* não encontramos a referida carta.

Com base nas letras escritas por Lobato na carta citada, muitos autores tecem críticas afirmando que o literato utilizava suas obras como uma forma de disseminar estes pensamentos e ideologias racistas.

Sobre o *Ku Klux Klan*, é importante ressaltar que sua filosofia e forma de atuação merecem outros estudos. Na atualidade, geralmente é descrita como uma organização racista e violenta. Entretanto, ao buscarmos informações sobre, destoando desta análise, Hass (1966) pontua que a *Ku Klux Klan*, quando iniciou suas atividades, as intencionalidades passavam longe de querer violentar e segregar a população negra norte americana. Na sua origem, (aproximadamente em 1865), tal como informa Hass (1966) o *Klan* é formado originalmente por um grupo de veteranos confederados²⁹ que cansados após o fim da Guerra Civil Americana e preocupados com as tristes previsões para os próximos anos, buscaram uma forma de divertimento.

Foi Lester quem deu a ideia:

– ‘Amigos, disse, vamos fazer uma coisa para quebrar a monotonia e animar nossas mães e mulheres. Vamos fundar um clube.

Sua sugestão teve aprovação unânime e eles em coro discutiram a ideia. Alguém opinou que devia ser uma sociedade secreta. Nada havia de estranho nisso: esse tipo de sociedade muito semelhante as sociedades colegiais, tanto no conceito quanto na conduta, tinha sido organizada com bastante frequência pelos sulistas de sangue jovem nos dias que antecederam a guerra. Uma porção de senhas e emblemas, outro tantos de vestimentas especiais, e algumas serenatas para o belo sexo. Esses eram os objetivos usuais. E não há razão pra crer que os seis reunidos, em torno daquele fogo, tivessem em mente algo mais sério. (HASS, 1966, p.14).

Neste momento, sem condições de aprofundar no estudo sobre a questão, apenas destacamos que o *Ku Klux Klan*, tal como qualquer outro movimento social, pode ter tido formas de divulgação e de atividades distintas. Desta forma, a simples menção de Monteiro Lobato a mesma, não implica ser ele adepto de seus princípios extremistas, entre os quais se destacam a anti-imigração, o nacionalismo e a crença na supremacia branca. Porém, apesar dos fundadores do *Klan* afirmarem que as intencionalidades originais eram outras, isto não os eximem da responsabilidade com as ações do movimento, já que de acordo com Segato (2006, p. 79) este movimento trata-se de um “[...] racismo político e em alguns países, até partidário: grupos políticos

²⁹ Grupo que iniciou a formação do *Klan* foi: Jhon C. Lester, John B. Kennedy, James R. Crowe, Frank O. MacCord, Richard R. Reed e Calvin E. Jones.

que advogam o antagonismo aberto contra setores da população racialmente marcados [...]”.

Em 1908, em carta dirigida ao escritor e amigo Godofredo Rangel, Lobato se refere de forma pejorativa a imagem do negro e dos mestiços.

Dizem que a mestiçagem liquefaz essa cristalização racial que é o caráter e dá uns produtos instáveis. Isso no moral – e no físico, que feiura! Num desfile, á tarde, pela horrível rua Marechal Floriano, da gente que volta para subúrbios, que perpassam todas as degenerescências, todas as formas e má-formas (sic) humanas – todas, menos a normal. Os negros da África, caçados a tiro e trazidos à força para a escravidão, vingaram-se do português de maneira mais terrível – amulatando-o e liquefazendo-o, dando aquela coisa residual que vem dos subúrbios pela manhã e reflui para os subúrbios à tarde. (LOBATO apud NIGRI, 2011, s/p)

Lobato, em carta, dirigida ao médico e escritor Renato Khel em 1918, descreve sua simpatia pelos estudos do médico, conferindo-lhe valorosa estima por sua escrita sobre eugenia.

Acabo de ler sua conferência sobre a eugenia, lida na A.C de M, e confesso-me envergonhado por só agora travar conhecimento com um espírito tão brilhante como o teu, untado para tão nobres ideais e servido, na expressão do pensamento, para um estilo verdadeiramente ‘eugênico’ pela clareza, equilíbrio e rigor vernacular. (DAD-COC apud HABIB, 2007, p.1)

Entre as três cartas percebemos um espaço temporal de duas décadas, entre as quais o autor produz obras significativas de sua carreira, inclusive, o conto “Negrinha”, publicado em 1920 em um livro de mesmo nome – obra esta que discutiremos a posteriori.

Feres Jr, Nascimento e Eisenberg³⁰ (2013), no artigo denominado “Monteiro Lobato e o Politicamente Correto”, apresentam uma pesquisa na qual buscam por meio de publicações de jornais, analisar como este meio de comunicação se posiciona e qual é o discurso do Estado sobre os pareceres 15/2010 e 06/2011 elaborados pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CEB/CNE), que prevêem o encaminhamento e posterior utilização da obra *Caçadas de Pedrinho* de Monteiro Lobato nas escolas públicas do país. Os autores relatam como a mídia reagiu

³⁰Cf. FERES JR, NASCIMENTO E EISENBERG (2013). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/dados/v56n1/a04v56n1.pdf>>

perante as denúncias feitas por Antonio Gomes da Costa Neto, que afirmava que o material, se utilizado na educação básica, dificilmente se coadunaria para uma educação antirracista, como está previsto em lei.

A denúncia logo ganhou visibilidade, pois o mesmo livro, da Editora Globo, é distribuído pelo Programa Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE) e tido há muitas décadas como obra de referência em escolas públicas e particulares de todo Brasil. Diante disso, a CEB/CNE produziu dois pareceres que foram objeto de grande controvérsia midiática. A denúncia tinha como objeto o clássico infantil *Caçadas de Pedrinho* do escritor paulista Monteiro Lobato (2008) e identificava, com exemplos textuais, a presença no livro de expressões de racismo e estereótipias em relação aos negros, sobretudo nas referências à personagem Tia Nastácia. (FERES JR; NASCIMENTO; EISENBERG, 2013, p. 71).

O Parecer CNE/CEB 15/2010 aceita as denúncias de Antônio Gomes, apresenta a resposta expressa da seguinte forma:

Sendo assim, é necessária a indução dessa política pública, pelo Governo do Distrito Federal, junto às instituições de ensino superior, com vistas a formarem professores que sejam capazes de lidar com esse tipo de situação no cotidiano escolar. A obra *CAÇADAS DE PEDRINHO* só deve ser utilizada no contexto da educação escolar quando o professor tiver a compreensão dos processos históricos que geram o racismo no Brasil. Isso não quer dizer que o fascínio de ouvir e contar histórias devam ser esquecidos; deve, na verdade, ser estimulado, mas há que se pensar em histórias que valorizem os diversos segmentos populacionais que formam a sociedade brasileira, dentre eles, o negro. (BRASIL, 2010)

Entretanto, este parecer apenas suscitou mais polêmica entre grupos que exigiam a sua efetivação e outros que o viam como uma forma de censurar o autor. Pois, para Feres Jr, Nascimento e Eisenberg (2013), a imprensa se posiciona para manter o *status quo* racial e atacando aqueles que lutam contra a segregação racial.

[...] o primeiro parecer foi assunto de várias matérias jornalísticas. As matérias se referiam às duas pessoas diretamente envolvidas no caso: o autor da denúncia à SEPPIR, Antônio Gomes da Costa Neto, e a relatora da CEB/CNE, a professora Nilma Lino Gomes, expondo inclusive seus currículos e filiações político-partidárias. Tais matérias eram francamente contrárias ao parecer, acusando-o de censurar ou vetar a literatura e o próprio escritor Monteiro Lobato. Ainda necessitando de sanção por parte do Ministro da Educação, o primeiro parecer foi, por conta do forte clamor na mídia, devolvido para o CEB/CNE para uma nova avaliação. Dez meses depois, um segundo parecer, mais detalhado, foi produzido. Antes que um recuo por parte

do MEC de sua posição primeira, tal documento parece ter sido uma tentativa de esclarecer ao público o conteúdo do parecer anterior. (FERES JR; NASCIMENTO; EISENBERG, 2013, p.73)

O Parecer 06/2011 vem como forma de orientar o público em geral para o uso das obras e ao mesmo tempo sanar dúvidas de professores quanto ao uso da obra de Lobato em ambiente escolar.

Segundo o requerente, a publicação em análise toma alguns cuidados em relação à contextualização da obra de Monteiro Lobato diante de alguns avanços e das mudanças sociais acontecidas ao longo da nossa história. Como exemplo, cita o cuidado da editora ao destacar, na capa da publicação, a adoção da nova ortografia da língua portuguesa, bem como de esclarecimentos em relação ao contexto em que a obra foi produzida e os atuais avanços políticos e sociais da preservação do meio ambiente constantes do texto de apresentação. Nessa apresentação, Márcia Camargo e Vladimir Sacchetta fazem a seguinte explicação transcrita do processo: Caçadas de Pedrinho teve origem no livro A caçada da onça, escrito em 1924 por Monteiro Lobato. Mais tarde resolveu ampliar a história que chegou às livrarias em 1933 com o novo nome. Essa grande aventura da turma do Sítio do Picapau Amarelo acontece em um tempo em que os animais silvestres ainda não estavam protegidos pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA), nem a onça era uma espécie ameaçada de extinção, como nos dias de hoje. (p.19) Todavia, o mesmo cuidado tomado com a inserção dessa contextualização na obra não é adotado em relação aos estereótipos raciais presentes na mesma, embora estejamos em um contexto no qual têm sido realizados uma série de estudos críticos que analisam o lugar do negro na literatura infantil, sobretudo na obra de Monteiro Lobato, e vivamos um momento de implementação de políticas para a Educação das Relações Étnico-Raciais pelo MEC e pelas secretarias estaduais e municipais de educação. (BRASIL, 2011).

Neste aspecto, os autores do parecer temem os efeitos pedagógicos que os termos pejorativos utilizados por Lobato ao se referir ao negro poderiam provocar no leitor, sobretudo no público infantil.

Diante do exposto, conclui-se que as discussões pedagógicas e políticas e as indagações apresentadas pelo requerente ao analisar o livro 'Caçadas de Pedrinho' estão de acordo com o contexto atual do Estado brasileiro, o qual assume a política educacional igualitária como um compromisso estabelecido na Constituição Federal, segundo a qual um dos objetivos fundamentais da República é a 'promoção do bem de todos sem qualquer forma de preconceito ou discriminação' (art. 3º, IV) e no art. 16, do Estatuto da Igualdade Racial, dentre outros marcos legais. [...] É responsabilidade dos sistemas de ensino e das escolas identificar a incidência de estereótipos e preconceitos garantindo aos estudantes e a comunidade uma leitura crítica destes de modo a se contrapor ao

impacto do racismo na educação escolar. É também dever do poder público garantir o direito à informação sobre os contextos históricos, políticos e ideológicos de produção das obras literárias utilizadas nas escolas, por meio da contextualização crítica destas e de seus autores. Uma sociedade democrática deve proteger o direito de liberdade de expressão e, nesse sentido, não cabe veto à circulação de nenhuma obra literária e artística. Porém, essa mesma sociedade deve garantir o direito à não discriminação, nos termos constitucionais e legais, e de acordo com os tratados internacionais ratificados pelo Brasil. (BRASIL, 2011)

Para Feres Jr, Nascimento e Eisenberg (2013), após a apresentação dos pareceres torna-se evidente que a “mídia” nacional, em sua maioria, se posiciona na perspectiva de que as denúncias que geraram os pareceres, agem buscando limitar a utilização de um clássico da literatura. De acordo com os pesquisadores a “mídia” entende este debate como a ditadura do politicamente correto³¹. Assim, ao escreverem as suas impressões sobre o posicionamento da “mídia” sobre o tema, Feres Jr, Nascimento e Eisenberg (2013) entendem que o discurso midiático se daria da seguinte forma: “Se fôssemos arriscar um argumento geral, ele teria a seguinte forma: a censura a Monteiro Lobato, produto de ações do governo capitaneado por radicais de esquerda avessos à liberdade, se faz em nome do politicamente correto”. (FERES JR; NASCIMENTO; EISENBERG, 2013, p.78)

Feres Jr, Nascimento e Eisenberg (2013, p.80), tecem severas críticas a Lobato e afirmam que a “mídia” nacional, essencialmente a “grande mídia” camufla o debate sobre as questões raciais na literatura lobatina, pois, “Muitas vezes, a relativização ou mesmo negação do caráter racista do escritor vem acompanhada de uma apologia ao seu lugar de destaque no panteão dos heróis literários da pátria”. Para os teóricos, Lobato encontra-se blindado pela sua contribuição para a literatura e também para outros campos do desenvolvimento no Brasil, mas quando se refere o uso para a educação afirmam que:

[...] fatídica da existência do politicamente correto em qualquer sociedade, principalmente nas sociedades democráticas contemporâneas, e sua positividade moral, e levando em conta os dados mais sólidos acerca do desenvolvimento cognitivo e moral humano, a inadequação da posição dominante na mídia e em parte, dos pareceres do MEC, no que toca a questão do uso didático do referido livro. (FERES JR; NASCIMENTO; EISENBERG, 2013, p.82).

³¹O politicamente correto refere-se a uma conduta política que tem por princípio tornar o uso da linguagem neutra no que tange a discriminação e evitando que seja ofensiva para grupos de pessoas.

Desta forma, os autores apresentam que para analisar a obra de Lobato é necessário se apropriar de “[...] questões de ordem epistemológica e moral” (FERES JR, NASCIMENTO, EISENBERG, 2013, p.82), sendo que, na questão epistemológica encontra-se conectada a hermenêutica moderna³². De acordo com os autores, o significado dos termos existentes nos textos antigos, necessariamente, não tem o mesmo significado para o tempo presente e, neste caso, citam a Bíblia como um exemplo. Sobre isto, afirmam que é necessário a contextualização do texto, aspecto este que os autores reconhecem que não fizeram em suas pesquisas.

Não há espaço aqui para uma análise detalhada acerca da questão do racismo de Lobato em sua própria época, tema que mereceria um ensaio bem mais longo para ser desenvolvido. Como nosso objetivo é discutir a questão relativa ao uso de sua literatura na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental no presente, é muito mais importante saber o que suas ideias e linguagem significam para nós, seres desse presente. (FERES JR; NASCIMENTO; EISENBERG, 2013, p. 82).

Feres Jr, Nascimento e Eisenberg (2013) afirmam a necessidade de olhar para o passado, porém, contraditoriamente desconsideram esta necessidade, por classificarem suas pesquisas com o foco no uso da literatura na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental e não na discussão racial. Logo os três autores afirmam que “no presente é muito mais importante saber o que suas ideias e linguagem significam para nós seres desse presente” (2013, p. 82) – logo, classificam Lobato como racista. Para isto utilizam fragmentos de cartas, textos e termos soltos.

Há evidências suficientes para afirmar de maneira qualificada que, ao contrário da opinião de alguns especialistas retratada na mídia, Monteiro Lobato era de fato racista. De passagem não podemos deixar de mencionar que Lobato foi membro da Sociedade Eugênica de São Paulo e amigo pessoal de expoente da eugenia no Brasil, como os médicos Renato Khel (18889-1974) e Arthur Neiva (1880-1943), dados que apenas ilustram sua imagem de adepto fervoroso dos ideais eugênicos de melhoramento da raça, refletidos plenamente em seus textos privados e públicos. (FERES JR; NASCIMENTO; EISENBERG, 2013, p. 82-83)

E logo a seguir reforçam que suas análises não se baseiam no processo histórico, “[m]as, como dissemos, não nos ocupa agora o exame detalhado do

³² Uma área de pesquisa da filosofia que se designa a Interpretação de textos e dos sentidos das palavras.

discurso racial de Lobato em seu contexto histórico” (FERES JR, NASCIMENTO, EISENBERG, 2013, p. 84) o que para nós pode ser um limite na análise, haja vista que consideramos que a formação do sujeito é efetivada no processo histórico no qual ele está inserido. Desta forma, o sujeito vai se construindo e sendo construído, até que seja capaz, por meio da tomada de consciência, buscar possibilidades de romper com o pensamento predominante de sua época.

Outro estudioso contemporâneo que se posiciona de forma crítica às obras de Lobato, é o Reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, Professor José Vicente. Porém, ele é menos taxativo do que Feres Jr, Nascimento e Eisenberg (2013), críticos citados anteriormente.

José Vicente³³, em entrevista³⁴ gravada para a Univesp TV³⁵, sobre as ações do IARA, junto ao Supremo Tribunal Federal, apresenta favorável à aquisição das obras *Caçadas de Pedrinho* e *Negrinha*, de Monteiro Lobato pelo MEC. Segundo ele, essas obras ao serem trabalhadas em sala de aula, devem ser analisadas e contextualizadas.

Logo, para José Vicente não seria o caso de proibir o seu uso, mas de saber trabalhar com obra. Entretanto, ele afirma que a maioria dos professores não sabe desenvolver este tipo de trabalho, ou seja, uma análise que privilegie a construção de um pensamento para educação étnico-racial.

O Reitor reforça que Estado não pode ficar neutro nessa história e precisa orientar para que esta leitura ocorra de forma coerente com as legislações atuais. Entretanto, isto lhe preocupa, afirmando que não há nada que garanta as devidas advertências por parte dos professores, como o Parecer do MEC apresenta.

³³ Cf. Entrevista na íntegra, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Rno-bnehdGA>>

³⁴ As entrevistas presentes nesta pesquisa retiradas de canais no *youtube*, foram transcritas por nós de acordo com o recorte do interesse desta pesquisa, mas mantendo a fala original dos discursos proferidos. Disponibilizaremos todos os link das entrevistas, para que o leitor possa visualizá-las integralmente, caso haja interesse.

³⁵ A Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP) disponibiliza ao público um canal no website *Youtube*, com várias aulas e programas educativos que de acordo com a descrição do *site*, tem a intenção da formação integral do cidadão. Um dos programas presentes no canal, é uma série de entrevistas realizada pelo entrevistador Ederson Granetto, que tem como principal tema o Racismo em Monteiro Lobato. Para realizar as entrevistas são convidados nomes significativos nos debates das questões raciais e pesquisadores das obras Lobatianas. Nesta pesquisa, selecionamos algumas entrevistas que consideramos ser relevantes para analisar Lobato pela perspectiva histórica. Para conhecer todo o material disponível no canal da UNIVESP TV, acesse: <<https://www.youtube.com/user/univesptv/about>>

Não, a garantia de que seja. Não há por dois motivos muito simples. Primeiro que não existe essa exigência, seja do MEC seja da LEI. Segundo, que os professores em regra não estão preparados ou não estão qualificados para tratar de questões dessa natureza, na sala de aula. Então o que se está discutindo é seguinte, olha vamos contextualizar o que tá posto num livro de Monteiro Lobato, de Nina Rodrigues e de tantos outros, não é? E da mesma maneira vamos preparar o professor para que ele possa não só trabalhar com esse tema mas como fazer explicitação dessa contextualização na sala de aula.[...] Identificou que tem qualquer conteúdo racista então? Ah, identificamos e tem. Bom, então qual vai ser a condução e o tratamento para a obra desta natureza independente de quem seja o seu autor? Primeiro ela vai ter que ser contextualizada e segundo o professor em sala de aula tem que ser qualificado para explicar isso [...] O Conselho nacional do Livro Didático, são experts com muita experiência e que podem ainda ter a colaboração de muitos atores sociais para identificar se esse daqui de fato, se estamos de fato diante de uma obra com elementos racistas significativos, que pode influenciar, a manter, aprender, praticar ou transformar isso em valor? Ah, estamos, bom se estamos, então vamos contextualizar estes tópicos que assim se manifesta, entendeu? E mais que isso, vamos preparar o professor para que ele possa fazer essa mesma abordagem na sala de aula, porque se não o Estado fica neutro nessa brincadeira e nesse caso a neutralidade não é uma boa. (VICENTE, 2012)

Encontramos outros sujeitos que se posicionam de forma crítica a Lobato. Frei David Raimundo dos Santos, representante da organização não governamental que EDUCAFRO³⁶ que tem como missão promover a inclusão da pessoa negra, lutando para que o Estado, por meio, de Políticas Públicas e Ações afirmativas cumpra com seu dever no combate ao racismo e a todas as formas de discriminação.

Em entrevista concedida a UNIVESP TV³⁷, o Frei afirma ser perceptível a intenção racista nas obras de Lobato. Para ele, Monteiro Lobato como homem do seu tempo e intelectual da época, deveria ter feito a crítica “sobre os erros de seu tempo”. Afirma que é comprovado a participação do autor em movimentos racistas, sendo um simpatizante da *Ku Klux klan*. Conforme segue:

Temos plena consciência que Monteiro Lobato é um homem do seu tempo, por ser intelectual ele deveria ter feito críticas sobre os erros do seu tempo, então Monteiro Lobato não teve essa capacidade de crítica, e o mais complicado, Monteiro Lobato está comprovadamente registrado como sendo um partidário, de movimentos racistas, ele era

³⁶ Organização Não Governamental EDUCAFRO. Acesso disponível em: <<http://www.educafro.org.br/site/conheca-educafro/>>

³⁷ A entrevista pode ser vista na íntegra pelo link: <<https://www.youtube.com/watch?v=muwOuMwkeOI>>

simpatizante, por exemplo, da *Ku Klux Klan*. Então para nós, Monteiro Lobato quis transmitir nos conjuntos da sua obra, quis transmitir uma visão pejorativa da comunidade negra, então hoje se este livro deve ainda continuar a circular, e somos a favor que ele circule, deve circular com uma nota explicativa na introdução do livro, nós defendemos essa tese para o bem da sociedade e para estar em harmonia com um Brasil novo, que é um Brasil que respeita a diversidade, não é mais um Brasil que considerava o negro inferior. No tempo Monteiro Lobato o Negro era um ser inferior, (ERA CONSIDERADO – entrevistador) isso, isso era considerado, então, portanto, nós queremos que o Brasil de hoje, o MEC todos os órgãos governamentais, sejam minimamente responsáveis [...] (SANTOS, 2012).

Para o Frei é visível que Lobato buscava transmitir, no conjunto da sua obra, uma visão pejorativa da comunidade negra. No caso, ele destaca que, para que os livros do escritor possam continuar circulando nas escolas, deveriam ser acompanhados de uma nota explicativa na introdução do livro sobre o tema.

Na sua fala, o Frei alerta que esta é uma posição da Organização na qual ele está atuando, ou seja, a EDUCAFRO. Sendo assim, enfatiza que a Organização compreende que esta é uma prerrogativa necessária para o bem e harmonia da sociedade. Para ele, esta é uma questão necessária para um país que respeite a diversidade. O Frei David Raimundo dos Santos acrescenta que o MEC e os outros órgãos governamentais devam ser, minimamente, responsabilizados por tudo o que publica e escreve. Neste caso, destaca que o MEC e demais órgãos possam fazer adendos em obras quando necessário. Sobre isto, lembra que na obra *Caçadas de Pedrinho*, no episódio da caçada da onça, possui uma nota explicativa apontando que atualmente é proibido caçar onça em nosso país. Então, o frei questiona a postura do MEC e da sociedade sobre os livros:

[...] motiva a caça de onça, o MEC pensa, puxa! A caça da onça hoje não é mais garantido, então o MEC vai exigir que a editora coloque uma nota. Ó crianças, professores, por favor! Aí fala em caçar onça, que hoje em dia é proibido matar onça, então todo livro que ofende a ecologia o MEC obriga e exige que coloque essa nota. Tá, também o livro foi escrito em 1920, ora a grafia do português era uma, o MEC exigiu que todas as editoras que publicassem o livro hoje, atualizassem a grafia, olha gente quando o assunto é ecologia pode atualizar, quando o assunto é gramatical, pode atualizar, agora quando o assunto é respeitar o povo negro não pode atualizar, porque ofende a obra? Por favor! Que Nação é essa? Ou melhor, quem são essas pessoas que tiveram essa ideia? Que não está em sintonia com o povo que é mais bonito do Brasil, que é a igualdade e o respeito ao diferente. (SANTOS, 2012).

Para o Frei David Raimundo dos Santos, é claro o posicionamento racista nas obras de Monteiro Lobato, bem como, aponta haver uma resistência por parte da grande mídia e editoras em reconhecer e reparar os fatos. Neste sentido, ao ser questionado pelo entrevistador sobre ele, de fato, acreditar haver conteúdos racistas nos textos lobatianos, o Frei reitera:

Plenamente confirmado, confirmado e [...] Como é possível um escritor qualificado, ele criou a personagem a Anastácia, mulher gorda pesada, e ela sobe em uma árvore que nem macaca. Como é que um gordo sobe em uma árvore? Então seja, é mesmo um espírito de, de criar chacota contra o povo que era comum no tempo do Monteiro Lobato, no entanto hoje o Brasil novo, é um Brasil que respeita a diversidade, até nos documentos, respeita a diversidade, que gera a produção literária, porque, então volto a dizer, queremos que o governo brasileiro, queremos que as escolas particulares, as escolas públicas e as editoras, e aqui estou com um bronca, a imprensa inteira debate um assunto, mas nunca cita, há omissão das editoras, quem está ganhando dinheiro com Monteiro Lobato? A editora Globo, porque é que ninguém pressiona a Editora Globo pra poder levar a sério a colocação da nota explicativa? (SANTOS, 2012).

Por meio das colocações do Frei Davi Raimundo dos Santos podemos perceber questionamentos, que vão além de ser Lobato racista ou não. Para ele, isso já é uma certeza. Ele questiona um movimento maior, político e empresarial que na atualidade se nega ou fecha os olhos para os erros do passado, e continua sendo negando no presente.

Mas, a EDUCAFRO não está sozinha neste movimento, dentre as pesquisas desenvolvida em busca de posicionamentos contrários a obra de Monteiro Lobato, encontramos o *site* Géledes³⁸ – Instituto da Mulher Negra. Este *site* possui um considerável acervo de artigos de opinião, jornalísticos e alguns científicos e se posiciona de forma crítica e as vezes irônica em relação as obras de Monteiro Lobato.

Géledes³⁹ é uma organização da sociedade civil, fundada em 1988, com a intenção de se posicionar em defesa de mulheres e negros. O site, na página de apresentação da organização afirma que as mulheres e o negros são grupos sociais que se encontram em desvantagem em relação aos demais grupos sociais, sendo alvos preferenciais para sofrerem ações de discriminação, tendo suas oportunidades

³⁸Gélede é um festival anual que homenageia “nossas mães” principalmente a figura da anciã. Ocorre durante a seca entre os Yorubas do sudoeste da Nigéria.

³⁹ Acesso ao site pelo link: <<http://www.geledes.org.br/>>

sociais reduzidas em razão do sexismo e racismo existente no Brasil. A organização se posiciona contra qualquer tipo de discriminação, como por exemplo: lesbofobia, homofobia, preconceitos de credo, classe social e regionalista. Sobre isto, o site afirma que as ações negativas quanto a estes grupos os limitam no exercício de sua cidadania.

Em uma página da organização denominada como Dossiê Monteiro Lobato⁴⁰, encontram-se 78 textos publicados referindo-se ao autor. Na diversidade entre os textos, alguns buscam compreender o processo histórico em qual o autor estava inserido para justificar sua escrita. Outros são bastante taxativos em relação ao seu racismo e pensamento Eugênicos.

Martinho da Vila, um famoso compositor e sambista brasileiro, é um dos autores presentes nesta coletânea. Na página, ele disponibiliza um artigo de opinião intitulado de forma irônica, “Monteiro Lobato não era racista. Nós também não somos”. Neste artigo Martinho da Vila cita recortes das cartas escritas por Monteiro Lobato que foram apresentadas na matéria da Revista Bravo, e com base nelas, destaca que Lobato é racista. O sambista, neste mesmo artigo, tece comparações entre o romance Presidente Negro, a vinda do presidente norte americano Barack Obama ao Brasil e a eleição de Dilma Rouseff, primeira mulher eleita à presidência do Brasil⁴¹.

Desta forma, Martinho da Vila (2011), traça um paralelo entre a obra ficcional de Lobato e a realidade atual, comparando a obra literária com a vinda do Presidente norte americano ao Brasil.

Quando o Barack estava concorrendo à presidência dos Estados Unidos, eu escrevi o artigo ‘Obama vai dar Samba’. Vai dar samba é uma expressão popular que quer dizer “vai dar certo” e eu escrevi no sentido de “vai vencer, vai ser eleito” e deu samba.

Na ocasião, eu fiquei pensando no Monteiro Lobato, autor de uma vasta literatura infantil. Criou também, dentre outras obras, o discutível ‘Negrinha’ e o contestável ‘Jeca Tatu’, além do controverso ‘O Presidente Negro’, escrito com o objetivo de fazer sucesso na América do Norte. Deu azar porque os editores americanos não quiseram publicar. Naquela altura os livreiros de lá estavam descartando obras com conotações racistas.[...] Barack Obama foi um verdadeiro show no Theatro Municipal. Eu recebi um convite, não pude comparecer, mas vi pela televisão que a fala dele deu samba. O samba poderia ser mais animado, se fosse na Praça da Cinelândia, mas valeu. Concordo

⁴⁰ Página Inicial do dossiê disponível em: <<http://www.geledes.org.br/areas-de-atuacao/educacao/dossie-monteiro-lobato/>>

⁴¹ É importante ressaltar que o texto de Martinho da Vila foi publicado em 27/04/2011 quando a presidente encontrava-se em seu primeiro mandato. Após este período a presidente foi reeleita em eleições diretas, mas atualmente foi retirada do cargo por um processo Impeachment.

plenamente com o Bruno Astuto, colunista da revista dominical deste nosso jornal, a 'TV Tudo de Bom!,' que escreveu na semana passada: 'Ouvir o presidente negro de uma nação tão poderosa como a americana dá força para que as crianças negras do nosso Brasil, um país ex-escravagista tão em dívida social quanto os Estados Unidos, percebam que *yes*, elas também podem. Se o Brasil, um país tão machista, alçou uma mulher à presidência, ainda hemos de ver um negro — ou uma negra — chegar ao Planalto. Será o máximo'. Quando isso acontecer não haverá mais necessidade da Lei de cotas raciais, de órgãos do movimento negro nem de secretarias de integração racial. É um sonho. (VILA, 2011, s/p, grifo nosso).

A forma como o compositor escreve, suscita a ideia de que atualmente vivemos um princípio de democracia racial, que se efetivaria inteiramente quando conseguíssemos eleger um presidente negro. Obviamente ter representantes de diversos grupos sociais na política é importante para as ações políticas públicas não sejam unilaterais. Entretanto, parece uma perspectiva ingênua se consideramos que nos moldes atuais, o que rege o sistema político são as relações econômicas e de interesse dos grandes grupos, por exemplo: os armamentistas, latifundiários e industriais. Mas, sem dúvida, eleger um negro ou uma mulher à presidência, pode minimamente reduzir o abismo social existente entre os grupos, mas não garantirá o acesso aos segregados a uma vida digna e igualitária, na qual se efetive a justiça social. Neste caso, basta observarmos que mesmo que o governo eleito no Brasil em 2010 e 2014 seja uma mulher, as discriminações em relação às mulheres continuam, inclusive contra a figura feminina da presidente eleita Dilma Rouseff.

É importante ressaltar que no *site* Géledes há outros textos significativos que podem contribuir para a compreensão das discussões de temas relacionados ao racismo e ao Monteiro Lobato. Porém, nem todos os artigos apresentam uma preocupação científica, muitos se reservam ao direito de apenas expressar opiniões. O *Site*, em seu todo, fornece um importante panorama sobre como se deu e dá o debate sobre o racismo presente nas obras de Monteiro Lobato, ao passo que mostra que deste debate participaram pesquisadores, jornalistas e outros leitores do cenário nacional, atingindo diversas camadas da população.

Para Bosi (2001, p. 216), Lobato seria um “moralista e doutrinador aguerrido” e suas produções não possuem profundidade, se preocupando apenas em fortalecer a

visão do leitor para características que não ultrapassam a aparência. Sobre este posicionamento de Bosi, Miguel⁴² (2013) nos apresenta as seguintes considerações.

Para o crítico, os textos de Lobato não têm profundidade, pois se articulam basicamente em função da produção de efeitos como o ridículo e o patético. Sua preocupação é sempre com a aparência; o que ele procura é destacar defeitos físicos ou aspectos risíveis do caráter, sem ultrapassar a superfície dos seres e dos fatos. (BOSI, 2001 apud MIGUEL, 2013, s/p).

As palavras severas de Bosi, vêm a contribuir com outro teórico que tece críticas a Lobato, Sergio Milliet, que encontra-se apresentado na síntese de Miguel (2013).

“Sérgio Milliet, talvez o seu crítico mais agudo, sintetiza com precisão a importância literária do escritor” (MIGUEL, 2013, s/p). Entretanto para averiguarmos a afirmação de Miguel (2013), buscamos Milliet na fonte, e percebemos que suas críticas buscam traçar paralelos entre Monteiro Lobato e os conflitos existentes na época, os quais pululavam no cotidiano de outros escritores do período.

A contradição não tem grande importância e pode até ser atribuída ao desmentido do seu êxito pessoal, porém marca um caráter peculiar a Lobato e a boa parte dos nossos literatos: o antagonismo entre a teoria literária, a ideologia em suma, e a atitude assumida no cotidiano. Somos comunistas, mas não nos conformamos com a socialização da propriedade; somos fascistas, porém não aceitamos o totalitarismo; dizemo-nos liberais e ansiamos pela intervenção do Estado no mercado do café; e chegamos a ser católicos sem acreditar em Deus. Lobato, como quase todos nós vive nessa confusão, o que faz possa ser tão simpático e tão incompreensivo alternativamente. Simpático quando preocupações e seus assuntos se enquadram nos nossos, e incompreensivo quando exigimos dele uma sensibilidade acima do seu personalismo ou uma inteligência menos formal do que a sua. (MILLIET, 2011, p. 227 e 228).

Milliet nos apresenta uma explanação sobre a diferença entre escrever com humor ou com sarcasmos. Para ele, Lobato não tinha humor, usa do sarcasmo para escrever de forma caricata, agressiva e grotesca.

Por mais estranho que pareça, Lobato é um sentimental apaixonado, um entusiasta cego de seus amigos, um impulsivo. O que não prejudica em nada sua capacidade de observar e de apreender o lado cômico ou grotesco das coisas e das gentes. Mais grotesco, aliás, do que simplesmente cômico. Dessa qualidade peculiar aos sentimentais,

⁴² Miguel (2013) apresenta um artigo no qual apresenta diversos críticos de Monteiro Lobato. Acesso disponível em: <<http://www.revistaemilia.com.br/imprime.php?id=277>>

nasce sem dúvida a tendência para a caricatura mordaz que me irrita amiúde pela injustiça. Jeca Tatu é quase uma vingança pessoal; é o caboclo visto com o olhar azedo do fazendeiro malogrado. Há menos humor do que sarcasmo na maioria de suas piadas, pois o humor, já o disse um conhecedor, jorra da ternura e do pudor dos tímidos. É uma compensação. Ao passo que o sarcasmo é uma transferência do espírito de revolta. É com o sarcasmo que o intelectual se vinga dos outros; é pelo humor que ele se castiga a si próprio. (MILLIET, 2011, p. 228).

Milliet, afirma que a escrita de Lobato não passará despercebida pela história, porém, alerta que sua ampla produção não passará pelo crivo das revisões, sendo assim, do autor sobrarão poucos contos e ensaios para retratar suas obras.

Monteiro Lobato é uma figura definitiva em nossa literatura, e não um equívoco como querem alguns contemporâneos mais hostis à sua maneira. Mas é uma figura que não permanecerá intacta através do tempo como afirmam outros. Passará pelo crivo das revisões impiedosas e ainda encontrará entusiasmos alucinados. Do barulho sairá para as antologias uma dúzia de contos modelares. E mais boa parte de sua literatura infantil que só encontra paralelo nas grandes literaturas infantis internacionais. (MILLIET, 2011, p. 230).

Portanto, para Milliet (2011), por mais obras que Lobato tenha produzido, apenas algumas obras são boas o suficiente para entrar para a história da literatura e também escreve que apenas aquelas destinadas ao público infantil permanecerão.

Como podemos perceber nesta sessão, Lobato encontra críticos de suas obras nos mais variados segmentos. Tivemos a oportunidade de demonstrar posicionamento tanto de teóricos e literatos renomados, como representantes de movimentos negros e artigos de opinião sem fundamentação teórica. Isto nos leva a perceber, como independente do que acreditamos sobre as intenções de Lobato, ele teve e ainda tem a capacidade de provocar e inquietar diversos grupos da sociedade, o que só reforça, o nosso interesse e compreendê-lo dentro do seu processo histórico.

2.4 Em defesa de Lobato

Os livros, os artigos jornalístico, as cartas e a postura de Lobato frente ao seu ideal de progresso, fizeram com que ele marcasse a história literária de nosso país. Anteriormente apresentamos teóricos, artistas e ativistas sociais que tecem críticas a sua postura e produção, porém, muitos outros teóricos o defende e o apresenta como um ícone na literatura brasileira, um autor de prestígio que jamais deve ser esquecido.

No que se refere ao suposto racismo presente no interior de suas obras, alguns justificam que Lobato é um autor de seu tempo. Ao buscar fomentar o debate sobre a questão, a seguir apresentaremos alguns teóricos e escritores que mesmo sabendo dos limites da produção Lobatiana, não buscaram colocá-lo no rol dos autores racistas.

Martineli (2014), em sua pesquisa sobre a literatura infantil de Monteiro Lobato, nos apresenta que a literatura pode ser usada como fonte histórica, mas desde que seja compreendida em relação ao contexto histórico em que foi escrita. Sobre isto, Martineli (2014) escreve:

A literatura, assim, apresenta elementos da natureza social, ou seja, expressam a interpretação de diferentes esferas da realidade. São alguns desses elementos da natureza social que buscamos revelar [...] No entanto, a literatura só pode ser utilizada como fonte para revelar elementos históricos do período em que foi escrita desde que o contexto histórico em que foi produzido, seja compreendido no estudo. (MARTINELI, 2014, p. 16).

Na mesma corrente de pensamento, ou seja, que busca analisar ou considera as obras de Lobato a partir de seu contexto histórico, encontra-se a pesquisadora, crítica literária e escritora Marisa Lajolo, a qual dedica boa parte da sua pesquisa as obras de Monteiro Lobato. Nas suas análises sobre a vasta produção do autor, às vezes, a mesma se refere a ele num tom de nostalgia e saudosimo, Lajolo (2010) questiona se apenas ler os textos de Lobato é suficiente para realmente conhecê-lo. Neste sentido, destaca que seu fascínio por Lobato e suas obras, tornou-se mais pertinente na medida em que se aprofundou em compreender todas as veredas que Lobato viveu. Segundo suas palavras:

[...] meu encantamento cresceu, divergência, e crítica. Esses matizes do encanto, no entanto, em nada ofuscam a luz que emana desse escriba, cujas feições vão se delineando ao longo de muitas centenas de cartas, das diferentes campanhas que se envolveu, e dos milhares de páginas que deixou escrita. Cartas, campanhas e livros são alguns dos caminhos que podem nos conduzir à pessoa do escritor Monteiro Lobato. Será que conduzem mesmo? O caso é que nem todas as veredas ao longo das quais Monteiro Lobato viveu sua vida dão conta dela. Pois que caminhos dão conta da vida de uma pessoa? Mas são, pelo menos rastros de um caminho que, na paixão com que foram impressos, delineiam a figura do nativo de Áries: voluntarioso, volúvel, obcecado, que como seu signo, baixa a cabeça e sai dando marradas pela vida a fora. (LAJOLO, 2000 p.10).

Lajolo não busca fazer afirmações enfáticas sobre Lobato, mas sim apresentá-lo como sujeito do seu tempo, o que, para ela é imprescindível para se compreender suas obras.

Em entrevista concedida a Revista Nova Escola⁴³, quando questionada sobre o racismo nas obras de Lobato, ela responde afirmando que a questão do racismo em Lobato, precisa ser pensada a partir do leitor e não da obra em si. Para ela, independente da escrita dos textos Lobatianos, sua forma não garante a formação de pessoas racistas ou preconceituosas.

Eu acho que a questão do racismo no Lobato, de modo geral, a questão do racismo contra os negros, contra os judeus, contra os homossexuais, á um livro machista. Tudo isso a gente precisa pensar: qual é o efeito no leitor? Nesta polêmica atual do Monteiro Lobato, o que nós temos, são propostas de militância política de justiça histórica do passado. Eu acho que é um equívoco, eu acho que a obra literária de Monteiro Lobato ela não forma pessoas racistas, eu acho que é o contrário. Eu acho que ela forma as pessoas, torna os leitores mais solidários com aqueles que sofrem atitudes racistas, atitudes preconceituosas por parte dos outros. (LAJOLO, 2011).

A autora acredita ser perigoso destinar a apenas algumas instituições o direito de escolher sobre o que se pode ler ou não na escola, pois para ela:

O papel da escola é familiarizar os alunos com um conjunto de textos que se acredita, que são textos importantes para a formação da criança e do jovem como pessoas humana decente, justa, generosa como cidadão crítico e participante [...] é muito ruim quando qualquer entidade, qualquer instância política se outorga o título de definidora do que pode ou não ser lido. Eu acho que nós vivemos um período militar, que nos deu o exemplo de como devemos evitar este tipo de censura a certos autores. (LAJOLO, 2011).

Quando inquirida sobre o debate em relação aos Pareceres 15/2010 e 06/2011 elaborados pelos CNE/CEB, que propõe o uso de notas explicativas sobre os termos racistas considerados hoje como racistas, Lajolo se posiciona contrária. Para ela, tal debate não contribui para desconstruir o racismo, mas sim para conduzir o leitor a um pensamento limitado em razão de cercear a sua possibilidade de interpretação.

[...] essa edição de As Caçadas de Pedrinho que é tomada como modelo. Uma das queixas que se faz, é que na edição nova do livro, existe uma nota que diz que a caçada da onça, ocorreu no momento anterior a proteção que a onça, como uma espécie arriscada de

⁴³Cf. Entrevista disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=aKAUuOTQ3Vs>>

extinção, tem do IBAMA atualmente, e se diz que tem que ter uma nota da Tia Anastácia. O que vai se dizer nesta nota? Vai se dizer o que? Que o livro representa uma negra, antes de haver movimentos negros no Brasil? Acho que não. Mas, volta a questão das notas, eu acho que essa nota é absolutamente desnecessária e ela é um atestado de ignorância para o leitor do livro [...] há uma certa ideia de tutela do Estado, tutela do editor, tutela do autor, que é muito ruim. É isto que estou chamando aqui de atestado de ignorância do leitor. Você já diz pro leitor, o que é pra ele achar do livro. Isso não combina bem, com todo o auê que se faz em torno da leitura, da leitura crítica, leitura ativa [...] Então eu acho que reescrever o livro pondo notas de rodapé como:

- Veja leitor, como Emília era irreverente;

-Veja leitor, como os negros foram maltratados no Brasil.

Eu não sei o que isso resulta, eu não sei qual é o resultado disso em termo de formação de leitores melhores, de leitores mais críticos, de leitores mais capazes de serem sujeitos da história. Eu acho que o que pode acontecer é você criar leitores cada vez mais dependentes de uma interpretação prévia daquilo que ele está lendo. (LAJOLO, 2011).

Percebemos então que a preocupação da autora não se encontra em Lobato, nem naqueles que sugerem alterações em seus textos, mas, sim em como o leitor se comportará em relação a isto, como o leitor poderá se desenvolver intelectualmente com a obra. A preocupação de Lajolo é a formação da autonomia intelectual, para que os leitores tenham condições de fazerem suas análises sobre as relações sociais e culturais.

Lajolo, ao levar seu olhar para a vasta produção Lobatiana, o apresenta da seguinte maneira:

[...] Monteiro Lobato que afastando-se para longe da varanda do sítio, debruça seu olhar sobre outros terreiros, de onde descortina o mundo. O mundo que é o Brasil (de seu tempo, mas talvez não apenas dele), alguns outros recantos do planeta Terra, outras gentes e outras culturas. Muitos Monteiros e outros tantos Lobato. Mas... a bem da verdade, diga-se que este outro olhar não é tão inteiramente outro. Mantêm-se nele os lances radicais da polêmica, da ironia inesperada, da visão crítica bem argumentada, da irreverência, de que Emília obra infantil parece tornar-se símbolo e competente porta-voz [...] Até hoje, ele e sua obra pagam o preço alto de um discurso móvel, dinâmico, muitas vezes incômodo. (LAJOLO, 2014, p.14).

Observamos então que a autora não destitui o autor de sua responsabilidade em relação as críticas sobre seus textos, mas que isto ocorre porque ele se mobilizou a olhar o mundo por um prisma que nem sempre é confortável, que é a criticidade com o objetivo de transformação.

Em entrevista concedida a UNIVESP TV, João Luis Cardoso Ceccantini⁴⁴, professor do Departamento de Literatura da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Assis, pesquisador de literatura infanto-juvenil e das obras de Monteiro Lobato, comenta as ações do IARA junto ao Supremo Tribunal federal, argumentando que:

É muito forte dizer que a obra de Lobato é racista, por que a gente tem que considerar a obra como um todo. O que a gente tem em alguns momentos, algumas expressões que o Lobato acaba utilizando que são frutos da sua época. A gente não pode esquecer que o Lobato nasceu em 1882 ele tá com o pé numa sociedade que era muito racista [...] ele vivia aquilo tudo muito de perto e os problemas estavam todos disseminados naquela sociedade, como estão na nossa. (CECCANTINI, 2012).

Ceccantini (2012) afirma que precisamos observar de que forma o negro é tratado na obra de Lobato pela sua totalidade e não por termos isolados. Ele traz esta questão a partir de considerações feitas sobre Tia Anastácia e razão da polêmica gerada pelo fato de Monteiro Lobato se referir a ela como “macaca de carvão” ou como “negra beijuda” em algumas passagens das obras.

Temos que ver o contexto né, ao mesmo tempo que há estes deslizos, vamos dizer que são muito mais do ponto de vista linguístico e que traduzem uma certa visão da época, a gente tem que pensar na função da Tia Anastácia na obra do Lobato como um todo. A tia Anastácia tem muitos momentos em que ela assume o papel do grupo naquela saga, naquele grupo de personagem que rompe com uma serie de estereótipos em que histórias infantis só tinham famílias tradicionais e ali você não tem a figura do pai e da mãe. Ao contrário, você tem a Dona Benta que é a mulher sábia, a Tia Anastácia que cuida das questões práticas que entra muito para representar tudo aquilo que é ligado ao nacional, a tradição oral, popular e folclore. Quer dizer, cada um tem um papel e o papel da Tia Anastácia nestas histórias é muito importante, ela é representada inúmeras vezes com imensa afetividade, tanto ela tem afetividade por todos, quanto o grupo tem uma relação muito afetiva com ela. Em alguns momentos ela assume a função narrativa e isso se perde de vista e que são questões fundamentais. (CECCANTINI, 2012).

Portanto, considerando estas observações sobre a importância da Tia Anastácia nas obras Lobatianas, bem como a necessidade de perceber Lobato como sujeito do seu tempo o próprio Ceccantini, conclui “Não se pode em momento algum tentar agora o Lobato; julgar o Lobato com padrões com critérios de hoje, se um

⁴⁴ Cf. Entrevista disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=p9e1prp-TD8>>

escritor de hoje usasse estas palavras aí seria um problema muito diferente” (CECCANTINI, 2012).

Pedro Bandeira, escritor Brasileiro de literatura infanto-juvenil, em entrevista concedida a Revista Nova Escola⁴⁵, nos apresenta sua relação com as obras de Monteiro Lobato. Percebemos em Bandeira, um saudosismo carinhoso, ao se referir a sua infância junto aos livros de Lobato. Ele afirma que na década de 1940, período no qual ele se encontrava em processo de alfabetização, não haviam outras opções para a leitura infantil. Em um momento de sua explanação, ou autor fala diretamente aos professores:

Professor, você talvez tenha tido uma infância, uma adolescência dificultosa em relação a livros é muito provável que na escola você tivesse uma biblioteca que tivesse uma bibliotecária que dizia assim:
- Tira a mão daí menino, não mexe no livro!
É muito provável que você não tenha tido a chance de ler Lobato, é possível que você tenha hoje 30 anos, talvez você tenha lido Pedro Bandeira, talvez tenha lido Ruth Rocha, talvez você tenha lido Ziraldo, sim, talvez você tenha tido a chance de ter sido apresentado a uma boa literatura, mas certamente não te deram Lobato. Agora, Monteiro Lobato é um que você tenha que ler, primeiro leia, leia com os olhos e quando você tinha 10 anos ou 12 anos e você vai ver a beleza que tem [...] (BANDEIRA, 2011).

Bandeira, nos fala sobre dar a liberdade para as crianças lerem e perceberem que aquele Sítio é um lugar mágico, como num conto de fadas. Pede aos professores que quando os alunos estejam maiores, ofereça o conto Negrinha, para perceberem o sofrimento que as crianças negras passaram durante e após o processo da escravidão.

[...] deixa ele (aluno) ler, quando ele for maiorzinho, lá pelos 12 anos, faz ele ler ‘Negrinha’. O conto Negrinha de Monteiro Lobato quando você estiver discutindo a escravidão, para ele (aluno) ver se ele (Lobato) era racista ou não [...] (BANDEIRA, 2011).

O autor afirma que as crianças só compreendem as leituras se antes já tiverem sido leitores, mas, para isso precisam passar pelos contos de fadas e demais histórias infantis, que muitas vezes são mais terríveis, dentro de uma análise de contexto, do que as próprias obras de Lobato.

[...] A criança vai entender isso, claro que ela vai entender isso, se ela já tiver sido um leitor, se ela já conhecer Chapeuzinho Vermelho,

⁴⁵ Cf. Entrevista disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D6rIXEbQb-s>>

Branca de Neve e histórias infantis que são terríveis. Então impeça as crianças de lerem, histórias de fada. Imagina uma fada que envenena uma criança? Imagina, João e Maria? Uma história que os pais abandonam os filhos na mata para serem devorados pelos lobos, para morrerem de fome, aí vem uma bruxa captura as crianças, bota dentro de uma gaiola para engordá-los e depois devorá-los. (BANDEIRA, 2011).

Bandeira conclui sua fala enaltecendo a contribuição de Lobato para a literatura e para as reflexões sobre sociedade e política brasileira. Ao afirmar isto, argumenta que foi isto que levou Monteiro Lobato a ser criticado e perseguido, tanto durante sua vida quanto depois dela.

No século XX eu acho que o maior inovador na nossa literatura foi Monteiro Lobato e de tantas ideias políticas. Agora, sempre se quer perseguir o melhor, se ele foi perseguido enquanto era vivo e agora, quase 70 anos depois da sua morte, continua sendo perseguido sabe porquê? Porque ele era bom, porque ele mudava as coisas, nós temos medo daquilo que desafia e que tenta levar esse país para frente. Por isso esse país continua atrás, continua reacionário, esse país continua atrasado, ignorante. Continuamos fazendo da nossa educação extremamente atrasada [...] Sucateamos a profissão professor [...] nós fizemos uma democracia total, depois de tantas ditaduras pelo que passamos, até a última que foi a ditadura militar, então abrimos temos uma grande democracia todo mundo pode votar, mas a grande democracia está em dar educação para todo mundo e isto, nós não fizemos! (BANDEIRA, 2011).

Bandeira afirma, então, sobre a importância do acesso à educação para o efetivo exercício da democracia. Para ele, só assim, de fato, avançaríamos. Avançar significa crescer e desenvolver sonhos comuns, os quais estavam presentes na fala de Lobato.

Machado (1993, p.2) nos apresenta que “Lobato tem um projeto de vida, leva adiante um trabalho de enfrentamento, posiciona-se como um homem que acredita na possibilidade de desenvolvimento de um Brasil atrasado, pobre e obscurantista”. Entretanto, este acreditar no desenvolvimento, não se efetiva a partir de um pensamento idílico e fantasioso. Para Machado (1993), Lobato não idealiza o Brasil, ele busca mostrar o país em suas mazelas, pois para resolver os problemas é necessário reconhecer e enxergar que eles existem observando o real.

Lobato opõe-se à forma predominante com que se faz a apologia do Brasil: um berço esplêndido, onde o céu tem mais estrelas e os coqueiros mais coquinhos. Opõe-se, portanto, à tradição literária que idealiza um Brasil que não existe, e afirma ser necessário mostrar

nossas misérias e mazelas tal qual se apresentam. Crítica, assim, os homens que interpretam o país de forma idílica e fantasiam a realidade. Lobato tem outra postura e, ao tratar do mundo real, ao descrever o caboclo, não o poupa, denuncia-o como é; descreve-o feio e sorna como aparece no Vale do Paraíba e não forte, pensativo, cor de jambo... como cantam os poetas. (MACHADO, 1993 p.42).

Com base em Machado, destacamos que Lobato tem um projeto para a sua vida, o qual implica em romper com o chamado “atraso” brasileiro e trazer para o Brasil a ciência, o ferro, o petróleo, portanto, a modernidade. Pois, para Machado (1993, p. 56) “Lobato teve muitos sonhos, sonhou muitas coisas. Seus sonhos eram sempre gloriosos, monumentais, rockefellerianos. Tinha forte tendência empreendedora”, e compreendemos que muitos destes sonhos se referiam ao Brasil e seu desenvolvimento independente das questões raciais.

Neste ideal, Lobato buscava compreender e denunciar as formas de produção que permaneciam nos modelos dos séculos passados. Então, almejava ver o Brasil crescendo economicamente, culturalmente e socialmente, se desenvolvendo em todos os aspectos possíveis, de forma que atingisse o progresso apresentado pela nação Norte-Americana. Para ele, o progresso científico levaria o Brasil vencer outras batalhas, até mesmo as travadas entre os grupos sociais distintos: brancos, negros, índios, ricos, pobres, latifundiários e caboclos.

Com palavras do próprio Lobato, apresentamos aspectos que contradizem os argumentos utilizados pelos críticos contra o escritor no que se refere a sua pretensa admiração pela *Ku Klux Klan* e pela forma pejorativa com que se refere a Tia Nastácia. Para fundamentar nossa proposição, encontramos uma citação do próprio autor em Carta trocada com o amigo Godofredo Rangel, na qual afirma não ter interesse em participar de um movimento similar a *Ku Klux Klan*, por não os levar a sério e não considerar válido perder seu tempo com um movimento deste gênero.

Muito piegas debes estar achando o ‘Dr. Lobato’, este homem sério que ontem foi metido no corpo dos jurados e também já foi convidado para a Irmandade do Santíssimo Sacramento, espécie de *Ku Klux Klan* local, inofensiva e de balandrau roxo, em vez de branco a moda América. Bem que me esforço para tomar tudo isso a sério, Rangel, mas não vale – todo esse burguesismo Rangel, não vale uma hora das nossas horas do Minarete do Belenzinho [...] (LOBATO, 1957, p. 95)

Outro ponto explorado pelos críticos de Lobato é o fato do escritor se referir a tia Nastácia como “macaca de carvão”. Entretanto, em carta enviada ao amigo Rangel,

percebemos que utilizar o termo “macaco” não é algo exclusivo para a personagem negra do Sítio, pois o autor refere-se da mesma forma ao francês.

Gesto uma obra literária Rangel, que realizada será algo *nuevo* neste país vitima duma coisa: entre os olhos dos brasileiros cultos e as coisas da terra há um maldito prisma que desnatura as realidades. E há o francês, o maldito macaqueamento do francês. (LOBATO, 1957, p. 362)

O que nos leva a crer que talvez, ao se referir ao *Ku Klux Klan* e ao usar o termo macaco/macaqueamento, não haja em Lobato a mesma conotação racista que os termos assumem na atualidade.

Outro aspecto que se faz necessário compreender sobre Tia Nastácia, é que esta, é uma personagem essencial no núcleo familiar que compõe o sítio, sendo componente importante desta família brasileira, que dê tradicional não possui nada. Podemos perceber esta importância na voz da boneca Emília ao descrever suas memórias e tecer importantes considerações sobre a cor da pele de Tia Nastácia.

Tia Nastácia, essa é a ignorância em pessoa. Isto é... ignorante, propriamente, não. Ciência e mais coisas dos livros, isso ela ignora completamente. Mas nas coisas práticas da vida é uma verdadeira sábia. Para um tempero de lombo, um frango assado, um bolinho, para curar uma cortadura, para remendar meu pé quando a macela está fugindo, para lavar e passar roupa – para as mil coisas de todos os dias, é uma danada!

Eu vivo brigando com ela e tenho-lhe dito muitos desaforos – mas não é de coração. Lá por dentro gosto ainda mais dela do que dos seus afamados bolinhos. Só não compreendo por que Deus faz uma criatura tão boa e prestimosa nascer preta como carvão. É verdade que as jabuticabas, as amoras, os maracujás também são pretos. Isso me leva a crer que a tal cor preta é uma coisa que só desmerece as pessoas aqui neste mundo. Lá em cima não há essas diferenças de cor. Se houvesse, como havia de ser preta a jabuticaba, que para mim é a rainha das frutas? (LOBATO, 2007, p.110 e 111).

Consideramos esta fala de Emília essencial, para compreender a situação pelo qual o sujeito negro era considerado naquela sociedade pouco tempo após a abolição da escravatura.

Outro ponto significativo nesta fala, é mostrar Tia Nastácia, como uma sábia do conhecimento empírico. A partir das leituras efetivadas, suponho que outros autores e pesquisadores, podem considerar isto como uma falha no caráter por parte de Lobato no que diz respeito a desmerecer os negros, como se eles não fossem capaz

de acessar os conhecimentos científicos. Mas, em nossa perspectiva, Lobato retrata a realidade da grande maioria dos negros no Brasil⁴⁶ pós abolição da escravatura, que dominam um amplo conhecimento empírico, entretanto, não tem acesso à educação formal e científica, em razão de todo o processo histórico no qual foram obrigados a se manter por longo tempo.

⁴⁶ Não apenas dos negros, mas da população em geral. Pois, neste período uma parcela muito pequena da população tinha acesso à educação formal e ao conhecimento científico. Para compreender mais sobre este aspecto, conferir o quadro apresentado em apêndice neste trabalho.

3 “PRETÉRITOSCÓPIO”: UMA VIAGEM NO TEMPO EM BUSCA DE MONTEIRO LOBATO

- O mundo meu caro, é um imenso livro de maravilhas. A parte que o homem já leu chama-se passado.
- O futuro não existe – continuou o sábio – mas eu possuo o meio de produzir o momento futuro que desejo. (LOBATO 2009, p. 50).

Pirlimpimpim, pó mágico criado por Monteiro Lobato que leva as crianças do Sítio a viajarem no espaço e no tempo como num passe de mágica. Diferente, porém com a mesma função, o “Porviroscópio” criado pelo Professor Benson, na obra lobatiana *O Presidente Negro*, os leva para o futuro para conhecer uma sociedade que eles não entendem, porém são curiosos para visitar e revisitar diversas vezes.

No nosso caso, não vamos para o futuro, nem fazer uma viagem mágica, mas voltaremos ao passado. Se bem que para isso poderia ter sido criado um “Pretéritoscópio”, mas já que Lobato não o fez, voltaremos então por meio da leitura de livros, cartas e documentos. Trata-se de construir o nosso olhar para um local que não é propriamente o nosso. Esperamos fazer isto com um espírito de viagem e visitação a um *locus* desconhecido ou pouco explorado.

Desta forma, apresentaremos nesta seção e nas subseções, uma biografia comentada por meio dos fatos históricos que permeiam a vida e a obra de Monteiro Lobato. Buscamos traçar um paralelo da sua produção artístico literária com as transformações sociais ocorridas, considerando, desta forma, o desenvolvimento enquanto sujeito histórico.

Como complemento deste estudo e parte significativa da pesquisa, apresentamos como apêndice, ao fim da dissertação, um quadro no qual traçamos um paralelo entre a biografia de Monteiro Lobato com alguns fatos históricos e dados significativos da época. Acreditamos que o quadro contribui para compreender o processo por qual o país passou e que Lobato presenciou, visto que ocorreram muitas transformações no Brasil e no mundo durante sua vida – transformações estas que acreditamos ter influenciado a sociedade, os processos educativos, as relações sociais, a vida de Lobato e a forma dele se referir aos temas abordados em suas obras.

3.1 Biografia e Memórias: Comentários acerca de Monteiro Lobato

Para dissertar sobre a produção de Lobato e de suas perspectivas sociais, antes devemos pensá-lo como um homem participativo na sociedade de seu tempo. Para isto, exige-se refletir sobre sua história e o que contribuiu para construí-lo em sua forma de pensar e agir. Assim, apresentaremos a seguir informações que consideramos relevante, as quais, de alguma forma, podem ser que tenham lhe influenciado nas suas produções artísticas, bem como em suas escolhas profissionais.

José Renato Monteiro Lobato, nascido em “berço de ouro” em 18 de abril de 1882 na cidade de Taubaté, foi o primeiro filho do latifundiário proprietário das fazendas Paraíso e Santa Maria, José Bento Marcondes Lobato com a senhora Olímpia Augusta Lobato. Neto do senhor José Francisco Monteiro, um grande fazendeiro empresário e político brasileiro, mais conhecido como Visconde de Tremembé. Figura significativa na vida do menino, pois este “[e]ntremeia a vida na roça com as temporadas longas na casa que os pais mantinham na cidade em visitas demoradas à casa do avô visconde, no meio de uma chácara” (LAJOLO, 2000, p.13). Neste local, Lobato brincava se divertia e se constituía enquanto herdeiro da família Monteiro Lobato.

Na sua infância, tal como afirma Lajolo (2000, p. 13), Juca, ou seja, o menino Lobato, como “todos os meninos de sua classe social”, possuía “um pajem que o acompanha nas brincadeiras”, algo bastante comum na vida dos meninos abastados do final do século XIX. Porém, tal como lembra Lobato (1957) em suas memórias, o que realmente o satisfazia e o encantava era a suntuosa biblioteca de seus avôs, a tal ponto que, escreve que era mais significativa que o fato de ter conhecido o Imperador Pedro II, enquanto este se hospedava na casa de seu avô.

Cada vez que naquele tempo me empilhava na biblioteca do meu avô, abria um daqueles volumes e me deslumbrava [...] Essa biblioteca, pela maior parte fora dum filho do meu avô, que depois de formar-se em S. Paulo deu de correr o mundo andou pelo Egito e outros países históricos, apanhou febre na campanha romana e morreu num hotel de Nápoles. Secretário de legação. Sua bagagem veio para Taubaté com os mais preciosos e curiosos livros comprados aqui e ali. (LOBATO, 1957, p.51 e 52).

Durante sua vida, o escritor usará diversos pseudônimos, mas a primeira vez que isso ocorre é aos 11 anos. Na época, o menino interessado em utilizar a bengala que seu pai possuía, nas quais constavam as iniciais J.B escritas em ouro, o que naquele tempo era o zênite da elegância masculina, levou o menino a deixar de ser José Renato para se chamar José Bento. Desta forma, Lobato explora as possibilidades de utilizar outros nomes e o faz com pluralidade em sua trajetória, perpassando por Juca, Jobem, Nhô Dito, Demonólogo Amador, Gustavo Lannes e Yewski, cada um em momentos diferentes da sua produção intelectual.

Lobato, no seu processo educacional inicial, foi alfabetizado por sua mãe, depois teve aula particular com o professor Joviano Barbosa e então começou a frequentar escolas particulares de Taubaté, primeiramente matriculado no Colégio Professor Kennedy, na sequência transferiu-se para o Colégio Americano e depois para o Colégio Paulista, no qual conheceu professor Mostardeiro⁴⁷, intelectual positivista de Taubaté, com quem Lobato irá manter amizade mesmo depois de formado. Por fim, Monteiro Lobato conclui seus estudos básicos no Colégio São João Evangelista.

Em 1895, Monteiro Lobato muda-se para São Paulo, onde conhece a vida agitada da capital Paulista. Em São Paulo, matricula-se no Instituto de Ciências e Letras para se preparar para o Curso de Direito, mas o escritor é reprovado em Português e retorna a Taubaté, para estudar novamente no Colégio Paulista. Inicia então, suas atividades de escrita “[...] é lá que estreia em letra impressa, como colaborador de O Guarany, improvisado jornalzinho estudantil” (LAJOLO, 2000, p.14).

Em 1896, Lobato transfere residência novamente para São Paulo e aprovado no curso, dedica-se aos estudos no Instituto de Ciências e Letras, onde ficará por três anos com a intenção de se preparar para o curso de direito. Porém neste instituto, ele desenvolve o gosto pelas artes, pela literatura. Seu avô, o Visconde de Tremembé percebendo a inclinação do jovem para as artes e “atropelando uma presuntiva vocação do neto pelas Belas Artes, o visconde o obriga a matricular-se no curso de direito, curso onde naquele tempo desaguavam todos os filhos da aristocracia brasileira” (LAJOLO, 2000, p.16).

Porém, segundo Lajolo (2000, p. 18), Monteiro não se interessa pelo estudo das leis durante todo o curso, mas mesmo assim o conclui com grande êxito. Durante

⁴⁷ Professor Mostardeiro será apresentado mais adiante neste trabalho com uma das influências na construção teórica do autor.

a graduação se envolve em atividades que possuíam relação direta com a escrita, e ao formar-se em Direito escreve um discurso com “fortes doses de socialismo de Ricardo Gonçalves⁴⁸ e da irreverência lobatina”, que faz com que muitos convidados retirasse-se da sala durante a oratória. Evento este que foi comemorado pelo bacharel em direito e seus colegas em um bar de São Paulo.

O jovem Lobato volta então para Taubaté, carregando o título de “Doutor” Monteiro Lobato e logo se entrelaça em namoro e casa com Maria Pureza da Natividade, que conheceu na casa do ex-professor Antônio Quirino de Souza e Castro, que era diretor do Colégio São João Evangelista, quando Lobato lá estudou.

Com auxílio de seu avô, arruma um cargo público de promotor na cidade de Areias, para que assim possa manter a sua família. Entretanto, após ter vivido na “Paulicéia Desvairada”⁴⁹, a vida no interior já não lhe preenchia mais e escreve ao seu amigo Godofredo Rangel, queixando-se dos hábitos interioranos.

Aqui no exílio a modorra é um mal ambiente que derruba até os mais fortes. Exílio Rangel, pura verdade! Saltar da libérrima vida estudantina de S. Paulo e cair neste convencionalismo... Sinto-me rodeado de conspiradores; todos tramam o meu achatamento. Tudo quanto mais prezávamos - nos-o individualismo, etc., é crime de lesa-aldeia, de que o vigário, os parentes e as mais ‘pessoas gradadas’ querem nos curar. O ideal é fazer de nós mais uma ‘pessoa grada’, mais um ‘cidadão prestante’. É arredondar-nos como um pedregulho, lixar-nos todas nossas arestas – nossas queridas arestas! Um homem aqui só fica bem ‘grado’ quando se confunde com todos os outros e é irmão do Santíssimo Sacramento. (LOBATO, 1957, p. 85).

Demonstra ao seu amigo Rangel que se sente emburrecendo com a vida no interior.

Ah, Rangel, eu brinco, mas o desespero anda a assaltar-me. Meu processo de burrificação marcha firme. Este ar, esta coisa chamada ‘interior’, arrasa uma criatura em poucos meses. Sinto que estou me tornando tapera. [...] Sinto uma ferrugem no cérebro, tudo *grincheux*,

⁴⁸ Na citação Marisa Lajolo se refere a Ricardo Gonçalves que ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1905, mas sempre preferiu a poesia ao estudo das leis. Foi muito amigo de Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. Ricardo e alguns amigos constituíram um pequeno jornal denominado: O Minarete. Ocupavam uma casa localizada bairro do Belenzinho, um chalé amarelo e neste espaço o poeta compôs os melhores versos, que só foram publicados, após a sua morte tendo como prefácio um texto de Monteiro Lobato: "Ipês", lançado em 1922. No 1º ano da faculdade, Ricardo e seu amigo Lobato participaram de um concurso de prosas e versos, ficando Ricardo com o 1º lugar na categoria versos e Lobato com 1º lugar em prosa.

⁴⁹ Paulicéia Desvairada é a primeira obra verdadeiramente de vanguarda do movimento Modernista Brasileiro. Escrita em 1922 por Mário de Andrade (1893-1945) retrata a industrialização da capital paulista e as mudanças em sua paisagem urbana. Por este motivo o termo é hoje em dia utilizado para designar o caos urbano da cidade de São Paulo.

difícil... Que suicídio lento é este viver de aldeia! Suicídio mental apenas, porque o corpo prospera lindamente. Faz-me falta o oxigênio metropolitano. (LOBATO, 1957, p.96).

Em outro momento refere-se a suas atividades diárias e quando se cansa delas resolve administrar a fazer em uma atitude súbita de motivação.

Vivo há tempos com a intenção de escrever-te embora o *farniente* fosse absoluto [...] Imagine você que há dias cansado de ser hóspede em minha fazenda, cansado da minha literatura a *batons rompus*, cansado de fazer fotografias e pintar aquarelas e de ler uns Balzacs, um tanto maçadores, deliberei repentinamente mudar, e da reserva me passar a ativa. (LOBATO, 1957, p. 352).

Neste tempo, sentindo-se deslocado, entre as leituras, ele pinta aquarelas para passar o tempo, em alguns momentos resolve ser fazendeiro e em outros se dedicar à produção literária. Mas, entre o abandono do título de Doutor para se assumir como escritor e mais tarde como renomado empresário da indústria editorial, não passará muito tempo. Neste processo, Lobato registra em várias cartas uma insatisfação permanente, fazendo com que ele se encontre em constante movimento, querendo crescer e se fazer como sujeito ativo na sociedade. Sobre este descontentamento de Lobato, Lajolo (2000) comenta:

Sonha com uma mudança radical de vida, que o livre do cotidiano monótono de promotor em uma cidade morta. A falta de perspectiva leva-o a arquitetar alternativas que rompam com a pasma do dia a dia interiorano: pensa em transferir-se para outras comarcas, em abandonar a carreira e dedicar-se ao comércio abrindo uma venda onde chova dinheiro, cogita negócios de estrada de ferro. (LAJOLO, 2000, p.23).

Lobato se envolve em diversas atividades simultaneamente, escrevendo para jornais, fazendo críticas, envolvendo-se na política, sendo fazendeiro (dois mil alqueires herdados de seu avô), tudo em busca de uma atividade que lhe preencha por completo, garanta-lhe dinheiro e que contribua com a sociedade. Com o passar dos anos, Lobato, apesar das raízes rurais e interioranas se consolidou com um homem cosmopolita e se tornou um cidadão que acredita na ciência e no processo de industrialização para o desenvolvimento. Com sua estadia em Taubaté em Areias, observou a falta de conhecimento do caboclo para cuidar de suas terras, escrevendo então severas críticas aos hábitos caipiras.

Em 1914 escreve uma carta ao jornal O Estado de São Paulo, denominada como: “Uma Velha Praga”, na qual denuncia as queimadas feitas pelos caipiras, chamando-as de práticas incendiárias. Surge então, a personagem Jeca Tatu que ele definirá como piolho da terra e orelha de pau⁵⁰. Neste mesmo ano, inicia-se a Primeira Guerra Mundial, fato que leva Lobato a tecer comparações entre a destruição causada pelas chamas da guerra e aquela causadas pelo Jeca nas fazendas.

Andam todos em nossa terra por tal forma estonteados com as proezas infernais dos belacíssimos ‘vons’ alemães, que não sobram olhos para enxergar males caseiros.

Venha, pois, uma voz do sertão dizer às gentes da cidade que se lá fora o fogo da guerra lavra implacável, fogo não menos destruidor devasta nossas matas, com furor não menos germânico.

Em agosto, por força do excessivo prolongamento do inverno, “von Fogo” lambeu montes e vales, sem um momento de tréguas, durante o mês inteiro.

Vieram em começos de setembro chuvinhas de apagar poeira e, breve, novo ‘verão de sol’ se estirou por outubro a dentro, dando azo a que se torrasse tudo quanto escapara à sanha de agosto.

A serra da Mantiqueira ardeu como ardem aldeias na Europa, e é hoje um cinzeiro imenso, entremeado aqui e acolá, de manchas de verdura – as restingas úmidas, as grotas frias, as nesgas salvas a tempo pela cautela dos aceiros. Tudo mais é crepe negro. (LOBATO, 1914, p.3).

Este discurso gerou grande repercussão, pois a agressividade com que ele desfere suas palavras a figura do caboclo brasileiro denota a insatisfação dos latifundiários paulistas, que consideravam-se prejudicados pelas políticas em vigor.

Entretanto, mais tarde, o texto é reescrito e publicado novamente como, o Jeca Tatu. Porém, tal publicação vai além de narrar a triste figura do homem da terra, mas se faz, em razão da perspicácia de Lobato aos negócios. Este personagem se tornara peça publicitária do “Biotônico Fontoura”. Neste caso, Lobato ganha algum dinheiro com a venda da obra, enquanto que, o Farmacêutico Cândido Fontoura objetiva aumentar seus lucros com a venda do “Biotônico”. Neste aspecto, a “Dona ciência”, ou seja, o medicamento produzido em laboratório substitui a medicina caseira e o conhecimento empírico do caboclo brasileiro. Com objetivos comerciais, os empresários Fontoura e Lobato utilizam-se deste personagem por muitos anos. Desta forma, Monteiro Lobato e Fontoura se tornam pioneiros na indústria publicitária brasileira:

⁵⁰ O texto original do autor pode ser acessado por meio do acervo digital do jornal, O Estado de S. Paulo, publicado em 12 de novembro de 1914.

[...] tornam-se ambos pioneiros da indústria brasileira: um – Monteiro Lobato da indústria dos livros; outro – Fontoura – da dos remédios. Na passagem do texto do jornal para ao almanaque, substitui-se a medicina caseira da erva-de-santa-maria (na versão original) pela Ankilostomina e pelo Biotônico, o que traz para o currículo de Monteiro Lobato a experiência da publicidade, outro índice de modernidade” (LAJOLO, 2000, p.56).

Neste aspecto, nas publicações do exemplar abaixo pode-se observar uma imagem publicitária, em que Monteiro Lobato interage com o Jeca Tatu e sugere a ele o uso do medicamento para curar os males do amarelão. Veja a imagem:



Figura 1: Peça Publicitária - Almanaque Biotônico Fontoura, 1935⁵¹.

Mas, a parceria entre o escritor e o empresário se dará muito após a sua segunda saída do interior rumo à capital paulista, pois para dar cabo a sua insatisfação, em 1917, Lobato vende a fazenda e se muda para São Paulo com sua esposa e os quatro filhos em busca de novas perspectivas.

⁵¹ Cf. Imagem disponível em: <<http://pnld.moderna.com.br/2012/04/18/monteiro-lobato-o-escritor-da-infancia/>>

A partir deste momento, trataremos de Lobato a partir de suas cartas, permitindo que o nosso próprio objeto de estudo fale por si mesmo.

3.2 Narrativas em fragmentos: Lobato por ele mesmo

Nesta subseção, vamos permitir que Lobato fale por ele mesmo, para que possamos conhecê-lo melhor. Para atingirmos tal objetivo, não buscamos interlocutores. Realizamos uma detalhada leitura da obra *A Barca de Gleyre*, 1^o e 2^o tomos publicadas em 1957, afim de buscar em suas cartas trocadas com o amigo Godofredo Rangel, definições de si próprio. Mostraremos sonhos, dúvidas, sentimentos, emoções, que o ajudaram a se tornar uma reconhecida personalidade brasileira.

Na juventude, quando concluindo seu curso de bacharelado em Direito, idealiza realizar um de seus sonhos, que nada tem a ver com aquele rapaz ávido por leituras que fazia parte do Cenáculo.

S. Paulo 2, 6, 1904.

Estou prestes a fechar meu curso. Entro na 'vida prática' em dezembro e creio que realizarei o meu sonho: ser fazendeiro. A minha vida (isto é, de ideias) esta a pingar no ponto final. Vou morrer – vai morrer este Lobato das cartas. E nascerá um que te fale em milho e porcos e te dê a receita para acabar com o piolho das galinhas. (LOBATO, 1957, p. 61).

Após retornar a sua cidade natal, conta ao amigo, que se tornou crítico local e que diversos artistas das cidadezinhas próximas procuram-lhe para escrever sobre seus trabalhos, se tornando admirado pelo povo, que não entende uma só palavra do que ele escreve.

Taubaté, 24, 1, 1905.

Perguntas da minha vida. Completa. Eufórica. Três amores, cada um dum tipo. Leio. Estudo. Trabalho. [...] E estou transformado na 'última palavra' da crítica local, depois de uns artigos sobre minha namorada número 2- a de função estética. O povo olha-me com uma espécie de terror sagrado [...] O meio de sermos admirados pelo povo é não sermos entendidos. [...] E o diretor do jornal local fez-me a honra de declarar que sou a 'única autoridade de crítica da terra'. Quer dizer que também não me entende. (LOBATO, 1957, p. 90; 91).

O tempo que passa na pequena cidade de Areias, o faz acreditar que está perdendo o gosto pela leitura, pois ele descobre interesse e se dedica a outras atividades, que não praticava anteriormente.

Areias, 1, 11, 1908.

Ando perdendo o gosto pela leitura e ganhando ultra gosto pela carpinteiragem, pela horta e outras coisas manuais. Enchi-me de ferramentas e passo as horas fazendo jardineiras, mesas toscas, divãs estofados, molduras para quadros. Também pinto muito. Aquarelas como sempre. [...] E quanto a escrever, nada de nada. Só estas cartas de quando em quando. (LOBATO, 1957, p. 223-224)

Lobato, não se apresenta como um ser, que se permite dominar por ideias sem antes analisá-las com criticidade. Ele afirma que ele e seu amigo Rangel, são ambos seres que necessitam estar em constante movimento, não se moldando as imposições e as convenções sociais.

Fazenda 7,6, 1914.

Nós Rangel, nós todos do atalho, vivemos as nossas vidas. Uma revolução muda as instituições de um país? Nós perscrutamos essência recôndita do fato, vemos as coisas que o rebanho não vê e passamos adiante, com a atenção atraída por um beija-flor evidentemente parado no ar. Sim, eles e as varejeiras sabem ficar paradinhos no ar, por meio da vibração das asas. Por que não também o homem, o qual também já começou a voar? E ou nós nos metemos na peleja e vamos chefiar o movimento e colher os despojos da vitória, ou vamos escrever Os Sertões. Ora roubamos, ora matamos, ora somos o *Marques de Sade*, ora *Cesar Borgia*. O que não somos nunca é ovelha – fiel ovelha do santo padre, e de S. M. o Rei, do Partido, da Convenção Social, dos códigos da Moral Absoluta, do Batalhão, de tudo que mata a personalidade das criaturas e as transforma em números. (LOBATO, 1957, p. 358; 359).

Percebemos que ao se mostrar disposto “ora ser Marques de Sade, ora Cesar Borgia”, Lobato se colocava como um ser mutável, que se encontraria em permanente processo de transformação, haja vista que estas duas personalidades históricas, são opostas em suas perspectivas filosóficas. Sade, nome que dá origem ao termo “sádico”, era um ateu que se posicionava de forma crítica em relação a sociedade, sendo preso inúmeras vezes por apresentar ideias contrárias às da igreja. Borgia, na margem oposta de Sade, era um príncipe, um religioso que abriu mão do clero para se tornar um guerreiro e conduzir um exército.

Na mesma carta, em tom de desabafo, Lobato afirma que não está disposto a aceitar (im)posições que lhe venha a força. Reclama pela sua liberdade de expressão e de pensamento, não necessitando da aprovação de ninguém para exercê-la.

Às vezes passa-me a ideia de agarrar palavras, fixa-las e, ao teu modo, dizer ao mundo: 'Sou assim, quero assim, não tenho contas a te prestar, irmão, não te lisonjeiro, nem te satisfaço o paladar, ó carneirada feia! Não escrevo para ti, nem aspiro teu aplauso. Apenas satisfaço uma necessidade orgânica, sem visar coisa nenhuma'. (LOBATO, 1957, p. 360).

Após a publicação de "A Velha Praga" no jornal o Estado de S. Paulo, Lobato entra em uma espécie de crise de identidade, questionando seu talento e sua capacidade de escrita, afirmando que o que tem é apenas uma habilidade, nada de mais, assim como tem habilidade para diversas outras atividades, considerando-se apenas um escritor amador.

Fazenda, 22, 11, 1914.

[...] acho que meu talento muito problemático; o que tenho é jeito; habilidade; e assim como sem ser pintor, pinto minhas aquarelas, sem ser caricaturistas faço minhas caricaturas, sem ser relojoeiro, conserto relógios (e dos grandes), e conserto fechaduras, e faço toda uma mobília tosca, como fiz em Areias, e construo uma capelinha com torre (como a construí em Taubaté), assim por força deste mesmo jeito para tudo, escrevo artigos e contos sem ter o real, o solido e bom talento do escritor que veio ao mundo só para escrever. Sinto-me capaz de tudo, mas sempre por força da habilidade e da manha, não pela força ingênita do artista que cria inconscientemente e de jacto. Sou, em suma, o tipo do curioso – e acho uma beleza de expressão esta palavra popular, equivalente a 'amador'. Eis Rangel, o que no fundo penso de mim. (LOBATO, 1957, p. 366).

Após anos, morando no interior paulista e mais tantos anos na capital, Lobato com a família, impele mudança para a Cidade do Rio de Janeiro, na qual como prevendo o futuro, ele questiona que talvez esta seja, apenas mais uma das várias cidades pela qual ele passará no decorrer de sua vida.

S. Paulo, 29,9, 1925.

Voltarei algum dia para este S. Paulo? Gosto de São Paulo, destes seus plátanos que perderam as folhas, deste seu clima sempre frio, desta sua garoa dentro da qual passeávamos a noite com o Ricardo, ouvindo-lhes os versos maravilhosos.

Taubaté... Areias... Fazenda Buquira... Caçapava... S. Paulo... E depois? Shangai? Londres? New York?... Mas onde que estivesse ou estiver, sempre estive e estarei com você. (LOBATO, 1957, p. 280).

Sem interesse de olhar para os fracassos do passado, e já superando as crises de que não se consideraria um bom escritor, Lobato se questiona se deve ou não, se inscrever para concorrer a uma vaga na Academia Brasileira de Letras.

Rio, 8, 11, 1925.

Quem vive a olhar para o passado é como quem caminha de calcanhares para frente.

Fui convidado para dirigir um jornal e estou pensando. Não me seduz o jornalismo. 'E a Academia?' perguntas. Não sei Rangel, tenho medo de academias, coisa algemante, e não possuo o 'feitio acadêmico' já o disse o Vicente de Carvalho. A Academia é bonita de longe, como as montanhas. Azulinha. De perto... que intrigalhada, meu Deus! Que pavões! Quanta gralha com penas de pavão lá dentro! (LOBATO, 1957, p. 282).

Nessa mesma carta ao amigo Rangel, Lobato reclama do tropicalismo carioca e afirma que não se identifica com aquele cenário, preferindo viver em um lugar mais frio.

Gosto do Rio e sempre quis morar aqui [...] Mas a paisagem tropical me cansa. Sinto palmeiras de presepe e do eterno Pão de Açúcar. Meu sonho é a paisagem dos países frios, com invernos, árvores desfolhadas, outonos vermelhos, neve – e depois a maravilha que há de ser a 'renovação da cor' na primavera. Não tenho o índio ou o negro na alma. O tropicalismo me parece coisa de índio e negro da África. (LOBATO, 1957, p. 283).

Contraditoriamente do que afirmou anteriormente sobre a Academia Brasileira de Letras, Lobato se candidata novamente para ser um imortal.

Rio 26, 1, 1926.

A vadição forçada em que me encontro fez-me pensar no suicídio, não é a moda do Ricardo, mas por meio da 'imortalidade' acadêmica. [...] Nossos imortais morrem como formigas. Há tantas vagas agora e tantas 'quase vagas', que num momento de desespero inscrevi-me. (LOBATO, 1957, p. 287).

Mas, mais uma vez se arrepende, pois não se identificar com o cenário, vestimenta e postura dos escritores imortalizados pela Academia.

Rio, 11, 2, 1926.

Minha segunda aventura na Academia... Da primeira vez me apresentei e logo depois me arrependi e retirei a apresentação. Desta vez, foi o Leonidio Ribeiro, grande amigo daqui, quem me empurrou. Inscrevi-me e cheguei a fazer duas ou três visitas. Mas a velha vergonha voltou. Larguei mão. (LOBATO, 1957, p. 289).

Lobato mostra-se cansado de escrever para os adultos e cogita a possibilidade de enveredar pelo ramo da literatura infantil, pois ele relembra do quanto foi importante a literatura na sua infância. Lobato acredita que a criança é um mundo particular, ele não vê a criança como um adulto em miniatura, por isso se anima em escrever para o público infantil.

Rio, 7, 5, 1926.

Ando com as ideias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjo já me enjoiei. Bicho sem graça. Mas para as crianças um livro é todo um mundo. Lembro de como vivi dentro de *Robinson Crusoe* do Laemmert, Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim morar, como morei no *Robinson* e n'Os filhos do Capitão Grant. (LOBATO, 1957, p.292; 293).

Mas, apenas dois meses após de escrever a carta demonstrando interesse pela literatura infantil, Lobato informa o amigo Rangel que gesta uma nova ideia, um novo livro e não é para criança. “Sabe o que ando gestando? Uma idéia mãe! Um romance americano, isto é editável nos Estados Unidos. Já comecei e caminha depressa” (LOBATO, 1957, p. 293). A obra referida por Lobato trata-se do polêmico *Choque das Raças* ou *O Presidente Negro*.

Em 1927, com o livro o *Choque das Raças* concluído, com muitos sonhos e vontade de conhecer os Estados Unidos da América, Lobato prepara mudança para morar lá. Para viver nos Estados Unidos, planeja abrir uma companhia, publicar seu novo livro e se tornar milionário. Neste sentido, afirma que o Brasil é um país pequeno demais para o tamanho dos sonhos.

Rio 23, 3, 1927.

Estou a fazer a bagagem. A 27 de Abril sigo de mudança para os Estados Unidos, para onde fui nomeado Adido Comercial. Verei se lanço lá a edição inglesa do *Choque das Raças* e estudarei a hipótese do transplante da nossa segunda empresa editora. Se for possível, chamar-se-á *Tupy Publisging Co.* e há de crescer mais que a de Ford, fazemo-nos todos milionários –editores e editados. O Brasil é uma coisa perrengue demais para os sonhos que tenho na cabeça. Esses planos no Brasil permanecerão toda vida lândeas: lá virarão piolhos do tamanho do tamanho de iguanodontes. O cargo assegura-me a subsistência, e deixa-me liberdade de ação. Espero em dois anos dispensá-lo e ficar apenas o chefe da *Tupy e Co.* Que sonho lindo! Que maravilha! Morar e ter negócios na maior cidade do mundo, onde os homens se envenenam com o fedor da gasolina de 800 mil carros. (LOBATO, 1957, p. 299; 300).

Após chegar em New York, mais uma vez Lobato muda de opinião sobre as razões de sua existência, sobre seus objetivos e aspirações profissionais. Pois, após conhecer a metrópole americana ele acredita que sua vocação para a metalurgia é maior do que para a produção literária.

New York, 28, 11, 1928.

Quando olho para trás fico sem saber o que realmente sou. Por que tenho sido tudo e creio que minha verdadeira vocação é procurar o que valha a pena ser. Aquela minha fúria literária de Areias e da fazenda: quem visse aquilo proclamava-me visceral e irredutível 'homens das letras'. E errava porque o Lobato que fazia contos e os discutia com você esta mortíssimo, enterradíssimo e com pesada pedra sem epitáfio em cima. O epitáfio poderia ser: 'Aqui jaz um que se julgou literato, e era metalurgista'. Porque a minha vocação pela metalurgia é muito maior que a literária. (LOBATO, 1957, p. 311; 312).

Ele apresenta esta fala, por acreditar que nada se produz sem o ferro. Afirma que para produzir o papel no qual escreve é necessário de uma máquina e instrumentos feitos de ferro. Seja o machado que corta, a máquina que produz, a pena com que se escreve, o trem que transporta. Por este motivo e pelo fracasso da publicação de seu livro *O Choque das Raças*, ele desiste da *Tupy* e busca outro caminho. “Estamos com uma empresa em organização no Rio para ferrear o Brasil [...] construir máquinas e instrumentos por falta dos quais ainda vagimos no berço do atraso.” (LOBATO, 1957, p.313; 314).

Como empresário e leitor Monteiro Lobato era um observador da organização social. Neste sentido, quando transferiu-se para os EUA, ele vislumbrou a grande potência econômica que ali se apresentava, algo que ele deseja para o Brasil, pois afirma: “Meu plano agora é um só: dar ferro e petróleo ao Brasil” (LOBATO, 1957, p.302). Desta forma, Lobato acredita que para o Brasil de fato se desenvolver, precisa investir numa industrialização que promova a autonomia do país na indústria de base e não apenas fomente uma indústria de consumo.

Apesar dos seus altos sonhos com a produção de ferro, é na literatura que Lobato encontra a segurança financeira. Assim, se propõe a voltar novamente a escrever.

New York, 26,6, 1930.

Sabe que estou em vésperas de ressuscitar-me literariamente? A famosa comichão vem vindo – e terei de coçar-me em livro ou jornal. Só me volto para as letras quando os bolsos esvazia, e agora, em vez

de milhões de dólares, perdi alguns milhares na bolsa. Resultado: *literatura around the corner*. (LOBATO, 1957, p. 320).

Retornando para o Brasil, em 1931, Lobato não abandona a literatura e nem os sonhos da metalurgia e do petróleo. Funda a Companhia Nacional de Petróleo do Brasil e publica *Reinações de Narizinho*. Dedicasse aos dois trabalhos simultaneamente. Entretanto a literatura é para lhe garantir a subsistência e Companhia de Petróleo para a realização do sonho.

S. Paulo 7, 10, 1934.

Minha popularidade apavora-me. Com a ausência e o silêncio de seis anos, esperei estar hermeticamente esquecido; mas vejo o meu nome por toda a parte, ligado ao ferro e ao petróleo.

Que aventura tremenda Rangel! Dar petróleo ao Brasil como quem dá cocada a uma criança! Se o governo não me atrapalhar dou ferro e petróleo ao Brasil em quantidades rockfellerianas. As perfurações estão em marcha.

Tenho em composição um livro original, *Reinações de Narizinho* [...] estou gostando tanto que brigarei com quem não gostar. Estupendo Rangel! E os novos livros que tenho na cabeça ainda são mais originais. (LOBATO, 1957, p. 328; 329)

Porém, as coisas não saem exatamente do jeito que Lobato esperava e ele não consegue o retorno desejado com o Petróleo e com o Ferro, então se queixa na burocracia que existe no Brasil. Para ele, a burocracia brasileira se perdia em exigências inúteis, as quais impediam que as coisas acontecessem.

S. Paulo. 1,6, 1938.

[...] Não temos estradas, não temos trailers, não temos dinheiro, nem coragem... nem anúncios. [...] Tudo apodrece por aqui, Rangel, tudo arrasta. Eu apodreço no Petróleo; lido com ele a oito anos e nada, não consigo vencer os embaraços oficiais. E apodreço nesta UJB⁵² que é um sorvedouro. E apodreço no ferro, onde também só encontramos obstáculos (já estou no ferro há 10 anos). (LOBATO, 1957, p. 331).

E o tempo passa, mas Lobato não consegue pôr em prática seus planos de exploração do Petróleo

S. Paulo 15, 4, 1940.

Já um ano e seis meses de espera. Espera de licença para tirar o Petróleo e salvar este país da miséria que o rói... Inda hoje escrevi uma carta ao chefe do governo denunciando a patifaria. Dará resultado?

⁵² União Jornalística Brasileira, na mesma carta Lobato afirma que a UJB apenas dá prejuízo, pois não consegue publicidade o suficiente para dar lucro.

Ora, essas coisas me tem aborrecido tanto, que passei a estudar o problema da morte como uma aspirina que cura tudo duma vez. Morrer e ir para o inferno, que delícia! Porque se formos para o céu, encontraremos lá toda a turba dos sabotadores – tão influente e poderosa ela é. (LOBATO, 1957, p. 333).

Após tanto se dedicar a exploração de petróleo e diante das adversidades políticas para continuar seu plano, Lobato escreve uma carta ao então Presidente Getúlio Vargas e outra ao General Góes Monteiro, questionando-lhes sobre suas posturas displicentes em relação as questões do petróleo nacional, o que lhe rende um prisão de seis meses por injuriar o Presidente da República⁵³. Lobato perde a motivação, e em tom nostálgico, relata ao amigo a insatisfação que lhe corrói, por ver seus planos não serem realizados.

São Paulo 17, 9, 1941.

Nem livros novos para crianças tive coragem de fazer este ano, apesar de ter na cabeça ideias magníficas. Vem vindo a indiferença por tudo. Se eu for para a Argentina, talvez ainda bruxoleie antes de apagar-me completamente. Aqui nesta terra nem ânimo de bruxulear eu tenho. Não vale a pena. Depois que me vi condenado a 6 anos de prisão, e posto numa cadeia de assassinos e ladrões só porque teimei demais em dar petróleo a minha terra, morri um bom pedaço da alma. Espero que seja esse o meu último desapontamento. Nada mais empreendo, não correrei risco nenhum outro. [...] Estive em Taubaté depois de 25

⁵³ No texto *A Prisão de Monteiro Lobato*, a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) de São Paulo, nos apresenta como e por qual motivo se efetivou a prisão do referido autor.

“Em 24 de maio de 1940, o escritor Monteiro Lobato, em plena ditadura do Estado Novo, escreveu uma carta ao presidente Getúlio Vargas, logo seguida de outra ao general Góes Monteiro, chefe do Estado-Maior do Exército, verberando a “displicência do sr. Presidente da República, em face da questão do petróleo no Brasil, permitindo que o Conselho Nacional do Petróleo retarde a criação da grande indústria petrolífera em nosso país, para servir, única e exclusivamente, os interesses do truste Standard-Royal Dutch”.

Em 6 de janeiro de 1941, o Ministro F. de Barros Barreto, Presidente daquela Corte de Exceção, solicitou ao Chefe de Polícia de São Paulo a abertura de inquérito contra Monteiro Lobato

O artigo 3º, nº 25 do Decreto-Lei nº 431, de 18-3-38, dispunha que constituía crime contra a segurança do Estado e a ordem social injuriar os poderes públicos ou os agentes que os exercem, por meio de palavras, inscrições ou gravuras na imprensa, prevendo a pena de seis meses a dois anos de prisão.

O delegado Rui Tavares Monteiro, da Superintendência de Segurança Política e Social de São Paulo, concluiu o inquérito policial em 1º de fevereiro de 1941, declarando que o Dr. José Bento Monteiro Lobato, “sobre haver injuriado o Sr. Presidente da República, procura com notável persistência desmoralizar o Conselho Nacional de Petróleo, apresentando-o a soldo de companhias estrangeiras, em cujo exclusivo benefício toma todas as suas deliberações, o que, a ser verdade, constituiria, sem dúvida um crime de lesa-pátria, que comprometeria o próprio Governo Federal, de que ele é representante”.

Em 18 de março de 1941, o referido procurador requereu ao Presidente do Tribunal, Coronel Maynard Gomes, a decretação da prisão preventiva de Monteiro Lobato, por ter ele tentado evadir-se do país, ao que o presidente da Corte, acatando o pedido, decretou a prisão preventiva do escritor”.

Texto disponível na íntegra em: <<http://www.oabsp.org.br/sobre-oabsp/grandes-causas/d-prisao-de-monteiro-lobato>>

anos de ausência – lá de onde tanto te escrevi no tempo em que tinha mais literatura e sonho na cabeça do que hoje tenho ódios e nojo de tudo. Nós nos procurávamos, Rangel. E tanto nos procuramos que nos achamos. Nós construímos lentamente, não nascemos feitos. (LOBATO, 1957, p. 337).

Lobato começa a sentir o peso da idade e principalmente a perda dos dois filhos Guilherme com 24 anos e Edgar com 31 anos. A saudade lhe maltratava.

São Paulo 20, 2, 1943

E assim vamos também nós morrendo. Morrendo nos filhos, pedaços de nós mesmos que seguem na frente. Morrendo nas tremendas desilusões em que desfecham nossos sonhos. E morrendo fisiologicamente no torpor das glândulas, no decair da vista, no desinteresse cada vez maior por coisas que na mocidade nos eram de tremenda importância.

Se estamos aqui como numa escola de aperfeiçoamento, meus filhos acabaram o curso mais depressa do que eu – prova de que eram melhores alunos do que eu. E tive de assistir a morte dos dois e ficar no maior desapontamento – ‘sombrando’. (LOBATO, 1957, p. 345; 346).

Entre tantas atividades profissionais por qual passou, com o tempo, Lobato percebe que essas tentativas de mudar de ramo era fruto da sua curiosidade e de sua necessidade de estar em constante movimento e reconhece que sua paixão sempre esteve com a literatura. E após ler as cartas trocadas com Rangel, por longos anos de amizade, com o intuito de transformá-las em livros, ele finalmente percebe isto. Para ele, todas as demais atividades que exerceu foram secundárias se comparadas com a produção literária.

S. Paulo 28, 9, 1943.

As minhas mostram que não houve erva de Santa Maria que matasse a lombriga literária - nem a pintura, nem a promotoria, nem os porcos lá da fazenda, nem a fúria industrial, nem a falência, nem New York, nem a siderurgia, nem a campanha pelo petróleo, nem a prisão por ofensas ao presidente - e receio que nem a morte me liberte da lombriga. Tenho medo que mesmo depois de morto, me ponha, como o Humberto de Campos, a escrever com a mão de Chico Xavier. (LOBATO, 1957, p. 358).

Com a experiência que a idade lhe conferiu, já com 61 anos, Lobato se mostra descontente com os tristes caminhos tomados pela humanidade no que tange a escravização, ao nazismo e ao fascismo, e reflete sobre como isso será negativo para as crianças que passam por estes momentos históricos.

A receptividade do cérebro Infantil ainda limpo de impressões é algo tremendo – e foi ao que infame fascismo da nossa era recorreu para a sórdida escravização da humanidade e supressão de todas as liberdades. A destruição em curso vai ser a maior da história, porque os soldados de Hitler leram em criança os venenos cientificamente dosados do hitlerismo – leram como eu li Robinson. (LOBATO, 1957, p. 346).

Percebemos na passagem da carta supracitada, a preocupação de Lobato com o que as crianças leem e como isto influencia em seu futuro. Preocupação esta que na atualidade fundamenta boa parcela dos pesquisadores que tecem críticas as obras lobatianas e o acusam de racismo. Acreditamos que esta passagem evidencie que, Lobato era contrário a qualquer tipo de escravidão ou reprodução de ideologias nazifascista, bem como o escritor, não considerava suas produções como promotoras de segregação racial, ou qualquer tipo preconceito, pois ele se atentava com qual legado um livro pode deixar na história de uma criança.

Os anos passam e Lobato sente a idade debilitando o corpo físico, sente que está chegando próximo do fim, e conta que tem a sensação que em breve deixará a vida.

Buenos Aires, 19, 3, 47.

Na nossa idade, com estes abalados organismos cheios de carrunhos, há sempre o perigo da casa cair de um momento para o outro. Creio que minha casa vai cair por desabamento do lado cardíaco. Sinto às vezes, a noite, umas coisas que só posso definir como tentativas de fuga de um prisioneiro. Chego, em terrível aflição, a despertar subitamente agarrado á vida como um náufrago, nas últimas a tábuas de salvação. [...] Até agora todas as fugas fracassaram [...] (LOBATO, 1957, p. 381; 382).

Após estes presságios em 21 de Abril de 1948, Lobato sofre um “espasmo muscular”, que lhe compromete a visão, limitando a sua possibilidade de leitura e de escrita. Porém, nos primeiros sinais de visão, nas vésperas de São João, pega um lápis e papel para escrever ao seu estimado amigo. Na carta, escreve sobre a falta que literatura lhe faz e se pronuncia em um tom de despedida ao seu estimado amigo.

Tenho estado, todo este tempo privado de leitura - e que falta me faz! A civilização me fez um animal que lê, como o porco é um animal que come - e os dois meses sem leitura vem me deixando estranhamente faminto. [...] Se morrer é apenas passar de estado de vivo, para o de não-vivo, que venha a morte que será muito bem recebida. Estou com uma curiosidade imensa de mergulhar no Além [...] Adeus Rangel, nossa viagem a dois está chegando perto do fim. Continuaremos no

Além? Tenho planos logo de lá chegar, de contratar o Chico Xavier para psicógrafo particular, só meu – e a 1ª comunicação vai ser dirigida justamente a você. Quero remover todas as suas dúvidas. (LOBATO, 1957, p. 383).

Lobato vem a óbito no dia 04 de julho de 1948, poucos dias depois de escrever esta carta e é enterrado no Cemitério da Consolação. Como ser humano, lutou constantemente para manter-se vivo na produção literária, na corrida econômica e emocionalmente. Nesta luta, realizou muitas coisas e outras tantas fugiram de seu controle, causando-lhe sentimentos de insatisfação, revolta e reviravolta em suas atividades políticas e profissionais. O certo é que, a única constância em sua vida, era o fato de estar sempre buscando algo novo. Pelas suas cartas, nas vezes que ele se referia aos seus sentimentos, percebe-se que Lobato era um homem inquieto, insatisfeito que buscou construir a si mesmo e na mesma intensidade procurou construir o Brasil. Lobato deixou uma vasta produção literária, porém, morreu sem ver um de seus grandes sonhos a se realizar, ou seja, a exploração do Petróleo no Brasil, que só se efetivou com o surgimento da Petrobras em 03 de outubro de 1953.

3.3 Ninguém se constrói sozinho: influências na formação de Monteiro Lobato

Ao olharmos o Lobato pela totalidade, podemos observar as diversas nuances que o construíram e que se refletem na sua produção literária.

De origem aristocrática, como neto de um visconde, era uma das poucas pessoas, na época, que tinham acesso à educação formal, por intermédio das escolas particulares. Pelas cartas trocadas com seu amigo Godofredo Rangel e disponibilizadas na obra *A Barca de Gleyre*, percebe-se que Lobato, ao ter acesso à vasta biblioteca da casa de seu avô, antes de ser um escritor, fora um leitor ávido, que lia e estudava diversos temas e assuntos.

Com tantas e diferentes leituras, desta forma, sua produção literária, não poderia deixar de refletir sobre aspectos da cultura, da política, da economia, enfim sobre a sociedade de forma geral. Vejamos algumas influências significativas, que contribuirão na construção do homem e do escritor Lobato.

Como o sujeito de seu tempo, Monteiro recebe as influências teóricas, analíticas, políticas, religiosas circulantes na sociedade brasileira, bem como de outros países. Não podemos deixar de considerar que o escritor nasceu em 1882, data anterior a abolição da escravatura que causará grandes efeitos na economia e

na política nacional. Este é o período no qual o Brasil se encontra naquilo que Boris Fausto chama de crise do Segundo Reinado (FAUSTO, 1995, p.217).

A Europa, continente ao qual o Brasil está relacionado por motivos políticos e econômicos, encontra-se em processo de desenvolvimento do modelo capitalista e no qual o trabalho escravagista, não atende as demandas do capital e nem a ideologia da liberdade e da propriedade do trabalho que justifica a acumulação do capital. Em movimento contrário à ideologia burguesa, o Brasil, continua escravagista por um longo período, escarnando o paradoxo do capital:

Há, portanto, um paradoxo entre a evolução da questão da escravidão no Brasil e os acontecimentos que tem como palco o cenário Europeu: na Europa o trabalho assalariado já está sendo questionado pratica e teoricamente, enquanto no Brasil a burguesia estorcia-se, nas palavras de um contemporâneo, para se alcançar a era deste trabalho assalariado, visto como capaz de regenerar o país e colocá-lo na trilha da harmonia social, da paz e do progresso. Para nós todavia, a questão não se esgota na constatação do paradoxo. Trata-se a nosso ver, de um paradoxo que pode iluminar o caminho para se ampliar a compreensão do ritmo lento e gradual como se processou a liquidação do trabalho escravo no Brasil [...] A crítica a escravidão nunca rompeu a concepção burguesa de história de modo que, desde o início do século, já estava claramente delineado o limite da transição do trabalho escravo para o trabalho livre: emancipar os escravos sem interromper a marcha do Brasil em direção à forma burguesa plenamente desenvolvida. (PEREIRA, 1986, p.6).

Porém, mesmo quando se ocorre a abolição da escravatura ela não se efetivou na prática na mesma proporção, ou seja, as condições materiais para que os ex-escravos e/ou seus descendentes tornassem cidadãos livres e iguais, não foram ofertadas. Com a chamada abolição dos escravos, eles apenas deixaram de serem propriedades, mas não foram ofertadas novas condições de sobrevivência, visto que a maioria não foi incorporada ao regime de trabalho assalariado. Aos ex-escravos e seus descendentes sobraram os piores trabalhos, os mais degradantes e menos pagos, aqueles que eram recusados pelos imigrantes. Isto, quando conseguiam trabalho, pois uma grande parte da população negra permanecia desempregada, em razão das políticas de imigração realizadas pelo governo para trazer europeus para o Brasil.

Após a abolição, a economia brasileira passou por algumas transformações, o sistema produtivo capitalista entra em uma nova fase, tornando-se mais diversificado

e os barões do vale paulista já não eram tão fortes politicamente, pois surgindo uma nova classe social⁵⁴.

Segundo Lajolo (2000, p.36), Lobato cresceu e se desenvolveu em meio a esta busca pelo fortalecimento do capitalismo no país. Um processo marcado pelo debate contra o regime monárquico e pelo clima da proclamação da Primeira República Brasileira. Desta forma, os primeiros anos da infância e da formação profissional de Lobato foram marcados por um conturbado clima de debates sobre a organização social, a estrutura política e a forma de produção brasileira. Neste processo, segundo destaca Lajolo (2000, p.36), quando Lobato atinge fama no meio literário e empresarial, suas literaturas “[...] condizem com o primeiro quartel do século vinte, quando o Brasil timidamente se moderniza, e se moderniza numa direção nitidamente capitalista”.

No processo de desenvolvimento do sistema produtivo brasileiro, o seu sistema capitalista passa por algumas mudanças, isto de acordo com as necessidades de se adequar ao desenvolvimento internacional do capital e de ajustar os problemas nacionais. Neste processo, o sistema produtivo nacional passa por algumas fases em que predomina certas características na produção de matéria prima. Na década de 1930, com a crise da chamada economia cafeeira, uma nova fase econômica se impõem. Diante da crise econômica, do desenvolvimento da tecnologia industrial e do clima de guerras mundiais⁵⁵, grande parte do poder político e teóricos brasileiros, falam da necessidade do Brasil se modernizar e desenvolver a indústria nacional.

⁵⁴ Na historiografia brasileira não há consenso sobre a implantação e/ou desenvolvimento do Regime capitalista no Brasil. Sobre esta questão, Favoreto (2015, p. 08) destaca que “Em 1923, Octávio Brandão traduz para o português o Manifesto Comunista de 1848, de Marx e Engels, o qual serviu de base para realizar uma interpretação da história brasileira. Essa interpretação resultou na publicação da obra Agrarismo e industrialismo em 1926, em que, Brandão chega à conclusão que, naquele momento, o Brasil ainda vivia a transição para a revolução burguesa. A tese dualista (agrarismo/industrialismo) da revolução brasileira também foi defendida por Leôncio Basbaum (militante), Nelson Werneck Sodré (ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros), e Celso Furtado (CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina). Segundo Sodré, o processo político da chamada revolução brasileira tinha se iniciado em 1930 e foi somente na década de 50 que as condições socioeconômicas e políticas se mostraram suficientemente maduras “para permitir aquele processo de renovação a que já se convencionou chamar de Revolução Brasileira” (SODRÉ, 1978, p. 58). O grande crítico da tese dualista do PCB foi Caio Prado Jr., que, embora tenha publicado suas primeiras análises da história brasileira na década de 30, somente na década de 50 conseguiu maior expressão teórica na academia”. Cf. texto na íntegra disponível em:

<www.periodicos eletronicos.ufma.br/index.php/.../article/.../3905/2051>

⁵⁵ Entre 1914 a 1917 o mundo conheceu a Primeira Guerra Mundial, fato que se repete entre 1940 a 1945 com a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Portanto, sabendo-se que uma guerra desse porte não se dissolve e nem estoura de um momento para o outro, destaca-se que na década de 1930, a questão Guerra Mundial fazia parte das preocupações e debates nacionais.

O fato é que na década de 30, inaugura-se uma nova fase na história do desenvolvimento do capitalismo no Brasil. A crise de 1929-30, que abala sensivelmente a economia cafeeira, abre maiores perspectivas ao processo de industrialização do país. Nesse movimento econômico, alguns setores pressionam no sentido de reformas políticas, administrativas e educacionais. Vitoriosa a Revolução de Outubro de 1930, os primeiros anos da nova república foram significativos no que se refere à formulação de 'planos de reconstrução nacional' entre os quais a educação aparece como o mais importante na hierarquia dos problemas nacionais [...] (FAVORETO; GALTER, s/d p.16).

Neste processo de industrialização e valorização da educação, Lobato se apresenta, buscando inovar sua produção e atuando em vários segmentos. Diante do movimento educacional, ele publicará livros infantis com cunho pedagógico, que resultará em vendas em larga escala para as escolas públicas de São Paulo.

Depois do estrondoso sucesso de seu primeiro lançamento para crianças, Monteiro Lobato confirma a importância da escola e do estado na difusão a leitura. Juntando ambos, não hesita em fazer da escola seu trampolim temporário, ainda que seus livros denunciem sistematicamente a burocracia do estado e a chatice da escola brasileira de seu tempo [...] Monteiro Lobato fez escoar através da escola muitos milhares que imprevidente, mas premonitoriamente fizera imprimir do livro Narizinho arrebitado.

Distribuindo a escola públicas paulistas quinhentos livros, Monteiro Lobato consegue vender trinta mil exemplares ao governo estadual. O governador paulista - Washington Luís – ao visitar a escola em companhia de Alarico Silveira, secretário da educação e amigo de Monteiro Lobato, sensibilizou-se ao ver aquele livrinho tão surrado pelo uso e fez compra grande.[...]

Na mesma busca de sintonia com seu tempo, não deixa de incorporar às histórias que inventa um lastro sólido de informações, muitas vezes coincidentes com o currículo escolar. Assim, em vários de seus livros, encontramos uma escola alternativa, onde Dona Benta desempenha o papel de professora.

Particularmente nas obras produzidas nos anos 30, o sítio se transforma numa grande escola, onde os leitores aprendem desde gramática e aritmética até geologia e o bê-a-bá de uma política nacionalista de petróleo. (LAJOLO, 2000, p. 60;61).

Ao relacionar a fala de Favoreto; Galter (s/d), com a explanação de Lajolo (2000), podemos entender então, que Lobato observa o movimento econômico e social que acontece ao seu redor, e define suas ações para melhor explorá-lo tanto economicamente, quanto culturalmente.

No que se refere aos contatos diretos de Lobato com pessoas que possam ter influenciado seu pensamento e caminho teórico, devemos citar sua vida escolar na

cidade de Taubaté. Segundo Lajolo (2000), ali, Monteiro frequenta o Colégio Paulista no qual vem a conhecer o Professor Mostardeiro, figura que fascinou o estudante. Professor Mostardeiro era seguidor da corrente filosófica positivista, algo incomum nas escolas da época, o que lhe tornava um vanguardista e o que lhe sobrepujava dos demais intelectuais da pequena cidade.

Intrigado com pensamentos positivistas, Lobato volta a procurar seu professor depois de formado para debater e refletir sobre novas filosofias.

[...] professor Mostardeiro, mestre que volta a procurar mais tarde, para com ele discutir as novas filosofias que tanto fascinavam em São Paulo: Mostardeiro era positivista, o que era vanguarda para a época e o diferenciava na intelectualidade da pacata Taubaté. (LAJOLO, 2000, p.14).

O professor lhe sugere a leituras de Hebert Spencer e Augusto Conte (GROTO; MARTINS, 2015, p.395), que unidas às novas filosofias que ele estudou na Faculdade de Direito, aguçaram ainda mais seu interesse pelo estudo e pela literatura, sobretudo, no que se refere à ideia de ciência.

[...] a brucejar na ciência, embebendo-se de positivismo, de evolucionismo, de materialismo, de darwinismo, de monismo, heterogeneamente, precipitada e loucamente, com ânsia de um espírito que quebrou algemas e partiu em liberdade. Não sabia o que estava procurando, mas a curiosidade levava-o a devorar páginas e páginas. (CAVALHEIRO, 1955, p.78).

De acordo com as fontes citadas anteriormente, destaca-se que o Professor Mostardeiro propôs reflexões filosóficas importantes, as quais auxiliaram a sua edificação teórica, permitindo que ele desse segmento em suas pesquisas, estudos e trajetória como escritor.

Dentre os pensadores indicados pelo Professor Mostardeiro à Monteiro Lobato, consideramos que o pensamento de Augusto Comte (1798/1857)⁵⁶ deva ter sido o que mais tenha lhe influenciado, visto que Conte, bem como Emile Durkheim (1858/1917)⁵⁷ é discípulo desta corrente filosófica.

⁵⁶ O Positivismo tem como fundador o Francês Augusto Comte que para elaborar sua teoria dedica-se a filosofia da história, baseando-se em Condorcet, Montesquieu, Diderot, D'Alambert, Heine e Adam Smith, sendo que este último contribuirá significativamente para traçar caminhos para a Economia Política e o Liberalismo Econômico.

⁵⁷ Emile Durkheim é considerado discípulo do pensamento positivista, sendo conhecido como aquele que fundou a Disciplina Teórica Sociologia da Educação na França, no início do século XX.

O Positivismo apresenta três preocupações fundamentais. A primeira refere-se à Filosofia da História, na qual se encontra a lei dos três estados do pensamento humano (teológico, metafísico e positivo). A segunda é a fundamentação e classificação das ciências. A terceira trata-se da constituição de uma disciplina que possibilite estudar os fatos sociais. De acordo com Trivinos (2006, p.33)

Comte elaborou também, um esquema de uma religião da humanidade. Pensava ele que a pregação moral abrandaria os capitalistas e assim seriam mais humanos com os proletariados e as mulheres, eliminando o conflito de classes, mantendo porém a propriedade privada. (TRIVINOS, 2006, p.33).

Essa perspectiva social cresce no Brasil, em especial, com o calor das discussões da fundamentação teórica da Primeira República Brasileira. Na época o pensamento positivista é visto como uma possibilidade de conduzir a nação para o progresso. Visão esta que atende às perspectivas depositadas no desenvolvimento da ciência e da tecnologia como possibilidades de desenvolver o país economicamente.

De acordo com Bosi (s/d), no Brasil, o pensamento Positivista toma corpo com a fundação da primeira Sociedade Positivista, em 1876 com a direção de Oliveira Guimarães, professor de matemática do Colégio D. Pedro II. Em 1881, quando Miguel Lemos assume a direção da Sociedade Positivista, ele a converte em Igreja Positivista do Brasil, a qual cria várias ações no sentido de difundir os temas defendidos pelos positivistas. Entre as ações destaca-se a distribuição de folhetos, nos quais destacavam-se os seguintes assuntos:

Pertencem ao saldo positivo: o pensamento antropológico anti-racista; a precoce adesão à campanha abolicionista mais radical; a luta pelo estado republicano leigo com a conseqüente instituição do casamento civil, do registro civil obrigatório e da laicização dos cemitérios; a exigência sempre reiterada da austeridade financeira no trato da coisa pública; enfim, o interesse pela humanização das condições de trabalho operário, que resultou, tanto na França da Terceira República quanto no Brasil, em propostas de leis trabalhistas, afinal implementadas quando políticos gaúchos de formação positivista ascenderam ao poder central em 1930. (BOSI, s/d, p.161).

Entre os defensores do positivismo no Brasil, merece destaque o trabalho de Benjamin Constant, que foi militar, engenheiro e professor de matemática. Segundo Bosi (s/d), Benjamin Constant fazia parte da Sociedade Positivista do Rio de Janeiro

e mesmo se mantendo distante do posicionamento ortodoxo, ouvia com frequência as preleções de Miguel Lemos e Teixeira Mendes. Sobre a influência do pensamento positivista no Brasil, Silva (2004, p. 11) destaca:

No Brasil, a entrada e expansão da doutrina positivista, no período republicano, deu-se na imprensa, no parlamento, nas escolas, na literatura e na academia, em suas diferentes formas de adesão, produzindo um clima de grande entusiasmo pelo seu conteúdo de modernização das idéias. Sua disseminação no campo educacional deu-se, de maneira mais genérica, nos documentos oficiais, por decorrência das reformas educacionais de Benjamin Constant (1836-1891), defensor entusiasta do ideário comtiano, ao lado de seus contemporâneos Sílvio Romero, Clóvis Bevilacqua, Teixeira Mendes, Miguel Lemos, Quintino Bocaiúva, Rui Barbosa, Euclides da Cunha, que buscavam nos ideais comtianos elementos para formularem o projeto republicano. (SILVA, 2004 p.11).

Após, retornar à Taubaté em 1904 e do seu encontro com o professor Mostardeiro, em meados de 1907, Lobato dá uma reviravolta intelectual. Inicia no trabalho como promotor no município de Areias, momento em que ele entra em contato com a obra “Assim falou Zaratustra” de Nietzsche, o qual é considerado por ele um gênio. O próprio escritor brasileiro, afirma que Nietzsche lhe traz o “aperfeiçoamento intelectual” (LOBATO, 1957, p.57), como um processo de desconstrução de tudo que lhe foi acumulado com o tempo, despindo-se de ideias e verdades “universalmente aceitas” (LOBATO, 1957, p.57).

Considero Nietzsche o maior gênio da filosofia moderna – e o que vai exercer maior influência. É o homem ‘objetivo’. O Homem impessoal, destacado de si e do mundo. Um ponto fixo acima da humanidade. O nosso primeiro ponto de referência. Nietzsche está *au dela dubien et dumal*, trepado num topo donde tudo vê nos conjuntos e onde a perspectiva não é a nossa perspectivazinha horizontal. (LOBATO, 1957, p. 65).

Lobato parece, de fato, seduzido por Nietzsche, pois, ao compará-lo com outros teóricos lidos anteriormente, faz destacando-o como um autor que lhe permitiu sentir-se realizado pessoalmente. Lobato afirma que encontrar em Nietzsche os princípios de uma nova perspectiva de individualidade, a qual ele diz acreditar.

Dum banho em Nietzsche saímos lavados de todas as cracas vindas do mundo exterior e que nos desnaturam a individualidade. Da obra de Spencer, saímos spencerianos; da de Kant saímos Kantistas; da de Comte saímos comtistas – da de Nietzsche saímos tremendamente nós mesmos. O meio de segui-lo é seguir-nos. (LOBATO, 1957, p. 66).

Não podemos deixar de relatar o apreço de Monteiro Lobato pelo modelo de desenvolvimento dos Estados Unidos da América e isto se fortalece com sua passagem por aquelas terras. Podemos perceber isso, em carta enviada ao seu amigo Godofredo Rangel na qual de forma extasiada se refere aos encantos deste país “Sinto-me encantado com a América. O país com que sonhava. Eficiência! Galope! Futuro!” (LOBATO, 1957, p.302).

Esta admiração é ressaltada na voz da mulher sábia, erudita, do *Sítio do Pica Pau Amarelo*, ou seja, na voz de Dona Benta. Assim, na obra, em um tom de exaltação, Dona Benta explica para a Turma do Sítio algumas características daquele país.

O território dos Estados Unidos é abençoado. Tem tudo. Produz tudo. Se o mundo desaparecesse inteirinho e só ficassem os Estados Unidos, eles continuariam a viver a mesma vida que vivem, sem precisar de nada. Só que deixariam de tomar café. Minerais possuem em tremendas quantidades – e nenhum país produz tanto ferro e aço. Petróleo têm-no em quantidades fabulosas. Basta dizer que sendo a produção total do mundo de 1 bilhão e 200 milhões de barris só os Estados Unidos produzem mais de 800 milhões [...] O segredo da grandeza americana está na sua tremenda indústria de ferro e do combustível. Com o ferro fazem toda a sorte de máquinas possíveis e imagináveis – desde relógios, maquinazinhas de marcar o tempo, até o canhão, máquinas de matar gente. Máquinas de tudo – de fazer papel, de tecer de escrever, de costurar, de tudo, tudo, tudo [...] (LOBATO, s/d, p. 98-100).

Entretanto, Lobato não foi o único brasileiro a se deslumbrar com a potência econômica que os Estados Unidos se revelava. Segundo Favoreto e Galter (s/d, p. 5), Anísio Teixeira, Tavares Bastos, Rui Barbosa, José Veríssimo também demonstram admiração pelo desenvolvimento norte americano, pois para estes teóricos “[...] as inovações técnicas e industriais criavam a necessidade do homem buscar melhor compreender e atuar na sua vida diária e os norte americanos eram os que melhor representavam esta tendência social”

Dos empreendedores americanos, Lobato se identificou com os ideais propostos por *Henry Ford*, de quem foi tradutor e fez os prefácios de seus textos em português. Lobato não se cansa de tecer elogios ao empresário e, segundo Meihy (2014, p.206) “[...] foi nessa condição que *Henry Ford* se lhe afigurou como o mais

mitificado de seus heróis” a quem mais tarde o brasileiro se referirá como “Jesus Cristo da Industria” e como “o mestre dos mestres, o mago da eficiência”.

E com sua chegada aos Estados Unidos, ele recebe apoio de *Henry Ford* para se instalar no país, o que só reforça sua admiração. Em carta o amigo Rangel, o escritor brasileiro conta como foi a sua recepção:

Como você saber, fui tradutor do Ford no Brasil, e ao chegar em New York, quem encontro no cais de Hoboken? O agente geral da Ford em New York. Abordou-me, deu um cartão e disse que tinha ordem de Mr. Ford para receber-me e facilitar-me tudo. Foi ótimo, porque vim com bagagem enorme (todos os meus livros, imagine) e onde guardar aquilo? O agente encarregou-se de tudo, levou-me para o hotel numa Lincoln e guardou meus caixões no depósito da companhia até que eu alugasse este apartamento. [...] Vê que gente gentil? Eu diante do Ford sou pulga magra diante do Everest. [...] Será que pulga também é gente aqui? (LOBATO, 1957, p. 302-303).

Outro norte-americano admirado por Lobato que possui grande reconhecimento Mundial é Walter Elias Disney, mais conhecido como Walt Disney⁵⁸. O escritor brasileiro deixasse influenciar pelo cinema e quadrinhos do americano que, para ele, era um dos maiores artistas do século.

Fantasia deixou-me estarecido. É a expressão. Estarecido, embaraçado para definir. Tudo tão novo, tudo tão inédito, que o vocabulário crítico usual mostra-se impotente. Disney é um tipo novo de gênio e sua arte é uma arte total e absolutamente nova, jamais prevista nem pelas mais delirantes imaginações. Até o aparecimento de Disney, o cinema não passava duma conjugação do teatro com a fotografia. Era uma representação teatral fotografada em todos os seus movimentos, cores e sons. Disney criou a grande coisa nova: a conjugação da fotografia com a imaginação. O desejo genial de Disney permite que todas as criações da imaginação possam ser fotografadas e projetadas com a riqueza dos sonhos. (LOBATO, 1941, s/p).

E com este encantamento pela produção de *Disney*, ele idealiza com alguém que apresentasse as personagens do Sítio, da mesma forma que eram feitos os desenhos norte-americanos, e sugere ao amigo Rangel que vá assistir Fantasia “[...] já me delicieei seis vezes. Não o percas Rangel [...] especialmente para te assombrares com essa amostrinha das tremendas coisas futuras que nossos netos verão.” (LOBATO, 1957, p. 337).

⁵⁸ Famoso cineasta norte-americano, diretor, roteirista, dublador e empresário, criador do ratinho mais famoso do mundo *Mickey Mouse*.

Com estes referenciais, Lobato se constrói como um homem que busca novas ideias e oportunidades. Ele acreditava no conceito do *self-made man*, ou seja, no sujeito empreendedor⁵⁹. Para ele, “[...] qualquer cidadão, munido de clarividência, organização e espírito empreendedor, poderia provocar o progresso e que este seria contagioso e transformador” (MEIHY, 2014, p. 206), desta forma, ele sempre busca novas ideias, novas possibilidades e novos investimentos.

Lobato teve muitos sonhos, sonhou muitas coisas. Seus sonhos eram sempre gloriosos, monumentais, rockfellerianos. Tinha forte tendência empreendedora. [...] Lobato, pensava, pensava e só desistia por não encontrar condições favoráveis para seus empreendimentos. (MACHADO, 1993, p. 39).

O escritor brasileiro acreditava no *American Dream*⁶⁰, o sonho americano, no qual apesar de não ser apresentada nestes termos, pode ser vislumbrada nos ideais propostos na Declaração de Independência dos Estados Unidos da América de 1776. Na Declaração de Independência afirma-se que pela liberdade todos têm a oportunidade para o sucesso, prosperidade e possibilidade de ascensão social. Neste sentido, citamos o seguinte trecho do parágrafo da Declaração: “[...] que todos os homens são criados iguais dotados pelo criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão à vida, à liberdade e a procura da felicidade” (E.U.A., 1776. s/p).

É importante ressaltar que, este sonho desconsiderava a influência do processo expropriação dos homens dos meios de produção, condicionados à vida alienada do trabalho, taylorista e fordista, ao trabalho subordinado ao capital. Logo, Monteiro Lobato não olhava o processo a partir da totalidade, mas sim, pelo mérito e esforço de forma individualizada, desconsiderando que cada sujeito parte de condições econômicas e sociais diferentes.

A partir das elucubrações apresentadas nesta seção, percebemos que Monteiro Lobato, não considerava a relação da exploração do capital sobre o trabalho, tal como apresentado na perspectiva marxista. Acreditamos que, conforme o

⁵⁹ O homem empreendedor é aquele que enxergar oportunidades e sabe aproveitá-las para melhorar sua condição de vida. Como faz o Jeca Tatu, que com a ajuda da ciência trazida pelo doutor, sai da vida subdesenvolvida em que vivia, para se tornar um homem da produção, do desenvolvimento e do progresso. Lobato acredita que com o povo brasileiro dotado deste espírito, seria possível a todos ter uma vida mais confortável, rica e democrática, independente da questão racial. Cf. Conto Jeca Tatu na íntegra disponível em:

<http://www.miniweb.com.br/literatura/artigos/jeca_tatu_historia1.html >

⁶⁰ James Truslow Adams, ganhador do Prêmio Pulitzer de História em 1922, cunhou o termo Sonho Americano pela primeira vez em 1931, na sua obra *The Epic of America*.

pensamento predominante na época, ele se aproximava das teses conhecidas como liberais. Assim o trabalho é visto como possibilidade de produzir e acumular riquezas e de trazer ascensão econômica e social aos sujeitos que se dedicam com afinco ao trabalho.

A partir das considerações sobre as personalidades históricas, significativas nas construções teóricas, ideológica e filosófica de Lobato, apontaremos na seção a seguir análises das obras lobatianas *Negrinha* e *O Presidente Negro* ou *O Choque das Raças*, trazendo à baila outros teóricos e perscrutando sobre o racismo presente, ou não nestas obras.

4 DA SENZALA A PRESIDÊNCIA: A REPRESENTAÇÃO DAS QUESTÕES RACIAIS NA PRODUÇÃO LOBATIANA

O meio de sermos admirado pelo povo, é não sermos entendido.

(LOBATO, 1957, p. 90)

Visualizamos Lobato, com uma imagem plural, que buscou atuar em diversos segmentos e também recebeu análises diversas. Para alguns, ele era um homem que se encontra na vanguarda do pensamento brasileiro, para outros, ele reproduziu as ideias do passado escravagista da aristocracia rural brasileira.

Entendemos que Lobato foi um homem de seu tempo e como tal, se preocupou e se posicionou perante os problemas e fatos de sua época. Na sua luta diária, ele foi crítico da cultura messiânica, do dogmatismo e do “caipira”. Na mesma intensidade, foi defensor da modernidade, da ciência e do desenvolvimento tecnológico. Nestes posicionamentos, certamente não foi coerente em todos os aspectos, assim, como se deixou levar pelas paixões e decepções das leituras e das experiências profissionais, artísticas, estéticas entre outras. Neste aspecto, lembramos da sua crítica em relação às obras modernistas da artista Anita Malfatti⁶¹, as quais ele não julga como arte por não se enquadrarem nos padrões estéticos e acadêmicos. O que o torna mais uma vez, contraditório, estando tão a vanguarda em alguns aspectos e tão preso as tradições acadêmicas em outros.

A partir destas considerações, nesta seção, faremos uma análise das obras lobatianas, *Negrinha*, (1920) e *O Presidente Negro* ou *Choque das Raças* (1926), as

⁶¹ Anita Malfatti, quando retornou ao Brasil, após temporada de estudo na Europa e Estados Unidos, resolve apresentar suas pinturas a sociedade paulistana numa exposição realizada entre Dezembro de 1917 e Janeiro de 1918. Por suas obras estarem relacionadas a corrente estética modernista, a exposição foi alvo de muitos comentários, prós e contras a esta perspectiva artística. Entretanto, um dos artigos que mais impressionou, foi a crítica elaborada por Monteiro Lobato e publicado no jornal O Estado de São Paulo, em 20/12/1917 intitulado “Paranóia ou Mistificação?”, no qual desferiu palavras duras sobre a produção da artista. “Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que veem normalmente as coisas e em consequência disso fazem arte pura, guardados os eternos ritmos da vida, e adotados para a concretização das emoções estéticas, os processos clássicos dos grandes mestres [...]. A outra espécie é formada dos que veem anormalmente a natureza, e interpretam à luz das teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. São produtos do cansaço e do sadismo de todos os períodos de decadência; são frutos de fim de estação, bichados ao nascedouro. Estrelas cadentes, brilham um instante, as mais das vezes com a luz do escândalo, e somem-se logo nas trevas do esquecimento. [...]Todas as artes são regidas por princípios imutáveis, leis fundamentais que não dependem do tempo, nem da latitude.[...]“Arte moderna”, eis o escudo, a suprema justificação. Na poesia também surgem, às vezes, furúnculos dessa ordem, provenientes da cegueira nata de certos poetas elegantes, apesar de gordos, e a justificativa é sempre a mesma: arte moderna”. (LOBATO, 1917)

Artigo na íntegra disponível no link: <<http://outraspalavras.net/brasil/paranoia-ou-mistificacao/>>

quais apresentam uma linguagem considerada racista por muitos críticos de Lobato. Buscaremos analisar os discursos existentes nas obras, e como as vozes das personagens podem ou não configurar as supostas intenções racistas do autor, traçando um paralelo em relação ao processo histórico.

4.1 Negrinha: denúncia ou o reforço do racismo em Lobato?

Lobato lançou a primeira edição de “Negrinha” em 1920, conto que confere nome também ao livro, tendo como intuito criar uma obra que pudesse vender a preço popular, “esse projeto editorial parece vincular-se a outras iniciativas em prol do barateamento e popularização dos livros” (MARTINS, 2014, p.117).

Mas ele vai além de apenas popularizar o acesso aos livros. O conto coloca em destaque a relação entre duas personagens: Negrinha e a dona Inácia. Negrinha é uma menina, órfã, de sete anos, filha de ex-escrava, que após a morte de sua mãe e abolição da escravatura fica sob “responsabilidade” de dona Inácia, personagem esta que Lobato a descreve, numa fina ironia, “[e]xcelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu” (LOBATO, 2009a, p. 19).

Nesta trama nos envolvemos, com a breve vida desta menina que passa seus dias a receber ofensas e agressões tanto física, quanto verbal e psicológicas da “excelente senhora” e de qualquer um que estivesse naquela casa e quisesse o fazer.

Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Órfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a idéia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas quase não andava. Com pretextos de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta. [...]

O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes e vergões. Batiam nele os da casa todos os dias houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o imã exerce para o aço. Mãos em cujos nós de dedos comichassem um cocre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça. De passagem, Coisa de rir e ver a careta... (LOBATO, 2009a, p. 20 e 21).

Na descrição da relação entre Negrinha e dona Inácia, Lobato estende suas considerações, apontando como ambas eram vistas e avaliadas pelos frequentadores

da casa. No caso, dona Inácia era visitada pelo Vigário, como uma senhora “boa”, “ótima” e que já possuía seu lugar reservado no céu. Sendo assim, ignora os maus tratos destinado a pequena órfã, pela “ótima, dona Inácia” e lhe confere status de “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, pois esta faz doações substanciais a igreja.

Em contraposição aos bons julgamentos aos atos da “benevolente” senhora Inácia, “mimoseava” Negrinha com diversos apelidos “Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo [...]” (LOBATO, 2009a, p.20).

Entretanto, se o Vigário e seus amigos bajulavam a dona Inácia, Lobato quando a descreve, convida o leitor a compreendê-la como uma ex-dona de escravos e cheia de preconceitos herdados do período escravocrata brasileiro. Segundo Lobato, dona Inácia não era afeita as teses igualitaristas, que promoviam a igualdade entre os sujeitos, pois como ex-senhora de escravos sentia falta do coro do açoite para educar, ou apenas para extravasar.

A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos — e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo — essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! “Qualquer coisinha”: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho porque disse: “Como é ruim, a sinhá!”... O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava Negrinha em casa como remédio para os frenesis. Inocente derivativo: — Ai! Como alivia a gente uma boa roda de cócres bem fincados! (LOBATO, 2009a, p. 21).

Lobato, nos traz neste conto, o cruel retrato a que estavam fadadas as crianças negras órfãs no período pós abolição da escravatura, e a forma com a qual escreve a obra “estimula o leitor a se colocar num lugar incômodo, a verbalizar mentalmente o prazer de dona Inácia.” (MARTINS, 2014, p.122).

Desta forma Lobato, transcende a visão idealizada do negro e do caboclo brasileiro, superando a perspectiva de democracia racial, dando voz a um grupo social que o sistema buscava manter calado. De acordo com Lajolo (2000, p.26), Monteiro Lobato:

[...] contradizia frontalmente não só a retórica patrioteira, mas também o processo de idealização das minorias – índios, caboclos, negros e

caipiras – as quais a tradição literária romântica atribuía perfil épico e idealizado. (LAJOLO, 2000, p.26).

Na visão da autora, Lobato superou a perspectiva romantizada do povo brasileiro, mostrando com ironia, uma realidade mascarada por hipocrisias, principalmente por parte da Igreja, portanto, incômoda e nada agradável ao olhar daqueles que fomentavam a perspectiva de um país sem preconceito.

Em uma das cenas de agressão cometidas por dona Inácia contra Negrinha, podemos perceber que a obra, mais que verbalizar palavras supostamente racistas, possui um caráter de denúncia do calvário submetido à órfã. Após o trecho no qual a “bondosa” Dona Inácia, faz a pobre Negrinha engolir inteiro um ovo recém-fervido, se volta para o vigário e afirma:

- Ah, monsenhor! Não se pode ser boa nesta vida... Estou criando aquela pobre órfã filha da Cesária – mas que trabalhadeira me dá!
- A caridade é a mais bela das virtudes cristãs, minha senhora, murmurou o padre.
- Sim, mas cansa...
- Quem dá aos pobres empresta a Deus.
- A boa senhora suspirou resignadamente.
- Inda é o que vale. (LOBATO, 2009a, p. 22).

Lobato descreve uma verdadeira cena de tortura contra uma criança quase morta de fome, enquanto também narra um diálogo carregado de hipocrisia entre o Vigário e Inácia. Assim, numa forma de sarcasmos, Lobato apresenta a “boa” senhora cansada de fazer caridade, cuidando, “zelando” pela pobre órfã. Esta citação evidencia que nem a senhora e nem o Vigário se mostram realmente preocupados com o bem estar da criança. Ao contrário, enquanto a senhora parece expressar certo prazer em castigar e punir, o Vigário finge nada perceber sobre a situação de tortura a qual a criança é submetida e enaltece a benevolência, caridade como possibilidade de alcançar um bom lugar no céu, deixando implícito que a torturadora seria uma alma caridosa.

De fato, o dialogo põe em evidência a reprodução de uma ideologia da classe dominante escravagista, a qual acreditava que como “dona” de seus escravos, era também possuidora da sua total submissão. No caso, qualquer lembrança do respeito à vida dos mais humildes era tido como insubordinação e desrespeito.

Neste conto, é possível perceber as relações de poder existentes entre a empregada e a patroa, entre a branca e a negra, entre a riqueza e a pobreza, entre a

escravagista e a escravizada, entre a adulta e a criança. Portanto, ao ler este texto não visualizamos apenas o relato de uma agressão física, mas sim de uma crítica sarcástica efetivada por Lobato a este sistema que prioriza e perpetua “a conservação de uma cultura herdada do passado” (BOURDIEU, 2007, p. 296).

Faz-se necessário considerar que ao escrever esta obra, a abolição da escravidão havia recém ocorrido, estando ainda latente em muitos ex-senhores de escravos as tradições escravagistas. Neste sentido, somada a expropriação econômica e a ideia de que o trabalhador não precisaria de muito para sobreviver, a violência física e moral ainda permanecia como uma possibilidade de mando. Sobre a violência contra os ex-escravos e pobres, Maringoni escreve:

Os ex-escravos, além de serem discriminados pela cor, somaram-se à população pobre e formaram os indesejados dos novos tempos, os deserdados da República. O aumento do número de desocupados, trabalhadores temporários, lumpens, mendigos e crianças abandonadas nas ruas redundam também em aumento da violência, que pode ser verificada pelo maior espaço dedicado ao tema nas páginas dos jornais. (MARINGONI, 2011, s/p).

Neste sentido, a literatura brasileira é rica na descrição de uma espécie de naturalização de comportamentos violentos contra os mais humildes e desprotegidos. Podemos citar como exemplo a obra “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo (1890), que apresenta a exploração e as péssimas condições de vida a que são submetidos os moradores do cortiço. Outra obra que demonstra a violência contra os mais humildes é “Clara dos Anjos” de Lima Barreto (1904/05) que foi concluída apenas em 1922 e como nos apresenta Bosi (s/a, p. 361) “O drama da pobreza e do preconceito racial constitui também o núcleo de Clara dos Anjos [...] as humilhações do mulato encarnadas Clara dos Anjos, moça pobre de subúrbio, seduzida e desprezada por um rapaz de extração burguesa”. Outro livro significativo que apresenta a violência e marginalização a que estão submetidos os mais pobres é “Capitães de Areia” de Jorge Amado (1937), que retrata a vida de crianças e adolescentes como Negrinha que por suas condições sociais são submetidos a uma vida de restrições, violência e injustiça social.

De modo geral, na história brasileira, a integração da classe operária na sociedade capitalista (direito de voto, legitimação dos sindicatos, direitos trabalhistas, benefícios sociais, ampliação da participação no consumo) foi um processo lento que

se constituiu de modo distinto nos diferentes campos de trabalho de um Brasil que se industrializava.

Nesse processo a naturalizada da violência contra os mais humildes e trabalhadores era constante, tanto que, na década de 1920, “A Comissão de Educação e Cultura do PCB, na capa de uma de suas cartilhas escreve que era necessário “estudar a questão operária e propagar em tua localidade as ideias que mais convém à libertação dos pobres, das garras do rico” (COMISSÃO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO PCB apud FAVORETO, 2008, p. 139).

No mesmo sentido, os trabalhadores que lutavam por melhores condições de trabalho eram considerados baderneiros, além de ficarem desempregados, sofriam perseguições políticas e ideológicas. Havia também uma espécie de violência legalizada, o que levava os militantes do PCB viverem na ilegalidade e com medo. Sobre esta questão, José Peba, em 1937, relatando sua vida de militância, mostra uma vida de medo:

Os temas ‘família e filhos’ são uma verdadeira parada. Conciliar a vida de militante com mulher e filhos é uma verdadeira acrobacia. Em momento algum foi fácil. Era fome, dificuldades devido às ausências constantes, prisões, fugas que não tinham fim. Minha vida de militante impôs inúmeras estratégias de sobrevivência que me levaram a afastar temporariamente do convívio com os meus filhos e a mulher. O tempo de afastamento não era pequeno e, em algumas circunstâncias, obriguei-me a montar outra família, para aparentar legalidade. À deliberação política juntei as coisas da vida de nordestino. Eu me casei quatro vezes e destes casamentos gerei treze filhos. Dez filhos estão vivos (Entrevista de José Peba, concedida a Bernardete W. Aued. In: AUED. O sapateiro militante, 2006, p. 77 apud FAVORETO, 2008, p. 151 e 152).

Octávio Brandão, em suas memórias, também recorda que devido sua luta no partido, por muitas vezes, foi perseguido pela polícia e teve que se esconder, o que lhe custou exclusão da vida familiar. Segundo suas palavras:

Numa ocasião, deixei de ver Laura e as crianças durante meses, tive saudades. Uma vez, às 10 da noite, disfarçado, fui pela rua do Curvelo e subi a rua Marinho. Crescia o mato na esquina. Meti-me por entre as plantas selvagens. Estirei o pescoço e olhei meu lar. Lá estavam dois agentes junto à porta. Esperei pacientemente 3 horas. Em vão. A embaixada britânica ficava na vizinhança. Havia festa. Terminada, os súditos ingleses foram saindo, completamente bêbados. Tive de voltar à vida subterrânea, sem ver a família (BRANDÃO, 1978, p. 378 apud FAVORETO, 2008, p. 152).

Os traços de violência contra o trabalhador e, principalmente, contra os mais fracos, estavam presentes na constituição da República, porém, estavam sendo encobertos pelos discursos que responsabilizavam o trabalhador pela sua desgraça, enquanto convidava todos para construir a nação brasileira. Entretanto, o conto Negrinha, de forma sublinhar, expõe essa hipocrisia, essa distinção entre os grupos humanos por cor da pele ou classe social.

Podemos observar este aspecto na cena que retrata a chegada na casa de “santa Inácia” “duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninhos de plumas” (LOBATO, 2009a, p.22). Negrinha as observa adentrado a casa de forma alegre e rindo “com a vivacidade de cachorrinhos novos” (LOBATO, 2009a, p.22) então a pequena órfã olha assustada esperando o momento em que dona Inácia fosse lhes desferir os croques e beliscões, mas isto não aconteceu. Então a pequena negrinha, ingenuamente se levanta para brincar e conhecer aqueles “anjos invasores”, mas então a realidade recaí sobre a pobre menina:

Mas a duração lição da desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos o som cruel de todos os dias: Já para seu lugar pestinha! Não se enxerga?
Com lagrimas dolorosas, menos de dor física que da angustia moral – sofrimento novo que se vinha crescendo aos já conhecidos – a triste criança encorujou-se no cantinho de sempre. (LOBATO, 2009a, p.23)

Ler o conto da Negrinha é uma atividade incomoda, pois Lobato impinge ao leitor perceber no agressor uma espécie de sabor pessoal pela tortura, como deixa no ar, certo clima de naturalização da violência naquela casa. Porém, ele também leva o leitor a se colocar no lugar do agredido, questionando-se sobre como se sente negrinha “Que ideia faria de si uma criança que nunca ouvira uma palavra de carinho?” (LOBATO, 2009a, p.20)

E retomando a cena do ovo quente, Lobato, nos faz quase sentir a dor e o sofrimento a que Negrinha é exposta quando descreve:

[...] encolhidinha a um canto, aguardava trêmula alguma coisa de nunca visto. Quando o ovo chegou a ponto, a boa senhora chamou:
— Venha cá!
Negrinha aproximou-se.
— Abra a boca!
Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da água “pulando” o ovo e zás! na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos

amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. (LOBATO, 2009a, p. 22).

Ao descrever a dor da pobre menina, Lobato nos leva a questionar que tipo de pessoa sente prazer em cometer tal atrocidade? Acreditamos que ao trazer tão terrível cena a literatura popular brasileira, Monteiro Lobato está contribuindo para florescer o debater sobre o tratamento dispensado aos negros e expõe a herança escravocrata da uma determinada elite brasileira.

Negrinha, durante o conto não se vê como criança, não se vê como gente, pois todos sempre a tratam como coisa. Quando pela primeira vez a pequena se percebe como humana, pois dona Inácia lhe permite brincar com suas sobrinhas e neste breve momento lúdico Negrinha vê pela primeira vez uma boneca, a pequena entra em êxtase que transforma sua vida.

Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa — e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava! (LOBATO, 2009a, p.25).

E assim pela primeira vez, Negrinha, experimenta o brincar, a fantasia, a imaginação a qual Monteiro Lobato acreditava ser necessária ao desenvolvimento de qualquer criança. Sobre o desenvolvimento natural humano e a condição social imposta à pobre órfã, Martins (2014) comenta:

Perceber-se como criança e experimentar o prazer da fantasia por meio da brincadeira não permitem a Negrinha forjar um lugar para si na sociedade; não lhe propiciam independência, nem possibilidades de superação de sua condição. Pelo contrário: ‘essa consciência a matou’, diz o narrador. (MARTINS 2014, p. 124).

E assim termina o conto, com a morte da negrinha, que denuncia a violência a que estavam submetidas a população negra em especial a infantil, e provoca reflexões no expectador e como conclui Lobato no conto:

E de Negrinha ficaram no mundo apenas duas impressões.
Uma cômica na memória das meninas ricas:
– ‘Lembra-te daquela bobinha da titia, que nunca vira boneca?’
Outra de saudades no nó dos dedos de dona Inácia:
– ‘Como era boa para um cocre! (LOBATO, 2009a, p.26)

Percebe-se que Lobato ao expor os sentimentos das personagens desperta no leitor sentimentos de compaixão a Negrinha e de indignação quanto a situação exposta, principalmente devido a conduta sádica de dona Inácia e hipocrisia do padre.

Monteiro Lobato também expressa diferenças visuais e de classe entre as crianças. Negrinha mal tratada “magra”, “atrofiada”, com o corpo “tatuado” de sinais, “cicatrizes” e “vergões” e duas sobrinhas, “lindas meninas louras, ricas” (LOBATO, 2009a, p.20 e 22). Porém, para além das imagens e da estética, Lobato expõe a origem de tais diferenças. O que existe de fato, são diferenças no tratamento da casa dispensado às crianças. Na narrativa, deixa transparecer que os diferentes tratamentos se firmam nos desníveis sociais. Por fim, grifa-se que para lobato: “varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma” (LOBATO, 2009a, p. 24).

4.2 O Choque das Raças ou o Presidente Negro: o futuro chegou, mas a questão da raça não cessou

A obra o Choque das Raças ou o Presidente Negro (1926) foi escrita inicialmente com a intenção de lançar Monteiro Lobato como escritor nos Estados Unidos da América, entretanto seus planos não se efetivaram, pois os editores norte americanos não tiveram uma boa aceitação da obra, negando assim sua publicação.

Para podermos analisar e refletir sobre a questão racial e sobre o debate a que nos propomos precisamos destacar quem são os personagens, suas histórias e quais suas concepções perante a questão social, racial e de gêneros. Neste sentido, pontuamos alguns personagens importantes para refletir sobre a questão racial, a qual é o foco desta pesquisa.

Entretanto, antes de destacar os personagens, se faz necessário grifar que a obra se divide em dois momentos: presente e futuro. Na primeira parte, a obra narra a relação entre Professor Benson, *Miss Jane* e Ayrton Lobo. Relações sociais que são construídas a partir de um acidente de automóvel. Professor Benson e *Miss Jane* são pai e filha que vivem em uma mansão afastada da cidade, “lá dos lados de Friburgo” (LOBATO, 2009b, p.24). Ele um cientista, ela uma moça culta que auxilia seu pai em suas pesquisas, e é em razão da descoberta de Benson que toda a trama irá se desenrolar.

[...] professor Benson é um homem misterioso que passa a vida no fundo dos laboratórios, talvez a procura da pedra filosofal. Sábio em ciências naturais e sábio ainda em finanças, coisas ao meu ver muito mais importante. É tão sábio que jamais perde. [...] É positivamente misterioso o professor Benson – um verdadeiro mágico que vê através do futuro. (LOBATO, 2009b, p.24; 25).

Já, Ayrton Lobo jovem rapaz trabalhador, efetivava recebimentos e pagamentos para aos empresários Sá, Pato & Cia., e carregava em si o sonho de adquirir um automóvel e guardava o pouco que sobrava do seu ordenado para atingir este objetivo.

Eu vivia do meu trabalho, recebendo dele não o produto, mas uma pequena quota, o necessário para pagar o quarto onde morava, a pensão onde comia e a roupa que vestia. Quem propriamente gozava do meu trabalho era a dupla de Sá, Pato & Cia, gordos e sólidos negociantes que me enterneciam a alma nas épocas de balanço ao concederem-me pequenas gratificações constituidora do meu lucro. [...] Mas todos nós possuíamos um ideal de vida. [...] Eu sonhava... com um automóvel, Meu Deus! As noites que passei pensando nisso, vendo-me ao volante, de olhar firme pra frente, fazendo, a berros de Klaxon disparar do meu caminho os pobres e assustadiços pedestres! Como tal sonho me enchia a imaginação! (LOBATO, 2009b, p. 26).

Até que um dia Ayrton Lobo realizou seu sonho foi até uma vendedora de carros e “[...] comprei a máquina que me mudaria a situação social. Um Ford.” (LOBATO, 2009b, p. 27). Neste momento podemos perceber, uma ingênua perspectiva de que a aquisição de um automóvel poderia mudar um status social, bem como percebemos que a escolha por um modelo Ford não é despropositada, haja vista que nesta passagem vislumbramos Lobato e sua pregressa admiração por Henry Ford, e pelo país no qual tem o propósito de lançar esta obra, os Estados Unidos.

Como já informamos nas seções anteriores desta dissertação Lobato possui admiração pelo país norte americano, e na obra o Presidente Negro quem dá voz a está arrebatamento é Miss Jane.

[...] Se o senhor Ayrton observar um pouco a psique americana verá, ao contrário que é o único povo idealista que floresce hoje no mundo. Único, vê? Apenas se dá o seguinte: o idealismo dos americanos não é o idealismo latino que recebemos com o sangue. Possuem-no de forma específica, próprio e de implantação impossível em povos não dotados do mesmo caráter racial. Possuem o idealismo orgânico. Nós temos o orgânico.

[...] – Idealista como nenhum outro povo – prosseguiu ela – e do único idealismo verdadeiramente construtor da atualidade. Acompanhe a

vida de Henry Ford, por exemplo, estude-lhe as ideias. Verá que nelas estão todas as soluções que no seu desvario de doida a Europa procura no despotismo. Por mais audacioso que nos pareça o pensamento de Henry Ford, que é ele se não o reflexo do mais elementar bom senso? (LOBATO, 2009b, p. 88; 89)

É importante que se diga que Ford e sua produção, são objetos de admiração perceptível na fala das personagens. Porém, antes de seguirmos apresentando e analisando os personagens da história, se faz necessário apresentar o significado do carro para Ayrton Lobo. Para Ayrton Lobo, a aquisição do carro foi um momento divisor em sua vida, o que poderemos comprovar mais adiante. Porém, de imediato, o carro lhe deu a sensação de ter atingido um novo status social, pois ele deixou de ser um simples pedestre para se tornar um “rodante”. Com a aquisição do automóvel ele sentiu a “fúria de fordizar” (LOBATO, 2009b, p. 27). Ou seja, ao entrar no carro, Lobo sentiu a adrenalina da velocidade, passou então a desprezar pedestres e animais que atravessavam seu caminho, pelo simples fato achar que a força do carro era sua. Também se sentiu empoderado e superior aos pedestres.

Tornou-se-me o pedestre uma criatura odiosa, embaraçadora do meu direito a rapidez e a linha reta. [...] Adquiri, em suma, a mentalidade dos rodantes, passando a desprezar o pedestre como coisa vil e de somenos importância de vida. (LOBATO, 2009b, p. 27).

Após a aquisição do automóvel, Ayrton viu sua vida se transformar, passou a ser admirado por seus chefes, chegando a ganhar uma promoção que lhe rendeu um salário duas vezes maior que o anterior.

Lobato apresenta Ayrton Lobo e suas relações de trabalho, totalmente vinculadas à mercadoria, assim, ele não reconhece o outro como da sua espécie, mas as mercadorias que o outro possui. No caso, o automóvel, que na época era o sonho de consumo de muitos. Não só pelo transporte e conforto, mas por ser uma mercadoria cara, era também, sinônimo de status social. Neste sentido, ao possuir o automóvel, passa a inferiorizar o pedestre, apenas por que não possui um carro.

Talvez essa narrativa de Lobato, seja uma metáfora, expressando o quanto os homens se encontram vinculados à posse de mercadorias. Uma boa razão, para refletirmos o quanto deste pensamento encontramos em nossa sociedade, tanto na atual quanto naquela de 1926 quando a obra foi escrita.

A narrativa de Lobato quanto a identidade de Ayrton Lobo com o automóvel, expõem uma dicotomia nas relações humanas. Porém, para além das relações entre

ricos e pobres, pedestres e motoristas, patrão e empregado, homens e mulheres, negros e brancos, verifica-se relações delineadas pelo poder que um grupo ou pessoa, em algum momento da história, exerce sobre o outro grupo e/ou pessoas. Poder este que pode ocorrer por vários motivos e interesses, mas ele se firma, antes de tudo, na condição social que permite impor ou parecer que pode impor uma ordem ao outro.

Seguindo a história, Lobato narra que Ayrton Lobo é incumbido de liquidar um negócio em Friburgo e lá vai ele, até que, em um breve instante acontece um acidente e Ayrton Lobo desmaia. Ayrton acorda em quarto desconhecido, para sua surpresa, olha e encontra ao seu lado aquele que não erra no cambio, aquele que “prevê” o futuro, Professor Benson.

Ali, naquele momento Ayrton toma consciência do que lhe aconteceu, agradece Benson por tê-lo salvo, mas fica entristecido, pois não é mais um ser rodante. Temendo ser rebaixado no trabalho, para a condição anterior, quando ainda não possuía o automóvel, ele pede emprego para o “velho professor”. O professor não tendo nenhuma vaga disponível, mas avisa que, diante de sua idade avançada, apenas poderia contratá-lo como confidente. No entanto, Benson lhe adverte que:

[...] Aproveito-me do acaso tê-lo trazido ao meu encontro para confiar-lhe a história da minha vida. Mas, desde já dou um conselho: guarde segredo de tudo depois que eu morrer. Não que seja o caso de segredo, mas vai o amigo ouvir e ver coisas tão extraordinárias que, se o for contar lá fora, o agarram e o metem no hospício como doido varrido [...] (LOBATO, 2009b, p.30).

Ao ser contratado como confidente de Benson, uma possibilidade foi aberta ao jovem rapaz. Não se tratava mais de adquirir status econômico, mas de abrir a mente para novos conhecimentos e valores sociais. A cada diálogo com Benson, Lobo adquiri novas informações, as quais não eram nem imaginados por ele.

Na narrativa, Lobato aponta haver uma diferença significativa entre a capacidade cultural de Benson e a de Ayrton Lobo. Por intermédio da relação e diálogo entre as personagens, Lobato mostra que Ayrton era um “homem mediano” com uma educação mediana, a qual, segundo é exposto, era resultante da educação Ginásial que possuía. Neste sentido, por intermédio da fala de Benson, Lobato traça críticas

ao ensino ginásial da época⁶², o que corresponde a Educação Fundamental de hoje. Segundo as palavras de Benson:

– O senhor Ayrton, pelo que vejo e advinho, é um inocente – começou ele – Chamo de inocente o homem comum, de educação mediana e pouco penetrado nos segredos da natureza. [...] -Estudos ligeiros, ginásiais apenas – expliquei com modéstia. – Isso e nada é o mesmo. [...] Em regra, o homem é um bípede incompreensivo. Alimenta-se de ideias feitas e desnorreia diante do novo. (LOBATO, 2009b, p. 37).

Nos diálogos, travados entre Professor Benson e Ayrton, Benson apresenta uma visão negativa em relação a humanidade de sua época. Desta forma ele não se sentia seguro para divulgar sua invenção. Segundo suas palavras:

[...] Se houvesse, ou antes, se predominassem no homem o bom senso, a inteligência superior, as qualidades nobres em suma, sem medo eu atiraria a divulgação a minha maravilhosa descoberta. Mas sendo o homem como é, vicioso e mau, com um pendor irreduzível para o despotismo, não posso deixar entre eles tão perigosa arma. (LOBATO, 2009b, p. 38).

Porém, de propósito ou não, Lobato interrompe a discussão sobre o tema, quando “o criado surgiu à porta e fez sinal. – Vamos ao almoço Senhor Ayrton” (LOBATO, 2009b, p.39) e assim Lobato encerra o capítulo.

Durante o almoço na casa de Benson, Lobo conhece *Miss Jane*, sua futura esposa, por quem se sente imediatamente atraído, pois ela possuía cabelos louros, olhos azuis, era “esbelta” e “elegante”, além inteligente “educada e generosa”.

Após o almoço, o diálogo entre as personagens continua. Entretanto, agora dele participa *Miss Jane*. Professor Benson e sua filha, assim, apresentaram ao Ayrton Lobo o “Porviroscópio”, instrumento que pode mostrar os eventos futuros, até o ano de 3.527.

– O mundo meu caro, é um imenso livro de maravilhas. A parte que o homem já leu chama-se passado; o presente é a página em que esta aberto o livro; o futuro são as páginas ainda por contar. E a uma criatura que nem conhece a página aberta ante os olhos, como o senhor, vou revelar o que a ninguém ainda foi revelado: algumas páginas futuras! (LOBATO, 2009b, p. 42).

⁶² Na história da educação brasileira, no período que Monteiro Lobato escreve a obra em questão, o debate educacional sobre a organização do ensino brasileiro era intenso, na época vários teóricos entre os quais citamos Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo, amigos pessoais de Lobato, traçavam críticas ao sistema de ensino brasileiro afirmado que o mesmo era tradicional e desvinculado a vida prática, não contribuindo para desenvolver o país. (FAVORETO; GALTER, s/a).

Na sequência de diálogos, o professor Benson, traçando diversas explicações científicas sobre força, éter, átomo, relações de interferência, determinação e predeterminação, transporta Ayrton, como num passe de mágica, para momentos inimagináveis de um futuro longínquo. Nesse passe de mágica, Benson apresenta um mundo mais rico materialmente, alude para uma democracia política, entretanto, ainda apresenta contradições sociais, tal como veremos a seguir.

Ayrton em sua primeira experiência, junto “globo de cristal” se espanta ao ver um “corte anatômico do futuro”. Aqui começamos a analisar a fala das personagens sobre as questões raciais.

Em conversa com *Miss Jane*, pelo “Porviroscópio”, Ayrton Lobo descobre que no ano de 3527, a França será composta por Mongóis, que substituíram a raça branca. O jovem fica espantado com tal fato, pois para ele é algo imaginável. Diante de tal fato, Ayrton expressa um sentimento de horror o qual será rebatido por *Miss Jane*. Conforme segue diálogo:

– Que horror! Vai acontecer essa catástrofe? – exclamei.
 A jovem sábia respondeu com serena impassibilidade:
 – Por que catástrofe? Tudo o que é tem razão de ser e terá forçosamente de ser. O Amarelo vencerá o branco europeu por dois motivos muito simples: come menos e prolifera mais. Só se salvará da absorção o branco da América. (LOBATO, 2009b, p.65)

Não percebemos neste diálogo, um posicionamento que denote racismo nas falas. Entendemos que para Ayrton, o qual representa o senso comum da época, é espantoso imaginar o velho mundo povoado por algum grupo racial que não seja o branco. De nossa parte, apenas considerarmos que a visão de Lobato, para a época, ou seja, o ano de 1926, representa uma perspectiva surpreendente, dado a importância e grandeza da França composta, basicamente, por uma população branca. Se Ayrton expressa o pensamento comum da época, Lobato nas palavras de *Miss Jane*, mostra que tal fato é absolutamente possível e natural. Neste aspecto, considera que toda raça humana possui suas especificidades e qualidades.

Sobre a questão, ainda é importante ressaltar que na fala das personagens, neste momento, não considera a mistura racial. Tanto *Miss Jane* e Ayrton Lobo discorrem sobre grupos “puros” deste ou daquele grupo racial. A questão da mistura das raças aparecerá em diálogos posteriores.

Outros fatos do futuro espantam Ayrton, Miss Jane conta a ele que em 2220 acabará a era do automóvel, pois, o “radiotransporte” fará com que as pessoas não precisem sair de casa para se comunicar⁶³.

No capítulo VIII do livro, Monteiro Lobato narra o falecimento do Professor Benson, que em seu leito de morte incube Ayrton de ser amigo de Jane, fato este torna nossos personagens mais próximos nas viagens seguintes, as quais, percorrendo vários continentes, coloca em evidência o conflito das raças nos Estados Unidos, conforme Ayrton Lobo:

[...] a invasão mongólica, o feroz industrialismo na Europa mudado em contemplativismo asiático, a evolução da América num sentido inteiramente inverso... quanta coisa formidável! Mas nada me interessou tanto como o drama do choque das raças nos Estados Unidos. (LOBATO, 2009b, p. 73).

Na medida que *Miss Jane* traçava considerações sobre o que entendia ser os Estados Unidos, ela era interrompida por Lobo que trazia antigos conceitos que ouvira falar sobre esse povo. Com base em frases que ouviu de seu chefe senhor Pato, afirmava que era um “povo sem ideais, o mais materialão da terra” (LOBATO, 2009b, p.88). Com sua erudição e conhecimento, Jane convence Lobo facilmente que o povo americano possuía ideais futuristas, sendo capazes de “sacrifícios de formidáveis e interesses materiais do presente em vista de benefícios que só as gerações futuras poderão recolher (LOBATO, 2009b, p.88). Continuando, Miss Jane, ainda destaca que o povo norte-americano também possui uma rica herança genética. Segundo suas palavras:

[...] Note apenas: que é a América se não a feliz zona que desde o início atraiu os elementos mais eugênicos das melhores raças europeias? Onde há raça vital da raça branca se não lá? Já a origem do americano entusiasma. O primeiros colonos quais foram eles? A gente *do Mayflower*, quem era ela? Homens de tal tempera, caracteres tão shakespeariano, que entre abjurar as das convicções e emigrar para o deserto, para a terra vazia e selvagem onde tudo era inospitalidade e dureza não vacilaram. (LOBATO, 2009b, p. 90).

Continuando nas suas argumentações, Miss Jane ainda afirma:

⁶³ Monteiro Lobato sugere em sua obra algo muito similar ao que nós chamamos na atualidade de internet e o autor sugere essa forma de comunicação a aproximadamente 70 anos antes dela chegar a população geral, haja vista que as pessoas começaram a ter acesso a rede mundial de computadores apenas na década de 1990.

[...] o processo inicial da América, tornou-se o processo do seu acrescentamento no decorrer da história. Ondas sucessivas dos melhores elementos europeus para lá se transportam. Depois vieram as leis seletivas de emigração, e as massas que a procuravam, já de si boas, viram-se peneiradas ao chegar. Ficava a flor. O restolho voltava... Note o enriquecimento de valores que isso representou para aquela nação. (LOBATO, 2009b, p. 90; 91).

Na conversa, Jane expõe uma determinada perspectiva romantizada sobre a colonização da América do Norte. Entretanto, sem sabermos ao certo, até onde tais colocações expressam que é de Lobato, pontuamos que na época, havia vários escritos que ressaltavam uma ideia positiva sobre a colonização e história americana. Segundo Favoreto; Galter (s/a) Alex de Tocqueville, já no século XIX, se mostra entusiasmado com a cultura norte-americana e o progresso material que a jovem nação estava construindo. Da mesma forma, Anísio Teixeira, após visitar os EUA, em 1927, traçando comparações com a história brasileira, descreve que a riqueza econômica daquele país era grandiosa.

O fato é que, sem adentrarmos à problemática da colonização, a qual não é o propósito desta pesquisa, ressalta-se que no seu processo histórico, os Estados Unidos, na segunda década do século XX, já havia atingido um nível alto de desenvolvimento tecnológico, um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e um Produto Interno Bruto (PIB) superiores ao país do sul, e razão disto encontra-se no processo de colonização, pois como afirma Fiori (s/a) ele foi construído para se torna uma grande potência.

Sobre a exaltação da cultura e da história norte-americana, em parte, as descrições contidas na obra, podem ser relacionadas ao fato de ser uma obra intencionalmente escrita para ser publicada nos EUA. Sendo assim, a fala de Jane, também pode ser compreendida como uma possível intencionalidade de agradar aos leitores norte americano. Neste aspecto, é importante considerar que, todo povo busca na sua história passada os elementos que podem dar sentido ao que compreende ser sua forma de ser social, como afirma Prado Jr. (1981, p. 13) “Todo povo tem na sua evolução, vista à distância, um certo ‘sentido’. Este percebe-se não nos pormenores de sua história, mas no conjunto de fatos e acontecimentos essenciais que a constituem num largo período de tempo”.

Voltando a obra em análise, em um outro momento, deparamos com mais um pensamento de *Miss Jane* que exalta o povo norte-americanos, o qual, pode suscitar

uma suposta colocação racista de Monteiro Lobato. Porém, não se trata de um racismo contra os negros, mas de valorização de um grupo racial que constitui uma nação. A personagem *Miss Jane*, buscando explicar para Ayrton Lobo as razões de ser os EUA o “centro econômico do mundo”, afirma ser necessário refletir sobre “o fenômeno eugênico americano” (LOBATO, 2009b, p.91).

Sobre a eugenia, tal como apontamos na segunda seção dessa dissertação, é necessário destacar que Monteiro Lobato não era único que buscava compreender esta forma de pensamento. Ao contrário, as teorias Eugênicas elaboradas por Francis Galton em 1869, que buscavam abarcar a determinação hereditária, não apenas das semelhanças físicas, mas também como isto influenciava nas capacidades mentais, fundamentava muitas propostas de organização e consolidação do Brasil. Neste caso, Lobo, em pesquisa sobre os movimentos eugênicos brasileiros, destaca que os movimentos recomendavam que os casais deveriam seguir normas “higiênicas quanto à idade dos cônjuges, à sexualidade, à proteção à prole, o adultério, etc, com a intenção de modernizar a família, extrai-la do atraso colonial e organizar uma elite nacional” (LOBO, s/a, s/p.). Ainda segundo Lobo, esta forma de pensamento era ampla, o qual também se fez presente no movimento educacional escolanovista brasileiro do início do século XX. Conforme o autor:

Será, portanto, com afã nacionalista e participando do entusiasmo pedagógico que redundou na defesa da escolarização de toda a população, na multiplicação da rede de ensino e no movimento da escola nova, que os nossos eugenistas irão iniciar campanhas preventivas, implantar serviços de proteção a infância como o ambulatório de psiquiatria, cujo objetivo será intervir na família e na criança, serviços de fiscalização sanitária nos lares e nas escolas, exames psíquicos [...] (LOBO, s/a, s/p.).

Precisamos considerar que a obra literária em questão, foi escrita antes da Segunda Guerra Mundial, portanto, antes de vir à tona as atrocidades cometidas em nome da “raça pura” ou da “supremacia da raça”. Neste sentido, as observações de *Miss Jane*, nas páginas lobatianas não vislumbram o sentido do genocídio nazista que ocorre na Segunda Guerra Mundial. Talvez, ela represente apenas uma ingenuidade sobre um ciência em construção. Conforme Lobo, pode se tratar de uma “utopia eugênica” que pressupõe a formação:

[...] de uma sociedade perfeitamente organizada e produtiva porque constituída dos melhores e mais belos exemplares da espécie

precisava, para constituir esse mundo limpo das degenerescências, de levar à prática princípios regeneradores para selecionar os melhores caracteres e eliminar as taras hereditárias [...] (LOBO, s/a, s/p.).

No que se refere a obra *Presidente negro*, outro aspecto interessante sobre a questão racial, pode ser observadas nas ponderações sobre a vinda dos negros às Américas e sobre o cruzamento racial. Neste sentido, destacamos o seguinte diálogo travado entre Ayrton Lobo e *Miss Jane*:

– Está tudo muito bem – adverti eu – mas, nos Estados Unidos não penetraram apenas os elementos espontâneos que *Miss Jane* aponta. Entrou, ainda a força, arrancado da África, o negro.

– Lá ia chegar. Entrou o negro e foi esse o único erro inicial, cometido naquela feliz composição.

– Erro impossível de ser corrigido – aventurei – Também aqui arrostamos com igual problema, mas tempo acudimos com a solução prática – e por isso penso que ainda somos mais pragmáticos do que os americanos. A nossa solução foi admirável. Dentro de cem ou duzentos anos terá desaparecido por completo o nosso negro em virtude de cruzamento sucessivo com o branco. Não acha que fomos felicíssimos na nossa solução?

Miss Jane sorriu de novo com o meigo e enigmático sorriso do professor Benson.

– Não acho – disse ela. – A nossa solução foi medíocre. Estragou as duas raças, fundindo-as. O Negro perdeu suas admiráveis qualidades físicas de selvagem e o branco sofreu a inevitável piora de caráter, conseqüente a todos os cruzamentos entre raças díspares. Caráter racial é uma cristalização que as lentas se vai operando através dos séculos. O Cruzamento perturba essa cristalização, liquefa-a, torna-a instável. A nossa solução deu mau resultado.

– Quer dizer que prefere a solução americana, que não foi solução de coisa nenhuma, já que deixou as duas raças se desenvolverem paralelas dentro do mesmo território separadas por um abarreira de ódio? Aprova, então, o horror desse ódio e todas as suas tristes conseqüências?

– Esse ódio, ou melhor, esse orgulho – [...] Impediu que uma raça desnaturasse, descristalizasse a outra, e conservou ambas em estado de relativa pureza. Esse orgulho foi o criador do mais belo fenômeno de eclosão étnica que vi em meus cortes futuros.

– Mas é horrível isso! – exclamei revoltado – *Miss Jane* um anjo de bondade defende o mal... [...]

– Não há mal nem bem no jogo das forças cósmicas. O ódio desabrocha tantas maravilhas quanto o amor. O ódio criou na América a glória do eugenismo humano. (LOBATO, 2009b, p. 92).

Em margem oposta ao discurso de *Miss Jane*, Ayrton Lobo, julga cruel este pensamento de “pureza da raça”, pois gera ódio entre seres humanos, e para ele a miscigenação ocorrida no Brasil é mais eficiente e mais “humana”, pois o

“embranquecimento” ocorreria de forma “natural”, pelo cruzamento entre os sujeitos. Porém, sendo *Miss Jane* culta e letrada, Ayrton Lobo se cala diante ao conhecimento expressado pela dama, mesmo não concordando com ela.

No debate entre *Miss Jane* e Ayrton Lobo, Lobato expõe uma reflexão própria de seu momento histórico. Sendo assim, de uma lado ele exhibe os estudos que estavam sendo realizados em vários campos da ciência por intermédio da fala da personagem *Miss Jane*. No caso, a personagem é contrária a mistura das raças. Para ela, havendo a mistura, o negro perderia “suas admiráveis qualidades físicas de selvagem” e o branco “sofreria uma inevitável piora de caráter”. Do outro, Ayrton Lobo acredita ser a mistura um benefício social, visto que tenderá ao embranquecimento da população.

Até este momento, o diálogo nos leva a ver Monteiro Lobato como um autor extremamente racista e defensor das teses eugênicas. Entretanto, sendo Lobato um literato carregado de subterfúgios, é na finalização da obra que sua posição sobre tema é explicitada. Neste aspecto, a seguir pontuamos a segunda etapa da obra, a qual ele narra uma suposta história que ocorreria no futuro em que é tratado o choque das raças⁶⁴.

4.2.1 “Porviroscópio” (2228): A história do Choque

Dando sequência as nossas considerações sobre a obra “O Presidente Negro”, vamos nos ater agora ao enredo que dá nome a obra, o que nos leva a uma primeira consideração. Como em 1926, Lobato cogitou a possibilidade da existência de um Presidente Negro no comando de um dos países mais desenvolvidos do mundo, da grande potência econômica, Estados Unidos da América? Não seria ousadia do ilustre escritor ao propor algo tão descabido em tempos de segregação racial? Para conseguirmos compreender o que Lobato se propõe vamos aos fatos, ou melhor ao “Porviroscópio”.

Na obra, os antigos partidos Democrático e Republicano, se extinguíram, sendo substituído por três novos partidos, os quais, cada um, possui um personagem em destaque e são esses três personagens que conduzem a obra até o conflito final, a

⁶⁴ Quando ouvimos a palavra “choque”, remetemos nosso pensamento quase que imediatamente para o que o termo significa: conflito, colisão, encontro violento, e em seguida já nos questionamos qual é o efeito, o resultado deste choque.

saber: O Presidente branco Kerlog, a candidata do partido feminista Miss Evely Astor e o candidato do partido negro Jin Roy.

A trama trata da disputa pela cadeira presidencial do Estados Unidos em 2228, a qual movimenta o país em torno de debates raciais e de gênero. Apesar de ser Ayrton Lobo o locutor de toda a primeira parte da obra, nesta segunda, quem conta a história é *Miss Jane*, pois foi ela quem teve acesso ao “corte anatômico temporal” da história.

Na obra, Lobato apresenta um Estados Unidos seccionados por negros e brancos, em razão da manutenção de duas raças teoricamente rivais e submetidas à “Lei Owen” ou “O Código da Raça”. No mesmo sentido, Lobato também mostra que tal lei levou a raça norte-americana do futuro a passar por uma “purificação” intencional, a qual culminou na esterilização de todos os “malformados” que pudessem comprometer o futuro da espécie.

Entretanto, apesar de toda a “purificação” das raças, lobato mostra que a sociedade do futuro continuava mergulhada em conflitos sociais. Entre os conflitos, estava o medo de uma raça sobrepor a outra. Neste sentido, os brancos temiam o crescimento populacional da raça negra:

[...] apesar de submetidos aos mesmo processos restritivos dos brancos, a raça negra começou desde logo a apresentar um índice mais alto de crescimento. A proporção do negro puro relativa ao branco subiu a um quinto, a um quarto a um terço, e por fim chegou a metade... (LOBATO, 2009b, p. 99)

Desta forma, a solução branca consistia em “exportar despejar os cem milhões de negros americanos no Vale do Amazonas” (LOBATO, 2009b, p.101), porém, semelhante a história brasileira, isto não era possível diante da logística necessária, também por ferir a Constituição Americana que “impedia uma duplicidade de tratamento para cidadãos iguais entre si [...]” (LOBATO, 2009b, p.101).

Por outro lado, os negros também buscavam uma solução para o impasse. No caso, Miss Jane, em seu relato, afirma ser a “proposta mais viável e justa” (LOBATO, 2009b, p. 101). Assim descreve:

Queriam a divisão do país em duas partes, o Sul para os negros e o Norte para os brancos. Alegavam que era a América tanto de uma raça como de outra, visto como saíra do esforço de ambas; e já que não podiam gozar juntos da obra feita em comum, o razoável seria dividir-se o território em dois pedaços. (LOBATO, 2009b, p.101).

Entretanto, essa não era uma hipótese aceitável para os brancos. “[...] como os brancos preferiam continuar no *status quo* a resolver o caso por esse processo, o problema racial permanecia de pé, cada vez, mais ameaçador”. (LOBATO, 2009b, p.101).

Na disputa, começa a destacar-se uma figura no partido negro: Jim Roy, “negro de gênio”, ou seja, “negro por obstinação”. Ele possuía um porte atlético, e com uma cor de pele “esbranquiçada”. Este era um grande orador com um excelente poder de persuasão.

Era Jim Roy um homem de imenso valor. Nascera fadado aos altos destinos, com as marcas dos condutores de povo impressa em todas as facetas de sua individualidade. Como organizador e *meneur* talvez superasse os mais famosos organizadores surgido entre os brancos. A história da humanidade poucos exemplos apresentava de uma eficiência igual a sua. [...] Sempre sábias e construtoras suas instruções desciam com autoridade de dogmas sobre todas as células da Associação Negra (era o nome do partido) e as fazia moverem-se como puros autômatos. (LOBATO, 2009b, p. 103).

Por intermédio da narrativa de *Miss Jane*, Lobato apresenta Jim Roy, como atlético, mas também um sábio com grande capacidade de oratória. Em nenhum momento considera sua cor como fator de depreciação, como algo negativo na sua imagem e no seu potencial político. Na descrição, para além da disputa pelo poder, Lobato não aponta nenhum problema racial que impediria Jim Roy ser um gestor do país.

Outro debate forte presente na ficção lobatiana, é o conflito entre o masculino e o feminino. Apesar, deste não ser o objetivo desta dissertação, é essencial mostrarmos como na obra é apresentada esta relação, pois ela terá influência na conclusão da história.

Assim, *Miss Jane*, ao descrever o futuro, destaca que Partido Feminino surge do interesse do grupo feminino em conquistar sua representatividade nas esferas políticas. Isto era um problema para o Partido Masculino, haja vista que a maior parte da população americana era composta por mulheres.

Miss Evelyn Astor era a candidata do partido feminino, a qual baseava suas teses na famosa escritora *Miss Gloria Elvin*, autora da obra “Simbiose desmascarada”. Assim, o Partido Feminino partia do pressuposto que:

Em todas as épocas as mulheres dotadas de beleza sempre dominaram, atrás dos tronos como favoritas, na sociedade como cortesãs, no lar como boas deusas humanas, mas sempre por intermédio do homem – o déspota, o amante, o marido, detentores em sua qualidade de machos de todas as prerrogativas sociais. No futuro a dominação da beleza feminina não se fará mais por intermédio do macho. (LOBATO, 2009b, p.106).

Para fechar o trio concorrente a Presidência dos Estado Unidos, Miss Jane apresenta o Senhor Kerlog, que era “presidente em exercício e candidato a reeleição”. Senhor Kerlog, na sua corrida presidência, “só via” uma “possibilidade de êxito”, ou seja, que obtivesse o apoio de Jim. Sendo assim, a “próxima eleição dependeria pois exclusivamente da atitude do grande negro” (LOBATO, 2009b, p.106).

Na disputa acirrada, os grupos que se unissem, com certeza levaria a eleição e era isso que fomentava a possível união entre a Associação Negra e o Partido Feminino.

O problema americano se complicava assim, da mais imprevista maneira. Além do aspecto étnico – o inevitável choque da raça branca com a negra – surgira o aspecto como direi?, especial, isto é o conflito de duas espécies de mamíferos – *Homos* e *Sabinas* – cuja simbiose fora denunciada. (LOBATO, 2009b, p. 109).

Portanto, Kerlog buscava em Jim um acordo, já que ambos eram do mesmo sexo, já com *Miss Evelyn Astor*, não havia possibilidade de entendimento.

Durante todo o debate, apesar do senhor Kerlog buscar um acordo com o Jim Roy, ele é a personagem da trama futurista, na qual se encontram palavras que se referem ao negro de forma pejorativa em razão da cor, “[...] A mim chega a me repugnar o aspecto desses negros de pele branquicenta e cabelos carrapinhas. Dão-me a ideia de descascados” (LOBATO, 2009b, p. 129).

Já *Miss Astor* prefere considera que encontrará em Roy um aliado, não se preocupando em expressar opiniões sobre a cor de seu oponente na eleição, “tudo me leva a crer que Jim Roy não perderá a oportunidade de ajudar-nos a apear o macho branco, inimigo tradicional de sua raça [...]” (LOBATO, 2009b, p. 130).

Mas, a mulher, munida de aquilo que alguns chamam de sexto sentido, afirma a sua pretensa ministra “não sei, sinto no ar a traição, e sinto-a tão forte que ando presa de um estranho mal estar” (LOBATO, 2009b, p. 130).

Neste embuste político, começam a buscar os jogos e acordos. O que fica claro na obra lobatiana é que existe uma demasiada preocupação com a posse do poder

político, em específico, os brancos, por estarem a muito tempo no poder, apresentavam preocupação quanto ficar à mercê dos negros.

A ficção mostra a luta de interesse pela manutenção ou obtenção do poder a qualquer custo. Nenhum dos grupos que concorriam à presidência estavam preocupados com a constituição da igualdade social e união entre seus compatriotas. Todos os discursos e preocupações anunciadas, apontavam, exclusivamente, para a luta pelo poder político, vendo-o como fator que poderia defender e proteger o grupo a qual se pertence.

Pressionado para tomar uma decisão sobre quem iria apoiar, Jim Roy refletindo sobre o futuro dos negros no país, pensa que chegara o momento de ser “escravo de novo, escravo como sempre, mas desta vez escravo por heroico e livre consentimento.” (LOBATO, 2009b, p.130). Nas suas ponderações, acredita que, caso apoiasse os brancos, acreditando em um possível abrandamento da “Lei Owen”, seria traído por Kerlog que aplicaria imediatamente a “solução branca”. Da mesma forma, acredita que, se apoiasse o Partido Feminino, ele trairia as “elvinistas” que lhe propuseram união entre gênero e raça para levar a derrocada aquele que se encontra no poder a milênios: O Homem Branco. Entre essas reflexões, Jim Roy lembra da história do seu povo:

Descortinou todo o lúgubre passado da raça infeliz, Viu muito longe, viu muito longe, esfumado pela bruma dos séculos, o humilde Kraal africano visado pelo feroz negreiro branco, que em frágeis brigues vinha por cima das ondas qual espuma venenosa do oceano. Viu o assalto, a chacina dos moradores nuns, o sangue a correr, o apresamento dos homens validos e das mulheres, e a algema que lhes garroteava os pulsos, a canga que os metia dois a dois em comboios sinistros tocados a relho para as costas. Viu como goelas escuras, abrirem-se os porões dos brigues para tragar a dolorosa carne de eito. E recordou o interminável suplício da travessia... Carga humana, coisa, fardos de couro negro com carne vermelha por dentro. A fome, a sede, a doença, a escuridão. Por sobre as cabeças da carga humana, um tabuado. Por cima do tabuado, rumores de vozes. Eram os brancos. Branco queria dizer uma coisa só: crueldade fria. [...]

Viu depois a Aurora da noite de 200 anos: Lincoln. O Branco Bom disse: Basta!. Erguei exércitos e das unhas de Jefferson Davis, arrancou a pobre carne coisa.

As algemas caíram dos pulsos, mas o estigma ficou. As algemas de ferro foram substituídas pelas algemas morais do pária. O sócio branco negava ao sócio negro a participação de lucros morais nas obras comum. Negava a igualdade e negava a fraternidade, embora a lei, que paira serena acima do sangue, consagrasse a equiparação dos dois sócios.

E viu Jim que a justiça não passava de uma pura aspiração – e que só há justiça na terra quando a força impõe. (LOBATO, 2009b, p. 132; 133).

No longo trecho, Lobato mostra a subjugação violenta da raça negra à raça branca, a qual foi movida pela ganância econômica que fomenta a colonização da América. Na citação, ao contrário de um racismo contra os negros, Lobato mostra uma consciência do mal exercido pelo branco sobre o negro. E, no desenrolar da história, é a partir desta consciência que o herói negro toma sua decisão, provocando uma reviravolta na trama. Assim, as 88^o eleições presidenciais norte americana é decidida pelo líder político negro.

Então, ao invés de apoiar os homens brancos ou as mulheres brancas, Jim Roy decide ser candidato, dirigindo-se a cabine televisiva informa a população que ele era o candidato da raça negra.

A surpresa foi geral, mas aos poucos seus pares negros foram recebendo a notícia. Para Jim Roy, não bastava ser Livre, nem ser escravo por escolha, ele queria ser “[t]ambém senhor agora”. (LOBATO, 2009b, p.136).

Miss Evelyn ao perceber que Jim Roy se lança como candidato, supera a questão de gênero e se lança na luta pela manutenção da hegemonia da raça branca, assim se une ao seu rival Senhor Kerlog, pois “é indispensável promovermos a harmonia dos partidos brancos, porque só a união da raça branca nos salvará” (LOBATO, 2009b, p. 142).

Jim Roy é eleito 88^o Presidente dos Estados Unidos da América, chama seu adversário Kerlog e propõe um acordo de paz entre as raças. Assim, solicita que o rival acalme o povo branco, para que ele, também possa acalmar a população negra. Em um primeiro momento, Kerlog parece aceitar a proposta, mas depois, movido pela sua sensação de superioridade branca, recua afirmando em tom de orgulho: “acima da América está o sangue” (LOBATO, 2009b, p. 150).

Entretanto, apesar de ter ganho as eleições presidenciais, Jim Roy perde o poder de liderar a nação. Uma nova personagem surge: John Dudley, definirá a história aplicando um golpe.

John Dudley era um cientista, o qual produziu uma fórmula capilar, chamada “raios ômega”, a qual alisava imediatamente os cabelos rebeldes dos negros. Toda a população negra passou a usar o “procedimento capilar”, inclusive o presidente Jim Roy.

No dia anterior a posse, Roy recebe uma visita inesperada de Kerlog, que traz “a palavra que mata” e informa Roy sobre o golpe derradeiro da raça branca sobre a raça negra.

– Tua raça foi vítima do que chamaras de traição do branco e o que chamarei as razões do branco.

O negro esboçou um rictus de ódio.

– Traição... E é o presidente Kerlog quem justifica a traição!...

– Não justifico, Jim, consigno-a. Não a traições quando a senha é vencer.

Jim sorriu com desprezo.

– A moral branca...

– Não há moral entre raças, como não há moral entre povos. Há vitória ou derrota. Tua raça morreu Jim. [...]

– Tua raça morreu Jim, repetiu Kerlog. Com a frieza implacável nos olhos de quem nada vê acima de si. O branco pôs um ponto final no negro da América.

Jim ficou-se num instante imóvel, como que adivinhando.

– Os raios Ômega!, exclamou afinal num clarão agarrando os braços de Kerlog com os dedos crispados.

– Sim, confirmou Kerlog. Os raios de Jhon Dudley possuem virtude dupla... ao mesmo tempo que alisam os cabelos... [...]

–... esterilizam o homem. [...]

O líder branco aproximou-se daquela massa de titã extinto, afagou-lhe a cabeça omegada e disse com voz rompida de soluço:

– Perdoa-me Jim... (LOBATO, 2009b, p. 190).

Um final surpreendente, digno de uma tragédia grega ou de um romance shakespeariano, que nos leva a negar que Lobato defenda o eugenismo, o qual foi amplamente debatido no interior da obra.

Se o propósito de Lobato era inferiorizar a raça negra em contraposição a existência de uma raça branca melhor nos aspectos estéticos, morais e éticos, como explicar que conclua a obra com um golpe arquitetado pela raça branca? Como pode um povo considerado moralmente mais evoluído aplicar tamanho golpe na raça considerada inferior?

Ora leitores, como Kerlog destaca acima: “Não há moral entre raças, como não há moral entre povos. Há vitória ou derrota.” (LOBATO, 2009b, p.190), portanto nunca se tratou de melhoramento da espécie, mas sim de poder. Neste sentido, na obra, Lobato pontua a ciência como instrumento de aquisição de poder.

Assim, não consideramos esta obra como um ode ao racismo, ao suposto preconceito lobatino. Vislumbramos nesta obra a possibilidade de observarmos questionamentos, sentimentos, emoções contraditórias que permeavam os sujeitos

da época. Inclusive questiona a eficácia da teoria Eugenista, bem como toda tese que pontuava a raça negra como inferior.

Voltando aos nossos primeiros narradores, Miss Jane, é a voz da ciência e se posiciona de uma forma enfaticamente eugênica. Ayrton Lobo, se vê encantado com a beleza e vasto conhecimento da moça, o que o impossibilita de efetivar maiores questionamentos. Nesse impasse, Monteiro Lobato deixa o desenrolar da história mostra sua perspectiva sobre a questão.

Na atualidade, se pudéssemos ter acesso à um instrumento como o “Pretéritoscópio” e voltássemos ao passado, encontraríamos lá sujeitos em defesa de todas as teses levantadas por Lobato, mas entre elas, se incluiria mais uma, ou seja, Lobato afirmando que não se trata de raça, nem de melhoramento da espécie pela eugenia, mas de luta pelo poder, o qual Lobato via a ciência como fator predominante na causa.

4.3 Interlocuções entre Negrinha e o Presidente

Após as explanações apresentadas sobre as obras, podemos construir algumas interlocuções entre os sujeitos que a compõem.

Podemos relacionar Miss Jane, com a Dona Inácia, pois ambas apesar de terem comportamentos diferentes em relação a questão racial, são representantes da classe econômica dominante e, em algum momento de suas falas inferiorizam o negro.

Uma tem o prazer em desferir golpes violentos contra o outro. Assim, dona Inácia, se referindo ao trato dispensado à Negrinha, afirma “Ai! Como alivia a gente uma boa roda de cocres bem fincados!” (LOBATO, 2009b, p.21), no Presidente Negro, Miss Jane coloca que pela Eugenia poderia melhorar a questão social. Na defesa da eugenia, afirma que para ela, não se tratava de uma questão pessoal, mas de uma preocupação com o coletivo. Segundo suas palavras:

[...] Desapareceram os peludos – os surdos-mudos, os aleijados, os loucos, os morféticos, os histéricos, os criminosos natos, os fanáticos, os gramáticos, os místicos, os retóricos, os vigaristas, os corruptores de donzelas, as prostitutas, a legião inteira de malformados no físico e na moral, causadores de todas as perturbações da sociedade humana. (LOBATO, 2009b, p. 98)

Ayrton Lobo pode ser relacionado ao comportamento do Vigário, pois, ambos encontram-se de alguma forma a mercê das mulheres, o primeiro por que se vê apaixonado pela jovem moça, o segundo por que tem interesse nas contribuições financeiras que senhora pode fazer para a igreja. Em razão disso ambos fecham seus olhos para os pensamentos e atitudes que promovem a segregação e a violência racial.

Assim, a criança Negrinha é a expressão real dos abusos cometidos contra negros, asiáticos e deficientes.

Tecer essas relações entre as obras pode ser um instrumento para mostrar que Monteiro Lobato se preocupava em construir personagens capazes de tecer considerações sobre o debate de sua época. No desenrolar da história e na característica de cada um, de forma sublinhar ele pontua sua crítica ao pensamento mediado pelo preconceito racial.

5 CONCLUSÃO

Diante do debate em torno de ser ou não Monteiro Lobato agente do racismo, neste trabalho, propomos refletir sobre a questão, verificando as posições do autor em relação ao seu contexto histórico e como ele explora a questão em suas obras. Neste sentido, uma pergunta percorreu todo o processo de pesquisa, ou seja: Monteiro Lobato, pelo registro deixado sobre o seu pensamento, pode ser considerado racista ou não?

Para responder a questão, consideramos a produção lobatiana como apontamento de um pensamento de uma época brasileira carregada de contradições e debates diversos sobre a questão racial. Assim, longe de isolá-lo, buscamos compreendê-lo em relação ao contexto histórico da época. Dessa forma, buscamos verificar qual eram os aspectos culturais, legislativos e o limite do debate científico no período, tanto em relação às questões raciais debatidas no Brasil como no exterior. Também, buscamos verificar como Monteiro Lobato expunha a questão racial em suas obras por intermédio da fala de seus personagens e do desenvolvimento da trama. Em especial, selecionamos para análise as obras: *Negrinha* e *O Presidente Negro* ou *O Choque das Raças*.

Nesse sentido, na segunda seção deste trabalho, apresentamos definições e algumas fundamentações teóricas sobre o racismo, principalmente, buscamos verificar as teses explicativas de raça e como esse pensamento chega ao Brasil. Também mostramos como esse pensamento se reproduz no debate brasileiro sobre eugenia na primeira metade do século XX. Procuramos fazer uma tessitura sobre o debate em torno de ser Lobato racista ou não. Neste caso, apresentamos considerações de diversos autores que estudam e teorizam sobre a questão racial e Lobato. Dos que colocam Lobato no banco dos réus, a grande maioria é vinculada aos movimentos sociais negros. Nas suas acusações, muitos citam os termos pejorativos usados por Lobato em suas obras ao se referir à raça negra, citam também as cartas escritas por ele, principalmente a que aparece uma suposta defesa da Ku klux Klan. Ainda afirmam que ele defende a eugenia. Neste último aspecto, apontam como prova a amizade dele com Renato Khel e Arthur Neiva.

Os que defendem Monteiro Lobato em sua maioria são estudiosos da literatura Brasileira. Na defesa, argumentam que Monteiro Lobato deve ser lido no limite do pensamento racial de sua época.

Na terceira seção, mostramos aspectos sobre a vida e obra de Monteiro Lobato, destacando: trabalhos realizados no mundo empresarial, sua produção artística e sua formação teórica, seja na sua relação com seus professores, com leituras de diversos teóricos e encontros com personalidades políticas e empresariais. Nesta seção, preocupamo-nos em trazer a fala de Monteiro Lobato sobre suas experiências, sentimentos e expectativas. Ao expormos os trechos das cartas de Lobato, em alguns momentos ficava a impressão que o escritor era racista; porém, em outros trechos, a impressão era ao contrário.

Neste aspecto, a fim de responder nossa questão problema, destacamos que as cartas e os relatos de Lobato são ricos em detalhes. Porém, como são instrumentos reservados ao diálogo com seus pares, buscavam responder questões imediatas. Assim, não tinham como propósito resolver um problema teórico. Para compreender Lobato, suas cartas e experiências de vida devem ser analisadas na totalidade do seu pensamento e não em fragmentos. Desta forma, as obras literárias, ao possuírem desenvolvimento e conclusão de uma questão problema, pode ser mais consistente.

No propósito de responder se Lobato seria racista ou não, na quarta seção, selecionamos duas obras direcionadas ao público adulto que tocam diretamente na questão racial. Desta forma, efetivamos uma análise das obras *Negrinha* e *O Presidente Negro*, em que se buscou verificar as palavras usadas por Lobato para descrever as diferenças entre as raças, como ele situa os personagens, o desenvolvimento e desfecho das obras.

Foi por intermédio da análise destes polêmicos textos que conseguimos responder nossa questão inicial. Entretanto, a resposta só é possível pelo conjunto da exposição e desenvolvimento da narrativa lobatiana. A possibilidade de afirmar que Lobato não era racista, aliás, ao contrário disto, era um crítico do pensamento racista e a ciência eugenista, só pode ser apreendida se observar a construção dos diálogos nas obras e atentar-se para as mensagens subliminares, inclusive para perceber a denúncia do autor à hipocrisia social.

Ler a obra lobatiana e não se ater a estes questionamentos, fundamentando-se apenas nos termos supostamente racistas, seria no mínimo um insulto ao debate racional sobre raças, conduzindo-nos a uma perspectiva unilateral que Lobato seja racista por si só, pelo simples fato de falar de raça de uma forma que nos parece ofensiva ou politicamente incorreta, na contemporaneidade.

Naquele período histórico a figura do negro, mesmo que liberto, ainda era vinculada ao trabalho escravo e Lobato, como neto de escravagista, se criou observando este processo de transição cultural. Romper com uma cultura de subordinação social não é fácil. Neste sentido, os termos pejorativos de Lobato ao se referir à raça negra, que são interpretados na atualidade como racistas, para a sua época não eram ainda considerados crimes. Lobato situado em um contexto que o racismo estava presente nas relações sociais, utiliza-se dos termos pejorativos para denunciar a violência física e moral contra os negros. Assim, se faz necessário observar que tais termos estão, ora na boca da insolente Emília, ora na da sádica dona Inácia ou na fala de Miss Jane, que expõem a tese da eugenia, a qual Lobato, ironicamente, pelo desenrolar da história, aponta ser falsa.

Percebemos na obra “Negrinha” uma denúncia latente sobre as agruras pela qual passa a pobre criança negra, enquanto que o Vigário que poderia agir em defesa da criança, finge não notar e nada faz para mudar a situação. Em “O Presidente Negro”, a tese eugênica, vislumbrada por uma perspectiva maniqueísta de sujeito “bom” ou “mau”, é posta em xeque ao finalizar a obra com o golpe dos brancos sobre os negros, mostrando que, para além da luta racial, trata-se de uma luta pelo poder.

Portanto, destacamos que, na medida em que buscamos captar, o debate racial na obra de Monteiro Lobato, refletiu-se sobre a questão educacional. Neste aspecto, grifamos que a obra literária, mesmo que fictícia, é também uma obra educativa, visto que os personagens expressam formas de comportamento e de pensamento que podem impingir no leitor reflexões sobre sua vida e os pensamentos sociais.

Compreendemos que a literatura oferece uma rica possibilidade de ampliar a capacidade reflexiva e construir ideias. Porém, para que a literatura possa ser um aspecto construtivo, ela necessita do professor mediador, o qual ajude o estudante a observar, a estabelecer relações entre as personagens, a obra e o seu contexto.

Esperamos que a partir destas reflexões possamos oferecer aos profissionais da educação uma oportunidade para repensar suas práticas pedagógicas no que diz respeito à efetivação da lei 10.639/03⁶⁵. Neste sentido, as obras de Monteiro Lobato podem contribuir para desconstruir o preconceito racial ainda tão presente em nossa sociedade.

⁶⁵Lei 10.639/03 que estabelece Diretrizes e Bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>

Acreditamos, então, que esta análise possibilitará o desenvolvimento da consciência autônoma e crítica nos leitores de Lobato, essencialmente nos educadores e educandos, para que estes adquiram uma postura independente sobre como trabalhar com esta literatura em sala de aula, considerando a obra e o debate historiográfico atual.

De modo geral, a leitura da obra de Lobato, para além da resposta de ser ele racista ou não, pode trazer aspectos importantes para refletirmos sobre como pensamos e agimos na atualidade. No caso, voltar ao passado e verificar como os negros eram tratados e/ou como as questões da eugenia se revestiam de um discurso científico para naturalizar as diferenças raciais, nos permite questionar se não cometemos os mesmos absurdos, e nada percebemos diante da naturalização da opressão social.

Lamentavelmente, apesar de todo o desenvolvimento cultural, histórico e científico que traçou críticas ao racismo, é comum ainda hoje encontrar pessoas acreditando que o homem branco, seja por questões morais e/ou de inteligência, naturalmente superior ao negro e ao índio. Da mesma forma, outros acreditam que o homem é naturalmente superior à mulher, ou o jovem é superior ao idoso e à criança, o rico acredita ser superior ao pobre e, assim por diante, há sempre alguém para afirmar ou defender privilégios em nome de uma suposta superioridade. Contudo, esta postura pode ser superada e transformada longo de nossa trajetória, pois, como afirma Lobato (1957, p. 337): “Nós nos construímos lentamente, não nascemos prontos”.

6 REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Política**, 1, 2. 1252a. Tradução: José Oscar de Almeida Marques, IFHC – UNICAMP. Acesso em: 02 Abril de 2017. Disponível em: <www.unicamp.br/~jmarques/cursos/1998-hg-022/politica.doc>

BANDEIRA, Pedro. **Entrevista concedida a Revista Nova Escola**. *Youtube*, 24 mar. 2011. Acesso em: 28 de Julho de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D6rIXEbQb-s>>

BRANDÃO, Z. **A historiografia da educação na encruzilhada**. In: SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. V.; SANFELICE, J. L. (Orgs) *História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual*. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR ano 2006. p. 109-123.

BRASIL, 1940. **Código Penal Brasileiro**. Acesso em: 18 de junho de 2016. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/De12848.htm>

BRASIL, 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Acesso em: 18 de junho de 2016. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>

BRASIL, 1989. **Lei 7.716. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor**. Acesso em: 18 de junho de 2016. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7716.htm>

BRASIL, 2003. **Lei 10.639. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira**. Acesso em: 18 de junho de 2016. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>

BRASIL, 2010. **Parecer CNE/CEB 15/2010**. Acesso em: 04 de Abril de 2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6702-pceb015-10&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192>

BRASIL, 2011. **Parecer CNE/CEB 06/2011**. Acesso em: 04 de Abril de 2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8180-pceb006-11-pdf&category_slug=junho-2011-pdf&Itemid=30192>

BRASIL, 2012. **Lei 12.711- Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências**. Acesso em: 20 de Agosto de 2016. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm>

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicolas; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política L-Z**. vol.2. Brasília: Editora UNB, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**, São Paulo: Cultrix, 2001.

_____. **O Positivismo no Brasil**: uma ideologia de longa duração. Acesso em: 08 de Agosto de 2016. Disponível em: <<http://www.machadodeassis.org.br/abl/media/prosa43c.pdf>>

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato**: vida e obra. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. v. 1 e 2.

CECCANTINI, João Luis Cardoso. **Notícias Univesp** – Racismo na obra de Monteiro Lobato. *Youtube*, 15 out. 2012. Acessada em 28 de Julho de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=p9e1prp-TD8>>

E.U.A, 1776. **Declaração de Independência dos Estados Unidos da América**. Acesso em: 04 de novembro de 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/pessoal/jneto/gradua/historia/recdida/declaraindepeEUAHISJNeto.pdf>>

DELCONT, Valdeir. **Francis Galton**: Eugenia e Hereditariedade. *Rev. Scientia e Studia*. São Paulo, v. 6, n. 2, p. 201-18, 2008. Acesso em: 05 de outubro de 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662008000200004>

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Edusp, 1995.

FAVORETO, Aparecida; GALTER, Marinalva. **Anísio Teixeira na história da educação brasileira: da educação européia à norte-americana**. Acesso em: 07 de Julho de 2016. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario7/TRABALHO_S/A/Aparecida%20favoreto.pdf>

FAVORETO, Aparecida. **Pioneiros do Marxismo e da Escola Nova no Brasil: O lugar da escola no processo histórico**. In: *Cadernos de Pesquisa*, São Luís, v. 22, n. 2, mai./ago. 2015. Acesso em: 26 de setembro de 2016. Disponível em: <www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/.../article/.../3905/2051>

_____. **Marxismo e Educação no Brasil (1922-1935)**: o discurso do PCB e de seus intelectuais. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

FERES JR, João; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes; EISENBERG, Zena Winona. **Monteiro Lobato e o Politicamente Correto**. Acesso em 12 de maio de 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/dados/v56n1/a04v56n1.pdf>>

FIORI, José Luís. **O Poder Global dos Estados Unidos**: formação, expansão e limites. Acesso em: 15 de março de 2017. Disponível em:

<<http://www.poderglobal.net/wp-content/uploads/2015/08/CAPITUALO-ESTADOS-UNIDOS-FIORI.pdf>>

FRANCE, Anatole. **Sur La Pierre Blanche**. Paris: Calmann – Levy, 1905.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. 51ª ed. São Paulo: Global, 2006.

GAHYVA, Helga da Cunha. A epopéia da decadência: um estudo sobre o Essai sur l'inégalité des races humaines (1853-1855), de Arthur de Gobineau. In: **Mana**. vol.17 no.3. Rio de Janeiro Dec. 2011. Acesso em: 20 de julho de 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132011000300001&script=sci_arttext

GROTO, Silvia Regina; MARTINS, André Ferrer P. **A literatura de Monteiro Lobato na discussão de questões acerca da natureza da ciência no ensino fundamental**. Revista Ensaio. Belo Horizonte: v.17, n. 2, p. 390-413, maio-ago, 2015. Acessado em: 20 de Setembro de 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epec/v17n2/1983-2117-epec-17-02-00390.pdf>>

HABIB, Paula Arantes Botelho Briglia. **Saneamento, Eugenia e Literatura: Os Caminhos Cruzados de Renato Kehl e Monteiro Lobato (1914-1926)**. XXIV Simpósio Nacional de História: São Leopoldo, 2007. Acesso em: 18 de setembro de 2016. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0436.pdf>>

HASS, Ben. **Ku Klux Klan**. [S.l]: Dinal, 1966.

KEHL, Renato. **Lições de Eugenia**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1935.

LACERDA, João Batista. **Sobre os Mestiços do Brasil**. Paris, 1911. Acesso em: 02 de Outubro de 2016. Disponível em: <https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/247540/mod_resource/content/1/Sobre%20os%20mesti%C3%A7os%20do%20Brasil.pdf>

LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato um brasileiro sob medida**. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. **Entrevista concedida a Revista Nova Escola**. *Youtube*, 24 mai, 2011. Acesso em: 28 de Julho de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aKAUuOTQ3Vs>>

_____. Apresentação – Todo livro tem uma história. Este tem várias. In: **Monteiro Lobato, Livro a Livro**. LAJOLO. M (org). São Paulo: Unesp, 2014.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. In: **Estudos de Psicologia**. 2004, 9(3), 401-411. Acesso realizado em 10 de Abril de 2017. Disponível em: <http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:_Pxr63f8iHEJ:scholar.google.com/+diferen%C3%A7a+entre+racismo+e+preconceito&hl=pt-BR&as_sdt=0,5>

LOBATO, Monteiro. **Uma Velha Praga**. Jornal o Estado de São Paulo: 1914, p. 3. Acesso em: 03 de março de 2016. Disponível em: <<http://queimadas.cptec.inpe.br/~rqueimadas/material3os/mlobato.htm>>

_____. **Paranóia ou Mistificação?**. Jornal o Estado de São Paulo: 20 dez. 1917. Acesso em: 3 de março de 2016. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/brasil/paranoia-ou-mistificacao/>>

_____. Na mira da Ditadura (1940-1944). In: **Museu Histórico, Folclórico e Pedagógico Monteiro Lobato**: 1941. Acesso realizado em 02 de Agosto de 2016. Disponível em: <<http://museumonteirolobato.com.br/na-mira-da-ditadura/>>

_____. **A Barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1957. (1º.vol)

_____. **A Barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1957. (2º.vol)

_____. **Geografia de Dona Benta**. São Paulo: Círculo do Livro. s/a.

_____. **Memórias de Emília**. São Paulo: Globinho, 2007.

_____. **Negrinha**. São Paulo: Globo, 2009a.

_____. **O Presidente Negro**. São Paulo: Globo, 2009b.

LOBO, Lilia Ferreira. **Movimento Eugênico**: Tribunal de Todos os Desvios. Acesso em: 02 de Fev. 2017. Disponível em: <http://www.slab.uff.br/images/Aquivos/textos_sti/Lilia%20Lobo/texto31.pdf>

MACHADO, Maria Cristina Gomes. **Reinações de escritor: Monteiro Lobato**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 1993.

MANN, Thomas. **Discursos contra Hitler**: Ouvintes Alemãs! (1940-1945). Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MARINGONI, Gilberto. **História – O Destino dos Negros Após a Abolição da Escravatura**. São Paulo, ano. 8, ed. 70, 2011. Acesso em: 03 de março de 2017. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D28&Itemid=23>

MARTINELLI, Laís Pacífico. **Monteiro Lobato e a Educação**: da crítica à produção de uma nova literatura infantil brasileiro. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2014. Acesso em: 18 de Abril de 2016. Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2014%20-%20Lais.pdf>>

MARTINS, Milena Ribeiro. Negrinha. In: **Monteiro Lobato Livro a Livro**.Org: LAJOLO, M. São Paulo: Unesp, 2014.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. How Henry Ford is regarded in Brasil: a dimensão industrializante do pensamento lobatiano. In: **Monteiro Lobato Livro a Livro.Org**: LAJOLO, M. São Paulo: Unesp, 2014.

MIGUEL, Adilson. Lobato e o racismo. In: **Revista Emilia**. Fev, 2013, s/p. Acesso: em 08 de Novembro de 2015. Disponível em: <<http://www.revistaemilia.com.br/mostra.php?id=277>>

MILLIET, Sergio. Um sentimental apaixonado. **Ciência & Trópico**, nº 9, maio, 2011. Acesso em: 02 de Agosto de 2016. Disponível em: <<https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/276/169>>

NIGRI, André. Monteiro Lobato e o Racismo. **Revista Bravo**. Vol. N. 165, 2011. Acesso em: 27 de Abril às 19:24. Disponível em: <<http://bravonline.abril.com.br/materia/monteiro-lobato-e-o-racismo#image=165-capa-racismo-1->>

OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 1996.

PEREIRA, Lupércio A. **Limites Históricos do Pensamento Abolicionista: Uma contribuição ao estudo do gradualismo adotado na abolição da escravidão no Brasil**. 1986. 260 f. Dissertação (Mestrado em História) Instituto de Letras, História e Psicologia, UNESP, Assis.

PRADO, JR. Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo – colônia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. Acesso em: 02 de novembro de 2016. Disponível em: <<http://150.164.100.248/profs/sergioalcides/dados/arquivos/caioprado.pdf>>

SÃO PAULO. Ordem dos Advogados do Brasil de São Paulo. **A Prisão de Monteiro Lobato**. Acesso em: 10 de Outubro de 2016. Disponível em: <<http://www.oabsp.org.br/sobre-oabsp/grandes-causas/a-prisao-de-monteiro-lobato>>

SANTOS, José Carlos dos. **Construir Fronteiras – Nacionalismo e Territorialismo no Paraná nos séculos XIX e XX**. Campo Mourão/Pr: Editora da FECILCAM, 2014.

SANTOS, David Raimundo. **Notícias Univesp** – Racismo na obra de Monteiro Lobato. *Youtube*, 28 set, 2012. Acesso em: 28 de Julho de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=muwOuMwkeOI>>

SEGATO, Rita Laura. **Cotas por que reagimos?** REVISTA USP, São Paulo, n.68, p. 76-87, dezembro/fevereiro 2005-2006.

SILVA, João Carlos. **Utopia positivista e instrução pública no Brasil**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.16, p. 10 - 16, dez. 2004. Acesso em 10 de abril de 2017. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis16/art2_16.pdf>

SILVA, Raquel Afonso. Problema vital: a restauração do Brasil sob a ótica da medicina higienista. In: **Monteiro Lobato Livro a Livro**.Org: LAJOLO, M. São Paulo: Unesp, 2014.

SKIDMORE, Thomas. **Preto no Branco. Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SOUZA, Jessé. Democracia Racial e Multiculturalismo: a ambivalente singularidade Cultural Brasileira. In: **Estudos Afro-Asiáticos**, nº38. Rio de Janeiro, Dez 2000. Acesso em: 17 de Junho de 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-46X2000000200007>

TEIXEIRA, Anísio. **Em Marcha para a Democracia, á margem dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1934.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo S. **Introdução a pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2006.

UNESCO. **The race question**. 1950. Acesso em: 10 de Abril de 2017. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001282/128291eo.pdf>>

VIANNA, Oliveira. **Raça e Assimilação**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1959.

VICENTE, José. **Notícias Univesp – Racismo na obra de Monteiro Lobato**. *Youtube*, 15 out. 2012. Acessada em 28 de Julho de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Rno-bnehdGA>>

VIGOTSKY, Liev Semionovitch. **A Formação Social da Mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

_____. **A construção pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VILA, Martinho. **Monteiro Lobato não era racista. Nós também não somos**. Acesso em: 16 de maio de 2016. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/monteiro-lobato-nao-era-racista-nos-tambem-nao-somos/#ixzz49CLCZOgs>>

ZAMORA, Maria Helena. A BURCA – Notas para a compreensão do estupro. **Vivência**, nº32, p.311-320, 2007. Acesso em: 08 de Agosto de 2016. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/32/PDF%20para%20INTERNET_32/CAP%2020_MARIA%20HELENA%20ZAMORA.pdf>

WEDDERBURN, Carlos Moore. **O Racismo através da História: da Antiguidade a Modernidade**. Acesso em 10 de maio de 2016. Disponível em: <<http://www.abruc.org.br/sites/500/516/00000672.pdf>>

7 APÊNDICE

Abaixo segue um quadro⁶⁶, com momentos significativos da biografia de Monteiro Lobato relacionado aos fatos históricos.

Ano	Vida e Obra de Lobato	Fato histórico
1882	No dia 18 de Abril nasceu em Taubaté - SP, José Renato Monteiro Lobato, filho de José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Augusta Monteiro Lobato, na casa de seu avó Materno José Francisco Monteiro, mais conhecido como Visconde de Tremembé.	*População Brasileira: 12.274.966
1883		*População Brasileira: 12.515.213 **Organização de uma Conferencia Abolicionista no Brasil
1884		*População Brasileira: 12.760.164 **Libertação dos escravos no Ceará e no Amazonas.
1885		*População Brasileira: 13.009.916 **Aprovação da lei dos Sexagenários, que liberta os escravos aos sessenta e cinco anos.

⁶⁶ Os dados estatísticos do quadro que aparecerem com (*) foram retirados do site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no link <<http://seculoxx.ibge.gov.br/>>. Os dados que aparecerem com ** foram extraídos do livro *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*, de Marisa Lajolo, obra que inspirou a elaboração deste quadro.

1886	Nascimento de Ester Monteiro Lobato.	*População Brasileira: 13.264.549 **Fundação da Sociedade Promotora da Imigração
1887		*População Brasileira: 13.524.168 **Recusa do exército em envolver-se na captura de escravos fugidos
1888	Alfabetizado por sua mãe, Monteiro Lobato, que ainda era chamado por José Renato, inicia suas aulas particulares com Joviano Barbosa	*População Brasileira: 13.788.867 **Abolição da escravatura
1889	Passa a frequentar em Taubaté, os colégios: Kennedy, Americano e Paulista.	*População Brasileira: 14.058.751 15 de novembro Proclamação da República.
1890		**Crise econômica do Encilhamento. *População Brasileira: 14,333,915 *Chegam ao Brasil 106.819 Imigrantes. *A população que não sabe ler nem escrever é de 12.213.356 *População Alfabetizada 2.210.559 Eleições para a Assembleia Constituinte.
1891		*População Brasileira: 14.607.621

		**Renúncia de Deodoro da Fonseca e posse de Floriano Peixoto.
1892		*População Brasileira: 14.886.555
1893	Modifica seu nome para José Bento e começa a estudar no Colégio São João Evangelista.	*População Brasileira: 15.170.815 **Revolta da Armada
1894	**Ganha e usa envergonhadíssimo sua primeira calça comprida.	*População Brasileira: 15.460.502
1895	Viaja para São Paulo em dezembro, onde presta exames preparatórios para o Instituto de Ciências e Letras em janeiro.	*População Brasileira: 15.755.721
1896	Reprova em português nos exames, retorna a Taubaté matricula-se no Colégio Paulista. Começa a colaborar com o jornalzinho estudantil O Guarany. Lê muito e coleciona textos de sua preferência. Em dezembro retorna a São Paulo, refaz o exame para o Instituto e é aprovado.	*População Brasileira: 16.056.578
1897	Muda para São Paulo e começa seus estudos no Instituto de Ciências e Letras, onde fica em regime de internato por três anos.	*População Brasileira: 16.363.180 **Destruição do Arraial de Canudos
1898	Seu pai morre em 13 de junho. Participa pela primeira vez do Grêmio Literário Alvares de Azevedo.	*População Brasileira: 16.675.636

1899	Sua mãe morre em 22 de junho.	*População Brasileira: 16.994.059
1900	Inicia seus estudos na Faculdade de Direito de São Paulo. Funda uma Arcádia Acadêmica, junta a seus colegas de curso, no qual na primeira sessão apresenta um discurso intitulado Ontem e Hoje.	*População Brasileira: 17.318.556 *Chegam ao Brasil 37.807 imigrantes. *A população que não sabe ler nem escrever é de 12.939.753. *População Alfabetizada 4.448.681
1901		*População Brasileira: 17.821.092
1902	Torna-se Presidente da Arcádia Acadêmica. Escreve artigos sobre teatro no jornal Onze de Agosto.	*População Brasileira: 18.338.834. *2º Congresso Socialista Brasileiro em São Paulo.
1903	Forma-se O Cenáculo, grupo acadêmico que reunia jovens literatos estudantes de direito, composto por: Monteiro Lobato, Ricardo Gonçalves, Candido Negreiros, Raul de Freitas, Godofredo Rangel, Tito Livio Brasil, Lino Moreira e José Antonio Nogueira.	*População Brasileira: 18.872.266
1904	Após se tornar bacharel em direito, Monteiro Lobato regressa a Taubaté. Vence um concurso de contos, o texto <i>Gens ennuyeux</i> é publicado no jornal Onze de Agosto.	*População Brasileira: 19.421.877 *Revolta contra as medidas Sanitárias adotadas no Rio de Janeiro.

1905	Vivendo em Taubaté Monteiro Lobato reclama da vida no interior e idealiza o sonho de fundar uma fábrica de geleias em sociedade com um amigo.	*População Brasileira: 19.988.183
1906	Começa a namorar com Maria Pureza da Natividade e com o auxílio do seu avô assume, interinamente a promotoria de Taubaté.	*População Brasileira: 20.569.894 **Medidas econômicas de proteção do café.
1907	Torna-se promotor no município de Areias	*População Brasileira: 21.163.827 *Matrículas Escolares Absoluta 638.378 *Unidades Escolares 12.448 *Bibliotecas no país 400 *Despesas com ensino primário 20.444\$155
1908	Casa-se com Maria Pureza em 28 de março.	*População Brasileira: 21.786.016
1909	Nasce Marta, a primogênita do casal, em março, e Lobato, insatisfeito com a vida pacata de Areias, cogita a possibilidade de abrir uma venda.	*População Brasileira: 22.421.918 Despesas com ensino primário 812.270\$842
1910	Nasce Edgar, seu segundo filho. Torna-se sócio a um negócio de estrada de ferro.	*População Brasileira: 23.077.185 **86.751 Imigrantes chegam ao Brasil **67% da população brasileira vive no campo.

1911	Herda de seu avô a fazenda Buquira, toda a família muda-se para lá e Lobato procura efetivar a modernização da lavoura e da criação. Instala um externato em Taubaté e confia gerência a seu cunhado.	*População Brasileira: 23.752.429 *Despesas com ensino primário 19.060\$756 Congresso Internacional das Raças (Paris). Representante do Brasil foi João Batista de Lacerda.
1912	Nasce Guilherme, seu terceiro filho.	*População Brasileira: 24.448.350 *Despesas com ensino primário 43.751\$756 *Bibliotecas no país: 455
1913	Planeja explorar comercialmente o viaduto do chá com seu colega Ricardo Gonçalves.	*População Brasileira: 25.165.472
1914	Publica em 12 de novembro o artigo “Velha Praga”, em 23 de dezembro publica “Urupês”, ambos no o jornal O Estado de São Paulo.	*População Brasileira: 25.904.532 **Início da Primeira Guerra Mundial.
1915		*População Brasileira: 26.666.230
1916	Envolve-se com Política, na vila de Buquira, mas não se dedica à atividade. Nasce Ruth, sua última filha. Começa a colaborar com a Revista do Brasil recém fundada.	*População Brasileira: 27.451.357
1917	Vende a fazenda e muda-se com a família para SP. Em Caçapava, funda a revista Paraíba. Elabora para o jornal O Estado de São Paulo uma pesquisa sobre o	Revolução Russa – o partido Bolchevique assume o poder e Vladimir Lênin assume o governo. *População Brasileira: 28.260.512

	Saci. Escreve e publica severas críticas a exposição de pintura de Anita Malfatti.	1ª Conferência Eugênica, realizada na Associação Cristã de Moços. **Greve operária em São Paulo. **500.000 habitantes em SP.
1918	Em maio compra a Revista do Brasil. Em julho publica com retumbante sucesso o livro Urupês. Funda a editora Monteiro Lobato e Cia. Publica com o título o Problema Vital, um conjunto de artigos sobre saúde pública.	*População Brasileira: 29.094.538
1919	Rui Barbosa, em campanha eleitoral evoca a figura do Jeca Tatu, reacendendo a velha polêmica.	*População Brasileira: 29.954.227
1920	O conto "Os Faroleiros" serve de argumento para um filme de Antonio Leite e Miguel Milani. Lança "A menina de narizinho arrebitado" (álbum).	*População Brasileira: 30.635.605 *A população que não sabe ler nem escrever é de 23.142.246, sendo que deste número 11.401.715 são maiores de 15 anos. *População Alfabetizada 7.493.357 **São Paulo conta com 20 casas editoras que movimentam 3.500 contos.
1921	Lança Narizinho Arrebitado, com anúncios na imprensa e distribui 500 exemplares gratuitos para escolas.	*População Brasileira: 31.457.887

1922	Inscribe-se para uma vaga na Academia Brasileira de Letras, mas desiste.	*População Brasileira: 32.089.922 **Semana da Arte Moderna em São Paulo é parte das celebrações do centenário da independência. Levante tenentista no forte de Copacabana.
1923		*População Brasileira: 32.734.655 **Inicio da Coluna Prestes.
1924	Incorpora gráfica moderníssima a sua editora.	*População Brasileira: 33.392.342
1925	A editora de Monteiro Lobato vai a falência. Em sociedade com Octales Marcondes, a Companhia Editora Nacional. Transfere-se para o Rio de Janeiro.	*População Brasileira: 34.063.243
1926	Concorre a uma vaga na Academia Brasileira de Letras e é derrotado. Em carta ao recém empossado Washington Luis, defende os interesses da indústria editorial. Publica em Folhetim o Presidente Negro.	*População Brasileira: 34.747.623
1927	É nomeado adido comercial brasileiro em Nova Iorque, para onde se muda. Planeja a fundação da <i>Tupy Publishing Company</i> .	*População Brasileira: 35.445.753 *Bibliotecas no país 1.256 Iniciou a aviação comercial brasileira.
1928	Entusiasmado com os Estados Unidos, visita em Detroit a Ford e	*População Brasileira: 36.157.910

	a General Motors. Organiza uma empresa brasileira para produzir aço pelo processo <i>Smith</i> .	
1929	Joga na Bolsa de Nova Iorque e perde tudo o que tem.	*População Brasileira: 36.884.375 Começam os voos entre New York – Rio de Janeiro – Buenos Aires pela Nyrba.
1930	Para cobrir suas perdas com o crack da Bolsa, vende suas ações da Companhia Editora Nacional.	*População Brasileira: 37.625.436 **33.049 escolas de Ensino Fundamental no Brasil. **2.084.954 matrículas no Ens. Fundamental. **72.541 matrículas de Ens. Médio. **Revolução põe fim a Primeira República.
1931	Retorna dos Estados Unidos. Funda a Companhia do Petróleo Nacional. Organiza a publicação de várias histórias infantis no volume <i>Reinações de Narizinho</i> . Por alguns anos, seu tempo é integralmente dedicado à campanha pelo petróleo, e sua sobrevivência é garantida pela publicação de histórias infantis e traduções de livros.	*População Brasileira: 38.381.385
1932		*População Brasileira: 39.152.523 *Matrículas Efetivas no Ensino Primário, Fundamental e Complementar 1.787.080

		<p>*Despesa com Ensino e Cultura municipal, estadual e da união 302.032.854\$</p> <p>**Revolução Constitucionalista em São Paulo.</p>
1933		<p>*População Brasileira: 39.939.154</p> <p>* Matrículas Efetivas no Ensino Primário, Fundamental e Complementar 1.884.501</p> <p>*Unidades Escolares 32.430</p> <p>*Associações Culturais existentes 513 sendo a maior parte em São Paulo 121</p> <p>*Despesa com Ensino e Cultura municipal, estadual e da união 330.878.640\$</p> <p>**Primeira eleição Brasileira (escolha da Assembleia da Constituinte) em que mulheres votam.</p>
1934	Sua História do Mundo Para Crianças, começa e sofre críticas e censura da igreja.	<p>*População Brasileira: 40,741.589</p> <p>*Matriculas Efetivas no Ensino Primário, Fundamental e Complementar 2.032.429</p> <p>*Bibliotecas no país 1.257</p> <p>*Despesa com Ensino e Cultura municipal, estadual e da união 338.925.150\$</p> <p>**Criação da Universidade de São Paulo.</p>

1935		<p>*População Brasileira: 41.560.147</p> <p>*Chegam ao Brasil 29.585 imigrantes.</p> <p>*Matriculas Efetivas no Ensino Primário, Fundamental e Complementar 2.171.549</p> <p>*Número de Professores inscritos na Diretoria Nacional de Educação 8.012</p> <p>*Obras Registradas na Biblioteca Nacional para garantia de direitos autorais 107</p> <p>*Despesa com Ensino e Cultura municipal, estadual e da união 410.214.676\$</p>
1936	<p>Apresentando um dossiê em prol da sua campanha pelo petróleo, O Escândalo do Petróleo, esgota várias edições. Ingressa na Academia Paulista de Letras. O governo proíbe e recolhe O Escândalo do Petróleo. Morre Heitor de Morais cunhado de Monteiro Lobato seu correspondente e grande amigo.</p>	<p>*Matriculas Efetivas no Ensino Primário, Fundamental e Complementar 2.299.022</p> <p>*Número de Professores inscritos na Diretoria Nacional de Educação 4.625</p> <p>*Despesa com Ensino e Cultura municipal, estadual e da união 435.234.642\$</p>
1937		<p>*Matriculas Efetivas no Ensino Primário, Fundamental e Complementar 2.447.007</p> <p>*Despesa com Ensino e Cultura municipal, estadual e da união 524.748.732\$</p>

		<p>*Museus Existentes nas capitais 30</p> <p>**Inicio da Ditadura do Estado Novo.</p> <p>**Criação do Instituto Nacional do livro.</p> <p>*De acordo com O Movimento do Registro Civil, no Rio de Janeiro houve um total de 33.025 nascidos vivos registrados, sendo que 25.552 brancos; 6.006 pardos, 1.451 negros e 16 amarelos.</p>
1938	Cria a União Jornalística Brasileira, empresa destinada a redigir e distribuir notícias pelos jornais.	<p>*Matrículas Efetivas no Ensino Primário, Fundamental e Complementar 2.571.053</p> <p>*Unidades Escolares Ensino Primário e Secundário 43.083</p> <p>Criação do CNP – Conselho Nacional do Petróleo, que determinou que as jazidas pertencem à união.</p>
1939	Carta de Monteiro Lobato ao Ministro de Agricultura precipita a abertura de um inquérito sobre o Petróleo. Em fevereiro morre seu filho Guilherme.	<p>**45.002.226 habitantes no Brasil.</p> <p>*Unidades Escolares Ensino Primário e Secundário 44.537</p> <p>**Início da Segunda Guerra Mundial.</p>
1940	Recebe (e recusa) convite de Getulio Vargas para dirigir um Ministério da Propaganda. Em carta a Vargas, faz severas críticas a política brasileira dos	<p>*População Brasileira: 41.700.000</p> <p>*Chegam ao Brasil 18.796 imigrantes.</p>

	minérios. O teor da carta é tido como subversivo e desrespeitoso.	*Unidades Escolares Ensino Primário e Secundário 46.583 *Número de Alfabetizados com 18 anos ou mais 9.143.563 **3.302.857 matrículas no Ens. Fundamental. **821 escolas de Ens. Médio **170.057 matrículas no Ens. Médio.
1941	Em março é preso pelo Estado Novo, permanecendo detido até junho. A tiragem de seus livros passa de 1. 200. 000 cópias.	*Chegam ao Brasil 9.721 imigrantes. *Ensino Primário, Fundamental e Complementar: *Matrículas 2.777.944 *Unidades escolares 43.134 O Governo Anuncia o estabelecimento do campo de exploração petrolífera de Candeias, Bahia.
1942	Em fevereiro morre seu filho Edgar.	*População Brasileira: 43.500.000 *Chegam ao Brasil 4.330 imigrantes. *Ensino Primário, Fundamental e Complementar: Matrículas 2.774.012 Unidades escolares 43.752 **Declaração de Guerra do Brasil a Alemanha.
1943	Comemora 25 anos da publicação de Urupês.	*Chegam ao Brasil 5.153 imigrantes. *Ensino Primário, Fundamental e Complementar:

	Suas vendas passam de 1.000.000 só nas tiragens de literatura infantil.	Matrículas 2.765.707 Unidades escolares 43.421
1944	Recusa a indicação para a Academia Brasileira de Letras.	*População Brasileira: 47.100.00 *Chegam ao Brasil 4.372 imigrantes. *População de São Paulo (capital) 1.437.019 *Ensino Primário, Fundamental e Complementar: Matrículas 2.804.541 Unidades escolares 42.697
1945	Em setembro opera-se de um cisto no pulmão. Recebe e recusa convite para integrar a bancada de candidatos do Partido Comunista Brasileiro. Envia saudação a Luis Carlos Prestes, a ser lida no comício em Pacaembu. Integra a delegação de escritores paulistas ao I Congresso Brasileiro de Escritores.	*Ensino Primário, Fundamental e Complementar: Matrículas 2.995.364 Unidades escolares 44.794 **46.002.000 habitantes no Brasil. Fim da Segunda Guerra Mundial. Fim do Estado Novo. Deposição de Getúlio Vargas. Chegam a São Paulo Aproximadamente 20 mil pessoas por mês.
1946	Muda-se para a Argentina. É contrário a fundação de um Museu de Arte Moderna em São Paulo. Prepara para a editora Brasiliense a edição de suas obras completas.	
1947	Regressa ao Brasil.	*População Brasileira: 48.000.000

1948	Em abril, um primeiro espasmo vascular afeta a motricidade de Monteiro Lobato. Em 4 de julho morre de madrugada, seu corpo é velado na Biblioteca Municipal e o sepultamento realiza-se no Cemitério da Consolação.	
------	---	--